

Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde

SÉRGIO RIBEIRO DE ALMEIDA MARCONDES

**“NÓS, OS CHARLATÃES”: GASTÃO
PEREIRA DA SILVA E A DIVULGAÇÃO DA
PSICANÁLISE EM *O MALHO* (1936-1944)**

Rio de Janeiro
2015

SÉRGIO RIBEIRO DE ALMEIDA MARCONDES

**“NÓS, OS CHARLATÃES”: GASTÃO PEREIRA DA
SILVA E A DIVULGAÇÃO DA PSICANÁLISE EM
O MALHO (1936-1944)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientador: Profa. Dra. Cristiana Facchinetti

Rio de Janeiro
2015

SÉRGIO RIBEIRO DE ALMEIDA MARCONDES

**“NÓS, OS CHARLATÃES”: GASTÃO PEREIRA DA
SILVA E A DIVULGAÇÃO DA PSICANÁLISE EM O
MALHO (1936-1944)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cristiana Facchinetti (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz) – Orientador

Profa. Dra. Jane Araujo Russo (Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Profa. Dra. Dominichi Miranda de Sá (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Suplentes:

Profa. Dra. Ana Teresa A. Venancio (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Profa. Dra. Ana Maria Jacó Vilela (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ)

Rio de Janeiro

2015

Ficha catalográfica

M321n Marcondes, Sérgio Ribeiro de Almeida
“Nós, os charlatães”: Gastão Pereira da Silva e a divulgação da psicanálise em *O Malho* (1936-1944) / Sérgio Ribeiro de Almeida Marcondes. – Rio de Janeiro: s.n., 2015.
137 f.

Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) –
Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2015.

1. Psicanálise - História. 2. Comunicação e Divulgação Científica. 3. Periódicos - História. 4. Silva, Gastão Pereira da.

CDD 150.195

Para Ede, companheira em todos os momentos e realizações

AGRADECIMENTOS

O momento de escrita dos agradecimentos é, além da oportunidade de se lembrar de todos que contribuíram para a elaboração do texto, uma ocasião de se fazer um balanço do caminho percorrido. No meu caso, foi um caminho longo, com muitos momentos complicados, mas também com muitos outros gratificantes e que merecem ser lembrados. Assim, inicialmente agradeço de maneira geral a todas as pessoas que fizeram parte desses dois anos.

Individualmente, agradeço muito à Profa. Jane Russo, por três motivos: por ter fornecido material importante sobre Gastão Pereira da Silva para a escrita da dissertação, por sua participação na banca de qualificação com comentários e sugestões pertinentes, e porque foi em um texto de sua autoria, *O mundo psi no Brasil*, que pela primeira vez tomei contato com o nome de Gastão e me interessei por sua trajetória. Agradeço à Profa. Dominichi Miranda de Sá sua participação na banca de qualificação e seus comentários pertinentes sobre o trabalho. Agradeço aos professores com quem tive contato no curso de mestrado da COC, por suas aulas, comentários e indicações bibliográficas, que auxiliaram muito no processo de aprimoramento da dissertação: Prof. Luiz Antonio Teixeira, Prof. Luiz Otávio Ferreira, Profa. Nara Azevedo, Profa. Ana Teresa A. Venancio, Profa. Simone Kropf. Esse agradecimento se estende a outros professores, de quem não fui aluno, mas que contribuíram com comentários e indicações de textos para mim ou para minha orientadora: Prof. Marcos Chor Maio e Profa. Kaori Kodama. E também se estende a todos os funcionários da secretaria de pós-graduação e da biblioteca da COC, que sempre foram muito atenciosos e prestativos.

Um agradecimento mais do que especial é devido à minha orientadora, Profa. Cristiana Facchinetti. Desde antes que eu ingressasse no programa de pós-graduação, ela sempre teve disponibilidade para me ajudar com orientações sobre possíveis pré-projetos. Posteriormente, como orientadora, ela deu ótimas sugestões, contribuiu muito e também criticou o trabalho quando necessário, mesmo passando por problemas pessoais durante uma parte desse tempo. Não é força de expressão dizer que este trabalho não teria chegado a este estágio nem teria a mesma qualidade se não fosse a supervisão e orientação dela. Também agradeço a todos os membros do grupo de estudos sob a orientação da professora, em especial a Carolina Carvalho, que me forneceu muito amavelmente várias referências sobre Gastão na revista *Vamos Lêr!*, que foram extremamente úteis.

Agradeço a Heloisa Seelinger, que sempre me respondeu amavelmente, deu indicações importantes e forneceu muitas informações sobre seu tio-avô, Gastão Pereira da Silva. Tomara que sua intenção de fazer uma biografia sobre Gastão seja concretizada, se puder contribuir com ela me coloco à sua disposição. Agradeço aos Prof. Ana Jacó-Vilela e Prof. Francisco Portugal pela participação em matérias na UERJ, onde tomei contato com muitas leituras importantes e interessantes; a Denise Bottman, por me fornecer informações sobre Zoran Ninitch; e à Biblioteca Nacional, pelo *site* da Hemeroteca Nacional Brasileira, uma contribuição espetacular para pesquisadores. Acrescento um agradecimento especial à Profa. Ana Jacó-Vilela pela sua leitura atenta desta dissertação e pelos seus comentários pertinentes, que permitiram a correção de algumas falhas e a incorporação de novas informações ao trabalho. Também agradeço às Profas. Dominichi Miranda de Sá e Jane Russo pela participação na defesa do trabalho e seus comentários e sugestões, sempre lembrando que qualquer falha que tenha permanecido é de inteira responsabilidade minha.

Não há como não agradecer, acima de tudo, aos meus pais, Marcos e Maristela, pois este trabalho é apenas uma etapa cumprida de algo que se iniciou quando aprendi a ler e tomei contato com a riqueza do mundo dos livros, em casa. Obrigado por tudo que vocês me transmitiram e por me darem condições de chegar neste momento. Por fim, à minha companheira, Ede, sua participação durante o mestrado vai muito além de qualquer coisa que eu possa escrever aqui: esta dissertação, como a minha vida, não poderia ser a mesma sem você.

“A destruição do passado — ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas — é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio”.

Eric Hobsbawm, *Era dos extremos*, p. 13.

RESUMO

Esta dissertação analisa o trabalho de divulgação da psicanálise feito por Gastão Pereira da Silva por meio da revista *O Malho*, no Rio de Janeiro, de 1936 a 1944. Embora Gastão tenha publicado vários livros, escrito em muitas revistas e participado de outros meios de comunicação, sua trajetória até hoje foi pouco analisada pela historiografia da psicanálise, entre outros motivos por estar a margem das instituições “oficiais” de divulgação da psicanálise daquele período. Com formação autodidata, baseada em sua leitura das obras de Freud e em uma carta que o mesmo lhe enviou em 1934, Gastão se autodenominava psicanalista e atendia em consultório particular desde a década de 1930, além de responder a cartas que lhe eram enviadas em colunas de revistas e programas de rádio sobre várias questões psicanalíticas. Seguindo um caminho à parte das instituições de psicanálise e do mundo acadêmico, Gastão se estabeleceu como conhecedor da obra de Freud pelo viés da popularização da ciência, construindo uma rede de sociabilidade e de trocas com vários jornalistas e editores, que forneceram as condições materiais para que ele desenvolvesse um trabalho de vulgarização da psicanálise, contribuindo para a familiarização por parte de setores da população brasileira com vários temas psicanalíticos.

Palavras-chave: história, psicanálise, divulgação científica, periódicos, Gastão Pereira da Silva

ABSTRACT

This dissertation analyses the work of popularization of the psychoanalysis made by Gastão Pereira da Silva in the periodical *O Malho*, in Rio de Janeiro, in the period from 1936 to 1944. Although Gastão was the author of many books and articles in magazines and participated in many communication media, his trajectory has been the theme of few studies in the historiography of psychoanalysis. One of the reasons for it was his position outside of the “official” institutions that popularized psychoanalysis in Brazil during his time of life. A self-taught person, based in his reading of Freud’s works and in a letter sent by him in 1934, Gastão claimed to be a psychoanalyst and practiced private therapy since the 1930s; besides, he answered to letters sent to him in magazines and participated of radio programs speaking about the psychoanalytic theories. Although not participating in the psychoanalytic institutions or in the academic world, he gained renown as a scientific popularizer of Freud’s work, constructing a network of sociability and exchanges with many journalists and editors, which gave the material conditions for him to develop his popularization’s work. This, in turn, contributed for the familiarization of sectors of Brazilian’s population with many psychoanalytic themes.

Keywords: history, psychoanalysis, popularization of science, periodicals, Gastão Pereira da Silva

SUMÁRIO

Capítulos	Título	Páginas
	Introdução	1
	Referencial teórico-metodológico	4
Capítulo 1	“Já não havia mais lugar para a maçonaria dos doutos”: a divulgação da psicanálise em periódicos populares	10
1.1	A história das ciências no Brasil	10
1.2	Divulgação científica, vulgarização e popularização	14
1.3	A constituição da psicanálise no Rio de Janeiro	24
1.4	A historiografia da psicanálise no Brasil	32
Capítulo 2	“Para uma pessoa de cultura mediana entender”: a rede de revistas, editoras e outros meios de divulgação	39
2.1	Gastão Pereira da Silva antes de <i>O Malho</i> (1896 (8) – 1936)	39
2.2	Revistas	49
2.3	Editoras	55
2.4	Associações e academias	60
2.5	Outros meios de divulgação da psicanálise	68
Capítulo 3	“O cientista do povo”: Gastão Pereira da Silva e a divulgação da psicanálise em <i>O Malho</i>	74
3.1	A revista <i>O Malho</i>	74
3.2	Textos sobre temas psicanalíticos e psicológicos	80
3.3	Episódios de caráter biográfico	89
3.4	Crime e psicanálise	92
3.5	“Nós, os charlatães”	99
Considerações finais		103
Referências bibliográficas		108
ANEXO 1	Artigos de Gastão Pereira da Silva publicados na revista <i>O Malho</i>	119
ANEXO 2	Livros de Gastão Pereira da Silva por editora, décadas de 1930 e 1940	120
ANEXO 3	Ilustrações	122

Esta pesquisa se dedica a investigar a história da psicanálise no Brasil. Mais especificamente, seu objetivo geral é analisar o uso da revista *O Malho* para a divulgação científica da psicanálise, o que foi levado a cabo por Gastão Pereira da Silva. O uso sistemático de revistas leigas de grande circulação para este fim teve um papel importante em um processo de “psicologização” de leitores brasileiros. Assim, buscamos demonstrar ao longo deste trabalho como Gastão contribuiu para a afirmação e popularização de conceitos e temas centrais da psicanálise no país. O período estudado inicia-se em 1936 e se encerra em 1944. A data inicial foi escolhida por tratar-se da primeira publicação do autor em *O Malho*, enquanto a data final corresponde, primeiramente, aos últimos artigos originais de Gastão na mesma revista, e, em segundo lugar, ao momento em que o autor teve sua candidatura a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras lançada pela revista *Vamos Lêr!*, o que evidenciou seu reconhecimento e a penetração popular de suas obras. O âmbito geográfico da pesquisa é o Rio de Janeiro, cidade na qual Gastão se estabeleceu profissionalmente e onde desenvolveu todo o seu trabalho de divulgação da psicanálise, e também o local onde se situava a redação da revista *O Malho*.

Gastão Pereira da Silva (1896(8)-1987) foi um dos primeiros divulgadores da psicanálise para o público leigo no Brasil¹. Seus esforços principais estiveram concentrados na divulgação em revistas de grande circulação e na elaboração de livros de divulgação científica

¹ Ver MOKREJS, Elisabete. *A psicanálise no Brasil. As origens do pensamento psicanalítico*. Petrópolis: Vozes, 1993, pp. 167-180; RUSSO, Jane. *O mundo psi no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, pp. 23-25; RUSSO, Jane. “Gastão Pereira da Silva”. In *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil. Pioneiros*. 2ª edição revista e aumentada. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2007; SEELINGER, Heloisa. “Entre balangandans e a Hora do Brasil: a propagação da psicanálise na Era Vargas através das revistas *Carioca* e *Vamos Lêr!*”. Relatório parcial de pesquisa de pós-doutorado financiada pelo CNPq, intitulada “Entre vilões e mocinhas, leitores e ouvintes: a difusão da psicanálise por Gastão Pereira da Silva na Era Vargas”, realizada no Programa de Estudos e Pesquisas em História da Psicologia – Clio-Psyché da UERJ, sob a supervisão da Profa. Dra Ana Maria Jacó-Vilela. Rio de Janeiro, 2010.

para o grande público²; além desses meios, durante décadas, ele também se utilizou de programas radiofônicos³, peças de teatro⁴ e artigos em jornais, escrevendo sobre temas variados em sua relação com a psicanálise.

Seu trabalho de divulgação foi feito durante as décadas de 1930 a 1970, quase sempre à margem dos sucessivos difusores “oficiais” da psicanálise e de suas instituições, no Rio de Janeiro. De acordo com o próprio Gastão⁵, ele nunca se enquadrou nos requisitos de participação em instituições psicanalíticas, em especial em relação ao aspecto da análise didática necessária para formação de analistas credenciados⁶. Mesmo antes das sociedades reconhecidas pela *International Psychoanalytical Association* (IPA), ele tampouco foi membro dos institutos de higiene mental que propagavam a psicanálise⁷. Também não participou da primeira sociedade, ainda na década de 1920, reconhecida pela IPA como *study group*, nem escreveu na revista especializada desta instituição⁸ e não deu aulas nos cursos de psicanálise nas faculdades de educação, filosofia, direito ou medicina⁹, como muitos de seus contemporâneos médicos. Gastão sempre teve um discurso que valorizava o autodidatismo e uma leitura pessoal de Freud como suas fontes principais de legitimação¹⁰ e foi bastante crítico em relação às instituições psicanalíticas. Porém, em 1978, já no fim de sua vida, ele foi sócio fundador e o primeiro presidente de uma instituição de psicanalistas¹¹.

Como objetivos específicos, buscou-se apresentar os primeiros esforços de divulgação da psicanálise dentro do contexto mais amplo de divulgação científica no Rio de Janeiro; compreender os meios de que Gastão dispôs e utilizou para fazer seu trabalho de divulgação da psicanálise, possibilitando sua participação no processo que posteriormente foi estudado como

² Ver em Anexo 2 uma lista dos seus livros publicados, separados por editora.

³ SILVA, Gastão Pereira da. *25 anos de psicanálise*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: APPERJ, 1978, pp. 63-72.

⁴ *Ibidem*, pp. 83-89.

⁵ *Idem*. “Entrevista”. *Revirão*, 1, Rio de Janeiro, julho de 1985, p. 5.

⁶ Análise didática foi um termo adotado, a partir de 1925, pela International Psychoanalytical Association (IPA), para definir um processo obrigatório pelo qual todos os candidatos à formação como psicanalistas deveriam passar. Os estudantes precisavam se submeter a uma análise feita por um analista credenciado pela própria IPA. A ideia da implementação da análise didática, com regras bastante rígidas, era evitar problemas ocorridos anteriormente com a análise de familiares ou pessoas íntimas. No entanto, durante todo o século XX discussões sobre esse tema foram frequentes no movimento psicanalítico internacional. Ver ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, s.d., pp. 17-18.

⁷ PONTE, Carlos Fidelis da. *Médicos, psicanalistas e loucos: uma contribuição à história da psicanálise no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz, Rio de Janeiro, 1999.

⁸ FACCHINETTI, Cristiana. *Deglutindo Freud: sobre a digestão do discurso psicanalítico no Brasil*. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica). UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.

⁹ CASTRO, Rafael Dias de. *A sublimação do ‘id primitivo’ em ‘ego civilizado’: o projeto dos psiquiatras-psicanalistas para civilizar o país (1926-1944)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2014.

¹⁰ Além de uma carta de Freud recebida em 1934, que será analisada mais adiante.

¹¹ A Associação Profissional dos Psicanalistas do Estado do Rio de Janeiro (APPERJ). Ver SILVA. *25 anos de psicanálise. op. cit.*, pp. 285-286.

“psicologização” ou “psicanalismo” da sociedade brasileira, caracterizado pela interiorização da personalidade, valorização da subjetividade e da autoanálise; estudar como Gastão apresentou as teorias psicanalíticas e valorizou seu uso para a análise de temas diversos a partir de seus escritos em *O Malho*.

A relevância deste estudo decorre, em primeiro lugar, da falta de informações em trabalhos historiográficos sobre o personagem Gastão Pereira da Silva, apesar de sua volumosa produção sobre temas psicanalíticos, em diversos meios, e de ter sido ele um personagem bastante conhecido em seu próprio tempo, o que, por si só, já levanta questões sobre as razões de seu “esquecimento” pela memória oficial da historiografia da psicanálise no país; e, em segundo lugar, porque Gastão, ao ser um dos maiores divulgadores da psicanálise, com intenções didáticas e popularizadoras, contribuiu para o estabelecimento de uma familiaridade com os conceitos e questões psicanalíticos no Brasil antes mesmo que as sociedades oficiais do campo se constituíssem, criando ou abrindo espaço para esse novo campo profissional ainda na década de 1930, quando alguns médicos já analisavam em consultório, um período ainda pouco estudado pela historiografia da psicanálise no Rio de Janeiro. Finalmente, é importante ainda mencionar o uso de uma fonte primária que ainda não foi analisada como veículo de divulgação da psicanálise e não foi citada em nenhum dos trabalhos que estudaram a trajetória de Gastão Pereira da Silva: a revista *O Malho*.

Conseqüentemente, as principais fontes primárias utilizadas nesta pesquisa foram os artigos de Gastão para a revista *O Malho*, escritos entre 1936 e 1944, e, a partir dos temas trabalhados na revista, alguns de seus livros escritos no período. Gastão escreveu cerca de 40 artigos para o periódico, num período de 15 anos, sobre temas variados. A maioria destes artigos ocupa uma página inteira da revista, mas alguns são textos breves, de poucas linhas. A coleção integral da revista *O Malho* está disponível, em forma digitalizada, no *site* da Hemeroteca Nacional Brasileira¹², da Biblioteca Nacional. Escolhemos *O Malho* para este trabalho, em primeiro lugar, pelo ineditismo da fonte, não só no que diz respeito à participação de Gastão Pereira da Silva neste periódico como pela ausência de produções que estudam a revista após a década de 1930; e, em segundo lugar, pela possibilidade de acesso às fontes, ao contrário do que se revelou, em um primeiro levantamento, em relação às peças teatrais e às produções radiofônicas do autor.

Para atingir o objetivo da pesquisa, o primeiro capítulo da dissertação dedicou-se a demonstrar a importância das publicações periódicas como meios de divulgação científica e,

¹² Disponível em www.hemeroteca.bn.br.

mais especificamente, da psicanálise, ao mesmo tempo que buscou contextualizar o estabelecimento da psicanálise como ciência e como uma das ferramentas para o desenvolvimento de um processo de modernização e “civilização” do país. Também realizamos uma discussão neste capítulo sobre os diferentes usos dos termos *vulgarização*, *popularização* e *divulgação* em relação à ciência.

Já o segundo capítulo inicia-se com um esboço da trajetória de Gastão Pereira da Silva até o momento em que ele passou a escrever em *O Malho*, em 1936. Não se trata de uma biografia no sentido clássico do termo, mas elementos de sua vida pessoal também estão presentes, na medida em que as dimensões pública e privada muitas vezes não se distinguem de forma estanque nas fontes consultadas. A seguir, o capítulo procurou demonstrar como Gastão utilizou uma ampla rede de contatos nos meios editorial e jornalístico para realizar seu trabalho de divulgação da psicanálise, contribuindo assim para a criação de uma cultura psicanalítica popular no Rio de Janeiro antes mesmo da implementação das sociedades de psicanálise, o que foi reconhecido por muitas pessoas ouvidas durante sua candidatura a uma vaga na Academia Brasileira de Letras, episódio também relatado neste capítulo.

Por fim, o terceiro capítulo concentrou-se em suas produções de divulgação na revista *O Malho*, central nesta pesquisa, no período de 1936 a 1941. Os principais conteúdos das publicações de Gastão em *O Malho* são analisados neste capítulo, em especial as produções que se referem a conceitos teóricos de psicanálise; as que discutem as relações entre biografia e psicanálise e crime e psicanálise; e as que fazem alusão à sua atividade de divulgador para um público leigo, como o artigo “Nós, os charlatães”, cuja análise encerra o capítulo. Nas considerações finais, é retomada a discussão sobre as múltiplas identidades assumidas por Gastão em diferentes momentos de sua trajetória, os meios utilizados por este para o seu trabalho de divulgação da psicanálise e os resultados alcançados por ele, em relação ao processo chamado de “psicanalização” da sociedade brasileira.

Referencial teórico-metodológico

Como mostra Tânia de Luca, os jornais e periódicos impressos só passaram a ser objetos centrais da pesquisa histórica no Brasil a partir da década de 1970. Anteriormente, havia apenas exemplos de trabalhos históricos que usavam os periódicos como comprovação do que estudavam ou histórias da imprensa de maneira mais geral¹³. Mais recentemente, e de maneira

¹³ LUCA, Tania Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In PINSKY, Carla (Org.). *Fontes históricas*. 2ª. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p. 118.

relacionada com o movimento da História Nova, que defendeu o uso de novas fontes e novas metodologias, as pesquisas se multiplicaram, trabalhando com aspectos variados dos periódicos e reconhecendo seu valor como fonte histórica.

Neste trabalho também utilizamos como um dos referenciais teóricos a ideia de trajetória de vida, como trabalhada por Pierre Bourdieu e Sabina Lorriga, partindo da concepção de Bourdieu da trajetória como “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações”¹⁴. “Uma regra metodológica particularmente valiosa para evitar cair numa representação simplificada do indivíduo em estudo consiste em problematizar suas escolhas” e verificar as opções possíveis para o indivíduo em questão no momento de sua trajetória¹⁵. É o que buscamos fazer aqui com Gastão Pereira da Silva: demonstrar suas opções possíveis em determinados momentos e o que podemos perceber dos fatores que fizeram com que tomasse suas decisões.

Durante a primeira metade do século XX, a biografia foi malvista pelos historiadores. Considerada convencional e muitas vezes laudatória, foi abandonada parcialmente em prol de estudos sobre fenômenos coletivos, especialmente de caráter econômico e quantitativo¹⁶. Do mesmo modo que outros campos da história, como a história política ou a história do tempo presente, foi incluída na crítica feita pelos historiadores franceses da chamada Escola dos *Annales* à história factual, do acontecimento e de curta duração, vista como superficial e desprovida de problematizações.¹⁷ Porém, com o questionamento das interpretações mais generalizantes, como o marxismo, a partir da década de 1970, houve um retorno às análises individuais, e mais especificamente à biografia: “Decepcionados e insatisfeitos com o uso de categorias interpretativas predeterminadas, os próprios historiadores sociais, tradicionalmente mais atentos à dimensão coletiva da experiência histórica, começaram a refletir sobre os

¹⁴ BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 189.

¹⁵ SILVA, André Felipe Cândido da. *A trajetória científica de Henrique Rocha Lima e as relações Brasil-Alemanha (1901-1956)*. Tese de doutorado (História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2011, p. 38.

¹⁶ PRIORE, Mary del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009, p. 7.

¹⁷ Um exemplo dessa crítica é o texto de Fernand Braudel, “História e ciências sociais: a longa duração”. In BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. 2ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992, pp. 41-78.

destinos individuais”¹⁸. Biografias voltaram a ser feitas por acadêmicos e até mesmo por historiadores que se filiavam ao grupo dos *Annales*, como Jacques Le Goff.¹⁹

Paralelamente, as biografias com menor sofisticação teórica continuaram a ser elaboradas em grande quantidade, por jornalistas, escritores ou cientistas, e a obterem popularidade. Isto levou Pierre Bourdieu, em 1986, a criticar a concepção, que segundo ele vinha do senso comum mas era dominante nas ciências sociais da época, da história de uma vida como linear, um caminho cujo sentido, constante, estaria dado de antemão, e que não sofreria alterações nem enfrentaria obstáculos. Bourdieu apontou os perigos consequentes da “ilusão biográfica” e a necessidade de se problematizar a história de vida de um indivíduo²⁰.

A segunda metade da década de 1970 também marca, da mesma maneira, o início da reabilitação da história dos intelectuais, que durante muito tempo também foi identificada com uma história factual, do acontecimento e de curta duração, como a biografia. A partir dessa década, num contexto mais amplo da historiografia francesa e norte-americana, foram feitos esforços para a renovação da história política e também para um estudo do tempo presente, não mais visto como inadequado para o historiador; paralelamente, a história dos intelectuais seguiu o mesmo caminho.

No Brasil, essa reabilitação da historiografia de intelectuais também teve repercussão, suscitando uma revisão crítica dos trabalhos sobre o tema feitos até então no país. O historiador José Murilo de Carvalho, por exemplo, chamou atenção para a tendência da historiografia brasileira de produzir, ao longo do século XX, uma história das ideias ou intelectual sem grande preocupação metodológica, sem “qualquer discussão sobre autoria, recepção, linguagem, texto” e, portanto, passando “à margem dos debates e das teorias sobre o tema desenvolvidas nos últimos 50 anos”²¹.

Esta também é a crítica da socióloga Angela Alonso, que aponta que muitos trabalhos históricos no Brasil só se preocuparam em sistematizar as ideias dos autores locais em relação às correntes de pensamento europeias, extirpando “qualquer característica exógena ao próprio campo das ideias”²². Outra crítica da autora é a separação feita pelos historiadores entre a

¹⁸ LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”. In REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escala. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, p. 226.

¹⁹ Jacques Le Goff, um dos principais nomes da terceira geração da Escola dos *Annales*, escreveu duas biografias históricas no final da década de 1990: *Saint Louis* (Paris: Gallimard, 1996) e *Saint François d’Assise* (Paris: Gallimard, 1998).

²⁰ BOURDIEU. “A ilusão biográfica”. *op. cit.*, p. 183.

²¹ CARVALHO, José Murilo de. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. *Topoi*, Rio de Janeiro, n. 1, 2000, p. 124.

²² ALONSO, Angela. *Idéias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 23.

atividade intelectual e política dos personagens estudados, como se fossem campos totalmente autônomos. Porém,

tanto os autores de ‘obras filosóficas’ desenvolveram atividade política contínua quanto os ‘políticos’ escreveram interpretações com base em recursos doutrinários. Não tomar isso em conta significa decepar parte do objeto.²³

A solução, para a autora, é buscar uma abordagem política do movimento intelectual, elegendo “a *performance* política de agentes e argumentos” como objetos de análise²⁴. Para atingir este objetivo, o historiador Jean-François Sirinelli, ao circunscrever o conceito de *intelectual*, propõe ao pesquisador não apenas englobar os personagens diretamente partícipes em manifestos e debates e aqueles diretamente engajados em causas políticas, mas também “os criadores e os ‘mediadores’ culturais”, abrangendo “tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito”²⁵. Da mesma maneira,

um intelectual se define sempre por referência a uma herança, como legatário ou como filho pródigo; quer haja um fenômeno de intermediação ou, ao contrário, ocorra uma ruptura e uma tentativa de fazer tábua rasa, o patrimônio dos mais velhos é portanto elemento de referência explícita ou implícita.²⁶

É justamente essa dimensão mais ampla da análise de uma história intelectual que propomos para pensar a trajetória de Gastão Pereira da Silva.

Outro conceito que consideramos bastante frutífero para analisarmos o processo de divulgação feito por Gastão é o de *representações sociais*. Este conceito foi desenvolvido pelo psicólogo e sociólogo romeno radicado na França Serge Moscovici, em seu trabalho que investiga como a psicanálise se inseriu na sociedade francesa durante a primeira metade do século XX²⁷. Para ele, trata-se de um tipo de conhecimento diferente do científico e que parte da realidade cotidiana, possuindo “uma função constitutiva da realidade, realidade que experimentamos e na qual a maioria de nós nos movemos”²⁸. Moscovici cita diretamente e se apoiou bastante em uma obra dos sociólogos Peter Berger e Thomas Luckmann sobre a “construção social da realidade”. Para estes autores, falando sobre a sociologia do conhecimento:

²³ *Ibidem*, p. 31.

²⁴ *Ibidem*, p. 38.

²⁵ SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 244.

²⁶ *Ibidem*, pp. 254-255.

²⁷ MOSCOVICI, Serge. *El psicoanálisis, su imagen y su público*. Buenos Aires: Editorial Huemul, 1979.

²⁸ *Ibidem*, p. 17.

As formulações teóricas da realidade, quer sejam científicas ou filosóficas, quer sejam até mitológicas, não esgotam o que é “real” para os membros de uma sociedade. Sendo assim, a sociologia do conhecimento deve acima de tudo ocupar-se com o que os homens “conhecem” como “realidade” em sua vida cotidiana, vida não-teórica ou pré-teórica. Em outras palavras, o “conhecimento” do senso comum, e não as “ideias”, deve ser o foco central da sociologia do conhecimento. É precisamente este “conhecimento” que constitui o tecido de significados sem o qual nenhuma sociedade poderia existir²⁹.

Esse conhecimento comum é partilhado por todos que vivem na mesma sociedade, “nas rotinas normais, evidentes da vida cotidiana”³⁰. Portanto, os processos sociais contribuem para a elaboração de uma identidade pessoal: “Esse caráter social do eu não se limita àquilo que o indivíduo identifica como sendo ele mesmo; inclui gestos, expressões, maneirismos, todos os *complementos* da configuração do eu”³¹. É pelo convívio cotidiano no ambiente social que esse conhecimento é internalizado, ou seja, “torna-se real, até mesmo palpável àqueles que dele compartilham”³². Através desse processo de comunicação, de “construção de um conhecimento comum”, surgem as representações sociais³³. Como diz Moscovici:

As representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano. A maioria das relações sociais estabelecidas, os objetos produzidos ou consumidos, as comunicações trocadas, delas estão impregnados. Sabemos que as representações sociais correspondem, por um lado, à substância simbólica que entra na elaboração [da realidade] e, por outro, à prática que produz a dita substância³⁴.

Assim, o estudo das representações sociais permite vincular a psicanálise “a um sistema de valores, noções e práticas que a classificam, denominam e orientam a interação social”³⁵.

Por outro lado, pode-se colocar o processo mais geral de constituição e institucionalização dos saberes “psi” no Rio de Janeiro dentro de um repertório que defendia um “projeto civilizatório” da sociedade brasileira, predominante no final do século XIX e primeira metade do XX, que valorizava, entre outros aspectos, práticas julgadas científicas, “a

²⁹ BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 23ª. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003, p. 30.

³⁰ *Ibidem*, p. 40.

³¹ MACHADO JUNIOR, Luiz Bosco Sardinha; CONSTANTINO, Elizabeth Piemonte. Aproximações entre o conceito de ideologia do cotidiano e a teoria das representações sociais. *II Colóquio da Pós-Graduação em Letras*, Assis, UNESP, 2010, p. 748. Disponível em <http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/ColoquioLetras/luizbosco.pdf>.

³² *Ibidem*, p. 749.

³³ *Ibidem*.

³⁴ MOSCOVICI, Serge. *El psicoanálisis, su imagen y su público*. *op. cit.*, p. 27.

³⁵ MACHADO JUNIOR; CONSTANTINO. Aproximações entre o conceito de ideologia do cotidiano e a teoria das representações sociais. *op. cit.*, p. 747.

laicização e universalização do conhecimento e a constituição de instituições políticas pautadas pelo ideário da igualdade e da liberdade”. Os dois temas historicamente mais privilegiados para a execução desse processo foram a saúde e a educação, e o principal núcleo difusor foi o saber médico³⁶.

Este processo, pelo qual a ciência e o progresso tecnológico se tornaram elementos legitimadores do discurso público, já ocorria na Europa desde o início do século XIX. Este período, “em especial a sua segunda metade, foi também a época de ouro da ‘vulgarização científica’; termo que denotava, na ocasião, o que hoje conhecemos como divulgação pública dos conhecimentos científicos”. Livros, revistas e jornais dirigidos ao público em geral se ocupavam com a difusão das “conquistas científicas”; nessa época, na Europa, “toda forma de conhecimento que pretendesse estabelecer alguma verdade deveria apresentar-se como ‘científica’, a fim de garantir a sua reputação”³⁷. O papel que caberia aos intelectuais, em geral, nesse processo é evidente: incorporando o discurso científico, eles se colocam como os mais indicados para transmitir o conhecimento de que dispõem para a população, e assim “civilizarem” o país.

Percebe-se que a obra de Gastão Pereira da Silva está inserida nesse contexto: sua preocupação com a difusão da obra de Freud para um público não especializado, seu didatismo e sua utilização de meios populares como o rádio evidenciam um esforço de divulgação e vulgarização de um conhecimento apresentado por ele como “científico” e, portanto, legítimo. No início da década de 1940, Gastão se incluía entre os divulgadores científicos da época, como os autores de livros populares sobre medicina e biologia, que, segundo ele, eram chamados de “charlatães”. Defendendo que a divulgação da psicanálise, do mesmo modo que desses outros campos de conhecimento, era científica e altamente benéfica para a população leitora, Gastão chegou a usar a expressão “Bendito charlatanismo”³⁸ para se referir a seu trabalho de divulgação³⁹.

³⁶ DUARTE, Luiz Fernando Dias; RUSSO, Jane; VENANCIO, Ana Teresa (Org.). *Psicologização no Brasil: atores e autores*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005, pp. 7-9.

³⁷ SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006, pp. 90-91.

³⁸ SILVA, Gastão Pereira da. Nós, os charlatães. *O Malho*, Rio de Janeiro, n. 21, out/1941, p. 67.

³⁹ No entanto, embora isto não seja objeto de estudo dessa dissertação, devemos ressaltar que esse trabalho de divulgação da psicanálise para um público maior também foi feito por outros médicos latino-americanos nas décadas de 1920 e 1930, antes da implementação das sociedades oficiais vinculadas à IPA (Ver GLICK, Thomas. Precursores del psicoanálises en la América Latina. *Episteme: Filosofia e História das Ciências em Revista*, Porto Alegre, n. 8, 1999, pp. 139-150).

Capítulo 1

“Já não havia mais lugar para a maçonaria dos doutos”: a divulgação da psicanálise em periódicos populares

Já não havia mais lugar para a “maçonaria dos doutos”. Já não devia haver mais obstáculos entre o homem comum e o homem de ciência⁴⁰.

Gastão Pereira da Silva utilizou periódicos impressos, como *O Malho*, central nesta pesquisa, para seu processo de divulgação da psicanálise, considerada por ele como uma disciplina científica. Neste capítulo, buscamos colocar a problemática pesquisada em um contexto histórico maior. Inicialmente, fazemos uma curta história das ciências no Brasil, desde as primeiras atividades no século XIX até o estabelecimento de instituições e sociedades importantes no início do século XX. Juntamente com o surgimento de sociedades científicas, começou a aparecer a questão da divulgação dessa ciência, de que maneira ela alcançaria ao público leigo. Após uma discussão sobre os termos “vulgarização” e “divulgação” científicas, introduzimos os primeiros esforços de difusão das ciências no Brasil, juntamente com o surgimento dos primeiros periódicos especializados e das revistas de variedade no país, todos estes podendo ser traçados como tendo seus inícios na primeira metade do século XIX. Neste ponto do texto, apresentamos a trajetória de Medeiros e Albuquerque, que, desde o início do século XX, utilizou periódicos para fazer a divulgação científica de temas psicológicos e psicanalíticos e foi apontado por Gastão, posteriormente, como uma grande influência para sua trajetória. A seguir, mostramos alguns aspectos do desenvolvimento da psicanálise no Brasil, a partir de suas relações com a psiquiatria, e os primeiros esforços feitos para sua divulgação, bem como analisamos os diferentes momentos da historiografia sobre os começos da psicanálise no país.

1.1. História das ciências no Brasil

Durante muito tempo, a história das ciências foi vista como um campo à parte da história. O conhecimento científico (em especial das ciências naturais e exatas) era considerado como possuindo um “suposto status superior como forma de conhecimento e explicação”⁴¹ e,

⁴⁰ SILVA. Nós, os charlatães. *op. cit.*

⁴¹ FIGUEIRÔA, Sílvia F. de M. Instituições científicas e formas de institucionalização do saber. *Terra Brasilis (Nova Série)*. Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica, n. 2, 1 jul. 2000. Disponível em <http://terrabrasilis.revues.org/317>. Acesso em 20/05/2014.

portanto, como sendo um “processo autônomo, regido por normas internas e independente dos demais processos sociais”⁴². Assim, os trabalhos que buscavam fazer a história das ciências tendiam a se concentrar nas histórias de vida — muitas vezes laudatórias e superficiais — dos grandes cientistas, vistos como indivíduos geniais e que estavam “à frente de seu tempo”, e das suas descobertas. O mesmo processo ocorria em relação às instituições científicas, onde “decênios, jubileus, quinquenários e centenários constituíam ocasiões propícias à produção de textos normalmente elogiosos, às vezes até ufanistas, em que a história da instituição era expurgada dos problemas cotidianos ‘menores’”⁴³.

No caso do Brasil e da América Latina, esse processo também fez com que ocorresse uma desvalorização da prática científica, pois se “comparava as manifestações aqui havidas com uma imagem um tanto idealizada dos países tomados como modelo”, os europeus e, posteriormente, também os norte-americanos⁴⁴. Isso começou a mudar com o desenvolvimento do campo denominado de estudos sociais da ciência e a renovação que ele possibilitou às pesquisas sobre a atividade científica, que ganhou contexto histórico, passou a ser vista como uma prática concreta e estudada, em especial, a partir da análise da importância de fatores extracientíficos, dando-se especial atenção aos “critérios de cientificidade do período estudado”⁴⁵. O mesmo ocorreu com as instituições científicas, que passaram a ser estudadas como “portadoras e resultantes de formas históricas de institucionalização de saberes, como produtoras e produtos de determinados tempos, locais, culturas e sociedades”⁴⁶.

Porém, mesmo com essa renovação historiográfica ocorrendo desde a década de 1970, a historiadora Maria Amélia Dantes escreveu, em 2001, que “do ponto de vista da produção historiográfica, a história institucional da ciência é ainda iniciante”⁴⁷. Esta nova tendência de se estudar as instituições científicas também demorou para chegar ao Brasil, entre outras razões devido à posição do país em relação às comunidades científicas internacionais: “foi somente a partir da década de 80 que se desenvolveram, de forma significativa, estudos sobre o processo de implantação de atividades científicas em países que não ocuparam papéis de liderança no processo de produção de conhecimentos”, como o Brasil⁴⁸. Além disso, algumas posições defendidas pela historiografia até a década de 1980, como “de que o período que precedeu as

⁴² DANTES, Maria Amélia M. “Introdução: uma história institucional das ciências no Brasil”. In DANTES, Maria Amélia M. (Org.). *Espaços da ciência no Brasil, 1800-1930*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001, p. 13.

⁴³ FIGUEIRÔA. Instituições científicas e formas de institucionalização do saber. *op. cit.*

⁴⁴ *Ibidem.*

⁴⁵ DANTES. “Introdução: uma história institucional das ciências no Brasil”. *op. cit.*, pp. 14-15, 19.

⁴⁶ FIGUEIRÔA. Instituições científicas e formas de institucionalização do saber. *op. cit.*

⁴⁷ DANTES. “Introdução: uma história institucional das ciências no Brasil”. *op. cit.*, p. 15.

⁴⁸ *Ibidem.*

universidades brasileiras havia sido uma ‘pré-história’ da ciência” ou “que, no século XIX, não existissem, no país, grupos sociais interessados e que apoiassem as atividades científicas” foram invalidadas por pesquisas mais recentes⁴⁹.

Estas pesquisas têm analisado historicamente várias sociedades e academias do passado, que foram a forma mais comum de “agrupamento científico” desde o século XVI até o XVIII, na Europa. Eram compostas em geral por amadores voluntários interessados em contribuir para as pesquisas. Já no fim do século XVII, essas sociedades passaram a se organizar de maneira profissional e cada vez mais tornaram-se restritas aos especialistas⁵⁰. Outros espaços institucionais de prática da ciência, desde o século XVIII, foram os museus. “Instituições de recolhimento, preservação, exibição e estudo de objetos naturais”, os museus revelam em sua própria arquitetura interna as concepções científicas de sua época, “mostrando que ideias científicas e sua materialidade institucional são inextricavelmente dependentes”⁵¹.

Na América Latina, em época posterior, as sociedades científicas seguiram evolução semelhante à das europeias, mas tiveram motivações diferentes para sua criação: uma delas foi auxiliar na produção de conhecimentos sobre os recursos naturais das novas nações independentes, outra colaborar com a modernização e a “civilização” destes países, a partir de modelos europeus. No caso mais específico do Brasil, as primeiras sociedades também foram consequência de um movimento que buscava a modernização do sistema colonial português, que vinha desde o final do século XVIII. Este movimento promoveu várias atividades científicas, como “publicação de memórias originais, tradução de textos científicos estrangeiros, viagens de estudo e pesquisa, expedições científicas, criação de museus de história natural”, além da criação de instituições de ensino e sociedades científicas, deixando como legado “a afirmação do valor utilitário da ciência”⁵². Várias instituições científicas brasileiras que existem até hoje tiveram sua origem ligada a este movimento, como as escolas médico-cirúrgicas da Bahia e do Rio de Janeiro (1808), que se tornaram faculdades de medicina em 1832; a Academia Real Militar (1810), que posteriormente se tornou a Escola Politécnica do Rio de Janeiro (1874), e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838)⁵³. Assim, “aos propósitos civilizatórios da ciência somava-se seu caráter utilitarista”; as sociedades científicas passaram a assessorar os governos nacionais mas também “se converteram em um espaço de

⁴⁹ *Ibidem*, p. 19.

⁵⁰ FERREIRA, Luiz Otávio; MAIO, Marcos Chor; AZEVEDO, Nara. A Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro: a gênese de uma rede institucional alternativa. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, nov. 1997-fev. 1998, p. 476.

⁵¹ FIGUEIRÔA. Instituições científicas e formas de institucionalização do saber. *op. cit.*

⁵² FERREIRA; MAIO; AZEVEDO. A Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.... *op. cit.*, p. 479.

⁵³ DANTES. “Introdução: uma história institucional das ciências no Brasil”. *op. cit.*, pp. 17-18.

institucionalização da ciência, estimulando debates científicos e divulgando o conhecimento através de publicações”⁵⁴.

No contexto brasileiro do século XIX, não havia condições de separação entre a atividade científica e o trabalho profissional; por isso, “o exercício profissional da medicina representou uma das poucas alternativas disponíveis para os indivíduos interessados em ciência, explicando-se assim por que as sociedades científicas mais importantes foram organizadas por médicos”⁵⁵. Uma das primeiras sociedades científicas brasileiras, assim, foi a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, fundada em 1829, poucos anos após a independência do país. A instituição “concretizava o sentimento de liberdade vivido pelos médicos e cirurgiões brasileiros que não estavam mais submetidos a constrangimentos e restrições impostos pelo monopólio profissional exercido pelos colegas portugueses”⁵⁶. Buscando “se constituir como uma sociedade científica de caráter mais amplo”, a sociedade aceitava como membros, além de médicos e cirurgiões, também botânicos, químicos e naturalistas⁵⁷. Enfrentando dificuldades financeiras, a instituição obteve apoio do governo em 1835, quando passou a se chamar Academia Imperial de Medicina (AIM). No entanto, se por um lado a vinculação com o Estado favoreceu o acesso dos médicos aos cargos públicos, “parte substantiva do reduzido mercado de trabalho da época”, por outro significou a perda gradual de grande parte de sua autonomia institucional, enfraquecendo o papel da sociedade, que anteriormente detivera “prestígio político suficiente para influir na construção do aparato institucional da medicina”⁵⁸.

Um processo importante que teve seus inícios na segunda metade do século XIX foi o surgimento de novas especialidades clínicas, em geral “referentes a parcelas cada vez menores, embora não menos significativas, da totalidade do processo de diagnóstico e terapêutica”⁵⁹. Disciplinas como a fisiologia, a patologia e a medicina interna se desenvolveram nesse período, modificando a prática do ensino médico, de maneira que permitiu à medicina acadêmica ocidental “restabelecer politicamente as bases simbólicas de sua legitimidade profissional em um panorama cultural crescentemente secularizado e marcado por ampla oferta de modelos curativos alternativos”⁶⁰.

⁵⁴ FERREIRA; MAIO; AZEVEDO. A Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.... *op. cit.*, p. 477.

⁵⁵ *Ibidem*.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 478.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 479.

⁵⁸ *Ibidem*, pp. 480-481.

⁵⁹ FERREIRA, Luiz Otávio; FONSECA, Maria Rachel Fróes da; EDLER, Flávio Coelho. “A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no século XIX: a organização institucional e os modelos de ensino”. In DANTES, Maria Amélia (Org.). *Espaços da ciência no Brasil, 1800-1930*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001, p. 60.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 61.

O processo de institucionalização da medicina brasileira diminuiu entre as décadas de 1850 e 1870, período em que se iniciou um movimento de renovação no Rio de Janeiro e na Bahia. Este movimento, “de cunho cientificista, contemporâneo ao advento das ideias positivistas e republicanas”, conseguiu obter vários avanços no campo, como as reformas do ensino médico em 1879 e 1884, da legislação sanitária em 1882 e 1884, o início da circulação do jornal *Brazil Médico*, em 1887, e a realização do primeiro congresso médico brasileiro, uma inovação em termos de “manifestação pública” da nascente comunidade científica, em 1888⁶¹.

A partir do final do século XIX, os espaços principais de prática da ciência passaram a ser as universidades e institutos de pesquisa. Consequentemente, as sociedades perderam seu “caráter generalista” e tornaram-se “a expressão associativa de profissionais organizados por disciplinas especializadas”⁶². A fundação da Sociedade Brasileira de Ciências, atual Academia Brasileira de Ciências, em 1916, foi outro marco importante da história das ciências no Brasil, já no século XX⁶³.

1.2. Divulgação científica, vulgarização e popularização

Na França, até hoje “vulgarização” é o termo mais utilizado para se referir a “toda atividade de comunicação da ciência na direção do grande público”⁶⁴. A atividade designada pelo termo tem suas origens no século XVII: o livro de Bernard de Fontenelle⁶⁵, *Entretiens sur la pluralité des mondes*⁶⁶, de 1686, é considerado como o primeiro exemplo de vulgarização científica francesa. Na obra, o autor discutia diversos sistemas astronômicos, além da relatividade dos conhecimentos e a dessacralização da Terra. Obteve grande sucesso, “devido ao fato de que Fontenelle tratava de assuntos difíceis em um estilo luminoso e alegre”⁶⁷.

O termo vulgarização, derivado do latim *vulgus*, aponta uma determinada característica do público a que se destina a atividade. Trata-se de uma “multidão indistinta, anônima”, de pessoas com pouco conhecimento ou cultura, em oposição aos sábios, detentores do conhecimento. Assim, a vulgarização acaba por se impor como uma “missão necessária” para

⁶¹ FERREIRA; MAIO; AZEVEDO. A Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.... *op. cit.*, p. 482.

⁶² *Ibidem*, p. 477.

⁶³ DANTE. “Introdução: uma história institucional das ciências no Brasil”. *op. cit.*, p. 18.

⁶⁴ BENSUADE-VINCENT, Bernadette. Splendeur et décadence de la vulgarisation scientifique. *Questions de communication*, 17, 2010, p. 2. Todos os trechos citados deste texto tiveram tradução minha.

⁶⁵ Bernard de Fontenelle (1657-1757) foi secretário da Académie Royale des Sciences, de 1697 a 1740. Escreveu vários textos biográficos sobre os cientistas de sua época, além de obras sobre ciências variadas. Ver “Notice biographique de Bernard le Bouyer (ou Bouvier) de Fontenelle”. Disponível em http://www.academie-sciences.fr/activite/archive/dossiers/Fontenelle/Font_biblio.htm. Acesso em 05/06/2015.

⁶⁶ *Entrevistas sobre a pluralidade dos mundos*.

⁶⁷ “Notice biographique de Bernard le Bouyer (ou Bouvier) de Fontenelle”. *op. cit.*

um público que desconhece a ciência⁶⁸. Entretanto, o verbo “vulgarizar” passou a ser mais frequente na língua francesa no século XIX, “no momento em que proliferavam os livros, revistas, exposições e museus, pretendendo colocar a ciência ‘ao alcance de todos’”⁶⁹. Ao mesmo tempo, sua associação com a ideia de vulgaridade fez com que, na mesma época na França, a palavra tivesse um tom pejorativo, como se percebe pelo comentário do astrônomo Camille Flammarion: “queremos popularizar a ciência, ou seja, torná-la acessível sem diminuí-la nem alterá-la (...) mas não queremos vulgarizá-la, fazê-la descer ao nível do vulgar indiferente, superficial ou zombeteiro”⁷⁰. A ciência popular, referida por Flammarion, se caracterizava por valorizar a opinião do público e procurar tentar engajar os amadores nas práticas científicas; ao contrário, a vulgarização supunha que havia uma distância enorme entre os conhecimentos dos cientistas e o público comum, que era combatida através de um processo de “atração, sedução, fidelização” deste mesmo público. No século XX, a palavra vulgarização perderia a conotação negativa e passaria a ser o termo mais utilizado no francês. Em outras línguas, como o inglês, o termo “popularização” tornou-se mais comum⁷¹.

No Brasil do século XIX, *vulgarização* também era o termo mais utilizado, como escreveu Emilio Goeldi, diretor do Museu Paraense, em 1894⁷². Escrevendo no início da década de 1930, com forte influência das produções francesas, Miguel Osório de Almeida continuava se referindo à vulgarização científica ou vulgarização do saber⁷³. Em seu texto, Miguel Osório demonstrava as características do movimento de vulgarização do século XX: segundo ele, o movimento mostrava “que o público em geral tem sua atenção despertada para as coisas do saber e aspira participar do movimento incessante das ideias e compreender, pelo menos em suas linhas essenciais, as bases dos grandes fatos científicos e a essência das principais leis naturais”⁷⁴. Como Bernadette Bensaude-Vincent coloca, a vulgarização se caracterizava pela visão do público como passivo, ignorante, mas tendo uma coisa em comum com os antigos amadores: o interesse, a curiosidade por compreender as ciências⁷⁵. Mas essa compreensão

⁶⁸ BENSAUDE-VINCENT. Splendeur et décadence de la vulgarisation scientifique. *op. cit.*, p. 2.

⁶⁹ *Ibidem*.

⁷⁰ Flammarion (1882), *apud* BENSAUDE-VINCENT. Splendeur et décadence de la vulgarisation scientifique. *op. cit.*, pp. 3-4.

⁷¹ *Ibidem*, pp. 3-4.

⁷² MOREIRA, Ildeu de Castro; MASSARANI, Luisa. “Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil”. In MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro; BRITO, Fatima (Org.). *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ, 2002, pp. 50-51.

⁷³ ALMEIDA, Miguel Osório. “A vulgarização do saber”. In MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro; BRITO, Fatima (Org.). *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ, 2002 (1931), p. 65.

⁷⁴ *Ibidem*.

⁷⁵ BENSAUDE-VINCENT. Splendeur et décadence de la vulgarisation scientifique. *op. cit.*, p. 4.

tinha um limite: o público nunca poderia se tornar cientista, apenas, na melhor das hipóteses, entender as “linhas essenciais” do conhecimento científico.

Ildeu Moreira e Luisa Massarani utilizam a expressão “divulgação científica” de maneira bem ampla, como o equivalente em português de *vulgarisation* ou *popularisation*, sem discussão quanto às diferenças e relações entre esses termos⁷⁶. Segundo os autores, o que pode ser chamado de “divulgação científica” no Brasil tem uma história antiga: suas primeiras iniciativas remontam ao início do século XIX e estão relacionadas com a vinda da Corte portuguesa ao Brasil, a abertura dos portos e o fim da proibição da impressão de textos, em 1808. Logo apareceram instituições com alguma relação com as ciências e técnicas, como a Academia Real Militar, em 1810, e o Museu Nacional, em 1818. Ao mesmo tempo, a criação da Imprensa Régia, em 1810, permitiu que alguns textos e manuais relacionados ao tema fossem publicados no país; simultaneamente, revistas e outros tipos de periódicos começaram a ser impressos aqui e foram criados em grande número durante todo o século XIX⁷⁷. Destes, “aproximadamente 300” estavam relacionados de alguma forma à ciência. Esta classificação se refere a periódicos “produzidos por instituições ou associações científicas ou ainda que tinham em seu título a palavra ‘científico’ ou ‘ciência’”, mesmo que muitos destes tivessem “muito pouco material com conteúdo de ciência, limitando-se a notícias curtas ou curiosidades científicas”⁷⁸.

Desde o seu início, as revistas podem ser divididas em dois grandes grupos: as publicações especializadas, voltadas para um público mais restrito e sobre um tema determinado, e as revistas de variedades, para um público mais amplo. Os dois grupos, até hoje, podem ser definidos com o mesmo termo, “revista”, como mostra o verbete do Dicionário Houaiss:

Publicação periódica, destinada a grande público ou a um público específico, que reúne, em geral, matérias jornalísticas, esportivas, econômicas, informações culturais, conselhos de beleza, moda, decoração etc. [Algumas revistas destinam-se a um público especializado, assumindo, portanto, um determinado formato: jornalístico, científico, literário, esportivo etc.]⁷⁹

Os primeiros exemplos dos dois grupos de revistas surgiram no início do século XIX, no Brasil. A primeira referência a assuntos médicos na imprensa do país data de 1813, quando o “periódico científico-cultural” *O Patriota* publicou as respostas de três médicos portugueses

⁷⁶ MOREIRA; MASSARANI. “Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil”. *op. cit.*, pp. 43-44.

⁷⁷ *Ibidem*.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 46.

⁷⁹ Verbetes “revista 2”. In *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Editora Objetiva, 2009.

a uma enquete feita pelo Senado da Câmara do Rio de Janeiro em 1798⁸⁰. *O Patriota*, fundado por Manuel Ferreira de Araújo Guimarães no Rio de Janeiro em 1813, durou apenas dois anos, sendo um dos exemplos do que Nelson Werneck Sodré chamou de “imprensa áulica que o governo joanino forjou ou amparou aqui e fora daqui”, a única imprensa que teria tido condições de se desenvolver antes da Independência brasileira⁸¹. Embora tratasse basicamente de política, o jornal também abria espaço para questões científicas, indicando um momento em que ainda havia revistas com características dos dois grupos citados acima.

No entanto, logo surgiram periódicos médicos especializados no Brasil, a partir de 1827, marcando “a conformação do primeiro arranjo institucional científico nacional”, articulados com os surgimentos da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro (SMRJ) em 1829 e das Faculdades de Medicina em Salvador e no Rio de Janeiro, em 1832⁸². Não contando com “colaboradores e assinantes assíduos”, esses primeiros periódicos “enfrentaram sérias dificuldades materiais e culturais para sua institucionalização”⁸³. Uma das estratégias utilizadas para contornar essas dificuldades foi sua abertura à participação de leigos, membros da “elite letrada” do Rio de Janeiro da época, como ocorreu com o *Semanário de Saúde Pública*, órgão oficial da SMRJ, cujas cartas, em algumas ocasiões, tiveram o efeito de mudar o enfoque do órgão em relação a ações preventivas contra epidemias⁸⁴. No ano de 1833, em meio à uma polêmica sobre a chegada das epidemias de cólera ao país, o periódico publicou um extenso trabalho sobre a prevenção das “febres intermitentes”, que era dirigido de maneira direta à população, “transmitindo-lhe didaticamente o conhecimento científico disponível sobre a doença”, ao invés de apelar ao poder público⁸⁵. Dessa maneira, “a publicidade constante das atividades científicas da SMRJ, feita por intermédio dos periódicos médicos, anunciava a entrada dos médicos na vida pública”, já na primeira metade do século XIX⁸⁶. Até 1843, os periódicos médicos tiveram um papel importante no aumento da audiência para o discurso médico, estabelecendo “contato direto com os setores letrados da Corte e com a elite política governante”⁸⁷.

⁸⁰ FERREIRA, Luiz Otávio. Os periódicos médicos e a invenção de uma agência sanitária para o Brasil (1827-43). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, jul.-out. 1999, p. 334.

⁸¹ SODRÉ. *História da imprensa no Brasil*. *op. cit.*, p. 30.

⁸² FERREIRA. Os periódicos médicos.... *op. cit.*, p. 332.

⁸³ *Ibidem*.

⁸⁴ *Ibidem*, pp. 338-340.

⁸⁵ *Ibidem*, p. 340.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 343.

⁸⁷ FERREIRA; MAIO; AZEVEDO. A Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.... *op. cit.*, p. 481.

Em 1866, o periódico *Gazeta Médica da Bahia* começou a circular. Estabelecendo-se como um órgão de contestação à medicina oficial da capital do império e contrapondo-se às ideias europeias de determinismo racial, o periódico saudou a fundação da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro (SMCRJ) em 1886⁸⁸. Outro periódico que, desde seu início, posicionou-se contra a tradição médica da época foi *Brazil Médico*, fundado em 1887 pelo médico Antônio Azevedo Sodré. Em seu primeiro editorial, o *Brazil Médico* apresentava uma crítica à falta de produção científica brasileira na área de medicina. Uma das razões apontadas para este problema era “o reduzido número de revistas especializadas, que limitava muito a publicação de trabalhos científicos”⁸⁹. Logo em seu primeiro ano de existência, o periódico esteve no centro de uma controvérsia entre os membros da SMCRJ, que discutiam se a sociedade deveria publicar suas atas de reuniões e trabalhos em periódicos especializados ou, ao contrário, na grande imprensa, para tentar atrair um público maior e aumentar a sua legitimação. O primeiro grupo saiu vencedor, e o *Brazil Médico* passou a ser o órgão oficial das publicações da sociedade, o que muito contribuiu para sua consolidação como periódico científico especializado em medicina⁹⁰. O periódico foi publicado até a década de 1960, e Gastão Pereira da Silva publicou vários artigos nele na década de 1920⁹¹.

Na área da medicina mental, o primeiro periódico especializado foi criado em 1905, com o nome de *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*, por Juliano Moreira⁹², diretor do Hospício Nacional de Alienados (HNA), e Afranio Peixoto, alienista da mesma instituição. Desde seu início, o periódico buscava divulgar tanto os trabalhos de ramos da medicina já consolidados há mais tempo no Brasil, como a medicina legal, como também incentivar o desenvolvimento de novas especialidades como a psiquiatria, a neurologia, a psicologia e, posteriormente, a psicanálise. Este periódico esteve diretamente ligado ao HNA entre o período de 1905 a 1919, sendo impresso e encadernado nas oficinas tipográficas desta instituição e custeado por verba específica da Assistência a Alienados. Nos primeiros números

⁸⁸ *Ibidem*, p. 483.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 484.

⁹⁰ *Ibidem*, pp. 485-486.

⁹¹ Segundo Heloisa Seelinger, foram os seguintes os artigos publicados por Gastão em *Brazil Médico*: Insulina e o regime alimentar, 1923; A propósito de um caso de bradicardia, 1924; A questão do tabagismo, 1925; Bismuto e sífilis, 1925; A estracina nas injeções tônicas, 1928. Correspondência pessoal. Heloisa Seelinger, 15/10/2012, *mimeo*.

⁹² Juliano Moreira (1873-1933) formou-se em medicina na Bahia. Foi diretor do HNA de 1903 a 1930 e da Assistência a Alienados da capital federal de 1911 a 1930. Foi presidente da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal de 1907 a 1933 e da seção do Rio de Janeiro da primeira sociedade brasileira de psicanálise, em 1928. Ver FACCHINETTI, Cristiana; CASTRO, Rafael Dias de. The Historiography of Psychoanalysis in Brazil: the case of Rio de Janeiro. *Revista Dynamis*, v. 35, n. 1, 2015, p. 18.

do periódico, publicados entre 1905 e 1907, ele funcionava, principalmente, como um meio de divulgação das reformas e pesquisas desenvolvidas no hospício⁹³.

Após a fundação da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal (SBNPML), em 17 de novembro de 1907, o periódico tornou-se seu órgão de divulgação oficial, sendo renomeado para *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal* e publicando, entre outras matérias, um resumo das atas de reunião daquela instituição. Entretanto, apesar de ter funcionado como órgão oficial de divulgação da sociedade entre 1908 e 1918, o periódico não era propriedade desta instituição, o que passou a ocorrer apenas em 1931. Nas páginas do periódico eram publicados, além de artigos originais e comunicações feitas à SBNPML, também discussões de casos clínicos, notícias sobre cursos e congressos nacionais e internacionais, obituários de especialistas, bibliografias comentadas e análises de artigos, principalmente nas áreas da psiquiatria, neurologia e medicina legal e, em menor escala, da psicologia experimental e psicanálise⁹⁴.

Na década de 1920, com a expansão do rádio como meio de comunicação popular, surgiram revistas de divulgação científica voltadas para ele, como *Rádio – Revista de divulgação científica geral especialmente consagrada à radiocultura* e *Electron*, ambas dirigidas por Roquette-Pinto e ligadas à Rádio Sociedade⁹⁵. Posteriormente, matérias sobre programas e artistas radiofônicos passaram a ser comuns nas revistas de variedades em que Gastão Pereira da Silva escreveu, como *O Malho*.

Hoje em dia, os periódicos especializados exercem a “função social mais ampla de intermediários entre a comunidade científica e a sociedade”, contribuindo assim para a legitimação da ciência na sociedade, uma vez que “a ciência, como qualquer outra atividade social, também precisa conquistar uma audiência ampla, não restrita apenas aos especialistas de uma determinada área de conhecimento”⁹⁶.

Já em relação às revistas de variedades, vendidas em bancas, seu aparecimento com as características atuais data do início do século XIX, na Europa; já em 1837, há um primeiro exemplo de sua existência no Brasil: o *Museu Universal*, impresso pelo editor francês Junio Constance de Villeneuve, na época editor do *Jornal do Comércio*, criado em 1827. Villeneuve trouxe para o Brasil a primeira impressora mecânica do Hemisfério Sul e tornou-se o maior

⁹³ CERQUEIRA, Ede. *A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal: Debates Sobre Ciência e Assistência Psiquiátrica (1907-1933)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, Rio de Janeiro, 2014, p. 28.

⁹⁴ *Ibidem*, pp. 28-30.

⁹⁵ MOREIRA; MASSARANI. “Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil”. *op. cit.*, p. 54.

⁹⁶ FERREIRA; MAIO; AZEVEDO. *A Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.... op. cit.*, p. 333.

impressor do Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX⁹⁷. Muitos aspectos que já estavam presentes no *Museu Universal* são característicos até hoje de muitas das revistas vendidas em bancas de jornal: “o uso sistemático de ilustrações (...), além de um texto leve e mais acessível, em que se misturam preocupações culturais e artísticas com elementos de entretenimento: trechos de romances, contos e poesias populares, notícias sociais, conselhos domésticos, charadas e anedotas”⁹⁸. Em 1843 surgiu a mais famosa das revistas francesas do século XIX, *L Illustration*, que dava bastante destaque às ilustrações, mesclando desenhos com fotos inéditas que serviam muitas vezes como comentário das notícias. A revista era vendida a um preço bem acessível, entre 75 centavos e 1 franco⁹⁹. Em 1901, houve uma tentativa inicial, em Paris, de se fazer uma edição brasileira desta revista, com o título de *Ilustração Brasileira*; depois de desaparecer em 1902, ela voltou a circular em 1909, no Rio de Janeiro, tendo entre seus colaboradores Olavo Bilac, Manuel Bomfim e Medeiros e Albuquerque, que escrevia a “Crônica de 15 dias” utilizando o nome de M. A¹⁰⁰.

Em 1º de janeiro de 1876 começou a circular a *Revista Ilustrada*, “um dos grandes acontecimentos da imprensa brasileira”¹⁰¹. Seu diretor era o cartunista Angelo Agostini e sua tiragem chegou a 4.000 exemplares, “índice até aí não alcançado por qualquer periódico ilustrado na América do Sul”¹⁰². Segundo Monteiro Lobato, citado por Nelson Werneck Sodré, o sucesso da revista foi tão grande que Agostini viveu durante anos “do produto das assinaturas”, que alcançavam todas as províncias brasileiras¹⁰³. Embora a revista tenha se tornado mais conhecida pelas charges políticas, também pode ser relacionada à nascente divulgação científica brasileira: publicou “ilustrações que ironizavam o interesse do imperador pela astronomia, em particular sobre as expedições astronômicas financiadas pelo governo”¹⁰⁴.

Além dos periódicos, outra iniciativa importante no campo da divulgação científica da época foi o *Pedagogium*, criado pelo decreto n. 667, de 16 de agosto de 1890, por Benjamin Constant, ministro republicano da Instrução Pública, Correio e Telégrafos. Era um “museu pedagógico”, inspirado em iniciativas semelhantes na França. Entre os elementos que faziam parte da instituição, estavam “conferências e cursos científicos, gabinetes e laboratórios de

⁹⁷ MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas. O caso da Editora Abril*. Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 1997, pp. 15-16.

⁹⁸ *Ibidem*, p. 16.

⁹⁹ *Ibidem*, pp. 16-17.

¹⁰⁰ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, pp. 297-298.

¹⁰¹ *Ibidem*, p. 217.

¹⁰² *Ibidem*.

¹⁰³ LOBATO, Monteiro. *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo, 1956, p. 154, *apud* SODRÉ. *História da imprensa no Brasil*. *op. cit.*, p. 217.

¹⁰⁴ MOREIRA; MASSARANI. “Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil”. *op. cit.*, p. 48.

ciências físicas e naturais, exposições escolares anuais, (...) coleções-modelo para o ensino científico concreto nas escolas públicas”¹⁰⁵. A valorização do conhecimento científico no Pedagogium era vista como elemento fundamental da modernidade pedagógica que estava sendo trazida para os educadores brasileiros, e os cursos e conferências eram considerados como um “movimento de vulgarização científica, amplamente adotado na Europa e EUA, sob o nome de extensão universitária”¹⁰⁶. Uma característica marcante da divulgação durante o século XIX e a primeira década do século XX foi o fato dos principais divulgadores serem pessoas que tinham relações profissionais com a ciência, como professores, engenheiros ou médicos, ou que desenvolviam atividades ligadas ao campo, como os naturalistas, com pouca participação de jornalistas ou escritores¹⁰⁷.

Uma das exceções é a trajetória de Medeiros e Albuquerque, jornalista e escritor que publicou artigos que podem ser considerados de divulgação científica, primeiramente sobre psicologia, desde pelo menos 1905¹⁰⁸, e posteriormente também sobre psicanálise. Escritor, tendo publicado seu primeiro livro de poesia em 1887¹⁰⁹, José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque (1867-1934) foi um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras, em 1899, mas obteve maior renome como jornalista, tendo participação intensa na imprensa do Rio de Janeiro desde 1888, no jornal *Novidades*, colocando-se, desde o início, como defensor ferrenho da república e crítico do regime imperial¹¹⁰. Foi, assim, um dos primeiros nomes representativos da tendência da época, entre os literatos, de escreverem nos jornais: “Os homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível”¹¹¹. Escreveu no *Correio da Manhã* desde sua fundação, em 1901¹¹². Em 1907, recebia um valor mensal pelas crônicas que escrevia para *O País* e, usando o pseudônimo de J. Santos, assinava a seção “Crônica Literária”, em *A Notícia*¹¹³. Também participou das revistas ilustradas, que começavam a surgir na virada do século XIX para o XX: foi um dos primeiros colaboradores da *Revista da Semana*, fundada

¹⁰⁵ BASTOS, Maria Helena Camara. Ferdinand Buisson no Brasil – Pistas, vestígios e sinais de suas ideias pedagógicas (1870-1900). *História da Educação*, Pelotas, (8): set. 2000, pp. 96-97.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 98.

¹⁰⁷ MOREIRA; MASSARANI. “Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil”. *op. cit.*, p. 52.

¹⁰⁸ Ano em que publicou “O que é uma emoção”, nos *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins* (Ver CERQUEIRA. *A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. op. cit.*, p. 81).

¹⁰⁹ O livro tinha o título de *Canções da decadência*. Ver PRADO, Antonio Arnoni. “Cronologia”. In MEDEIROS E ALBUQUERQUE. *Canções da decadência e outros poemas*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. xxxix.

¹¹⁰ *Ibidem*.

¹¹¹ SODRÉ. *História da imprensa no Brasil. op. cit.*, p. 292.

¹¹² *Ibidem*, p. 287.

¹¹³ *Ibidem*, pp. 292-293.

em 1901¹¹⁴. Além de jornalista e escritor, foi também político, autor da letra do Hino da República e Diretor de Instrução Pública do Distrito Federal em 1897, quando nomeou Manuel Bomfim para diretor do Pedagogium¹¹⁵.

Iniciou sua relação com a divulgação científica brasileira em 1884, quando, ainda estudante, participou de um curso de História Natural dado por Emilio Goeldi¹¹⁶. No ano de 1919, Medeiros e Albuquerque fez uma conferência na Policlínica Geral do Rio de Janeiro com o título de “A psicologia de um neurologista: Freud e suas teorias sexuais”, que foi publicada posteriormente em seu livro *Graves e fúteis* (1922). Segundo uma notícia da época, do jornal *O Imparcial*, nesta conferência o jornalista apresentava os conceitos básicos das teorias de Freud, como “consciente, subconsciente e inconsciente”, repressão e censura, porém ressaltando que não pretendia ser “propagandista” de tais teorias, mas sim “um alambique intelectual, que destile e classifique certas coisas complicadas, não entrando na indagação do que elas são”¹¹⁷. Esta conferência foi mencionada por Gastão Pereira da Silva como uma grande influência para seu interesse pelas teorias freudianas, como veremos abaixo. Medeiros e Albuquerque, que lia Freud em inglês, dizia ter chegado à psicanálise a partir de seu interesse por hipnotismo¹¹⁸.

Mesmo com esses exemplos citados acima, a divulgação científica no Brasil ainda era esporádica e pouco consolidada. Isso começou a mudar no Rio de Janeiro dos anos 1920, quando um grupo de profissionais buscou ampliar os espaços “para a pesquisa básica e para a difusão mais ampla da ciência no Brasil”¹¹⁹. Já havia ocorrido, em 1916, a fundação da Sociedade Brasileira de Ciências, que em 1922 se tornaria a Academia Brasileira de Ciências (ABC). Seu primeiro presidente foi Henrique Morize¹²⁰. Dentro dessa academia, foi criada no ano seguinte a Rádio Sociedade¹²¹, a primeira rádio brasileira, tendo como secretário Edgard Roquette-Pinto. Faziam parte da programação desta rádio cursos e palestras de divulgação científica sobre temas como, por exemplo, a fisiologia do sono, por Roquette-Pinto, e ela

¹¹⁴ *Ibidem*, p. 297.

¹¹⁵ “Medeiros e Albuquerque”. In *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil. Pioneiros*. 2ª edição revista e aumentada. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2007.

¹¹⁶ PRADO. “Cronologia”. *op. cit.*, p. xxxix.

¹¹⁷ *O Imparcial*, 19/11/1919, p. 12.

¹¹⁸ CASTRO. *A sublimação do ‘id primitivo’ em ‘ego civilizado’*. *op. cit.*, p. 65.

¹¹⁹ MOREIRA; MASSARANI. “Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil”. *op. cit.*, p. 51.

¹²⁰ O francês naturalizado brasileiro Henrique Morize (1860-1930), engenheiro de formação, foi um dos nomes mais importantes da divulgação científica no Brasil no final do século XIX e início do XX. Atuou como astrônomo e foi diretor do Imperial Observatório do Rio de Janeiro. Escreveu artigos de divulgação científica para diversos periódicos, como *Revista do Observatório*, *Revista da Sociedade Brasileira de Ciências*, *Radio*, *Jornal do Commercio*, *A Noite e Correio da Manhã*. Ver MUSEU DA VIDA. “Henrique Morize”. In *Brasiliana. A divulgação científica no Brasil*; MOREIRA; MASSARANI. “Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil”. *op. cit.*, pp. 48, 53.

¹²¹ Sobre a Rádio Sociedade, ver o *site* sobre ela, disponível no Portal da Fiocruz, em <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home>.

transmitiu, em 1925, um comentário de Einstein sobre a importância do novo meio de comunicação para a divulgação científica¹²². Ildeu Moreira e Luisa Massarani consideram que os esforços de divulgação científica na década de 1920 foram mais organizados, tiveram participação maior de acadêmicos e foram mais voltados para a “difusão e conhecimentos da ciência pura e menos para a exposição e a disseminação dos resultados das aplicações técnicas dela resultantes”, em relação ao final do século XIX¹²³.

Outro nome bastante importante para a divulgação científica na época foi o fisiologista Miguel Osório de Almeida (1890-1953), que foi pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz e presidente da Academia Brasileira de Ciências entre 1929 e 1931. Em um texto de 1931, com o título de “A vulgarização do saber”, Miguel Osório afirmava que “as coleções de livros de vulgarização científica se multiplicam”¹²⁴, o que demonstrava o público crescente no país para esse tipo de produção. No entanto, “a utilidade de pôr o grande público a par do movimento científico tem parecido duvidosa a muitos espíritos”. Mas, para o autor, “esses perigos são mais imaginários do que reais”, pois “uma instrução popular bem orientada é feita de modo tal que não deixa dúvidas sobre a competência efetiva dos que a adquiriram”¹²⁵. Dessa maneira, “a vulgarização científica bem conduzida tem, pois, por fim real, mais esclarecer do que instruir minuciosamente sobre esse ou aquele ponto em particular”¹²⁶. E o autor conclui, com grande otimismo sobre as possibilidades da divulgação da ciência:

No dia em que a maioria dos homens estiver impregnada da verdadeira significação dos fins da ciência e tiver compreendido um pouco da essência dos métodos científicos e, em um passo mais adiantado ainda, souber se aproveitar um pouco das vantagens que a cultura científica confere, pela precisão que empresta ao raciocínio e pelo respeito à verdade, além de outras qualidades morais que desenvolve, a humanidade terá dado um grande passo¹²⁷.

Na mesma década de 1930, a divulgação científica no Brasil passou a dispor de outra importante iniciativa: a *Revista Nacional de Educação*, publicada pelo Museu Nacional e que já iniciou sua existência, em 1932, com uma tiragem de 12.500 exemplares, alcançando os

¹²² MOREIRA; MASSARANI. “Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil”. *op. cit.*, pp. 52-53.

¹²³ *Ibidem*, p. 55.

¹²⁴ ALMEIDA, Miguel Osório. “A vulgarização do saber”. In MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro; BRITO, Fatima (Org.). *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ, 2002 (1931), p. 65.

¹²⁵ *Ibidem*, p. 68.

¹²⁶ *Ibidem*, p. 69.

¹²⁷ *Ibidem*, pp. 69-70.

15.000 exemplares quando completou um ano, em 1933¹²⁸. Financiado pelo recém-criado Ministério da Educação e Saúde Pública, o periódico era distribuído gratuitamente para prefeituras, escolas e diversas associações culturais e de classe. Seu diretor, mais uma vez, era Roquette-Pinto, que dizia: “Eu quero tirar a ciência do domínio exclusivista dos sábios para entregá-la ao povo”¹²⁹. Os artigos da revista eram curtos e didáticos, embora fossem escritos por especialistas nos assuntos tratados¹³⁰.

Foi neste contexto que Gastão Pereira da Silva começou a publicar seus trabalhos de divulgação da psicanálise, na década de 1930.

1.3. A constituição da psicanálise no Rio de Janeiro

Os estudos sobre a constituição do campo psicanalítico no Brasil apontam para uma relação inicial muito estreita entre a psiquiatria, estabelecida como uma especialidade da medicina, e a psicanálise. Em grande parte, os primeiros nomes que se referiram à obra de Freud e trouxeram elementos da teoria psicanalítica para o Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, eram membros do “*establishment* psiquiátrico em vias de constituição” da época¹³¹. Assim, os trabalhos sobre psicanálise foram inicialmente publicados principalmente através de órgãos ligados à medicina ou psiquiatria, e foram os membros destes órgãos que fundaram, posteriormente, as primeiras sociedades brasileiras de psicanálise¹³². Ao mesmo tempo, a própria psiquiatria, em seu processo de estabelecimento como especialidade, passou por um processo de demarcação de limites e competências com várias outras disciplinas que hoje são especialidades separadas, como a medicina legal, a neurologia e a psicologia. Portanto, para analisarmos o processo de estabelecimento e divulgação da psicanálise no Brasil, teremos que fazer uma referência inicial a esse processo de especialização e separação dessas outras disciplinas.

Com a reforma do ensino superior brasileiro de 1832, que transformou as escolas médico-cirúrgicas da Bahia e do Rio de Janeiro em faculdades de medicina, foi criada uma cadeira específica de medicina legal, que abrangia o estudo das “doenças mentais e moléstias

¹²⁸ DUARTE, Regina Horta. “Em todos os lares, o conforto moral da ciência e da arte”: a Revista Nacional de Educação e a divulgação científica no Brasil (1932-34). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, jan.-abr. 2004, p. 34.

¹²⁹ *Apud* MUSEU DA VIDA. “Edgard Roquette-Pinto”. *op. cit.*

¹³⁰ DUARTE. “Em todos os lares, o conforto moral da ciência e da arte”. *op. cit.*, pp. 35-36.

¹³¹ RUSSO, Jane. *O mundo psi no Brasil*. *op. cit.*, p. 19; RUSSO, Jane. “Júlio Porto-Carrero: a psicanálise como instrumento civilizador”. *op. cit.*, p. 127.

¹³² Além dos médicos, literatos e educadores também se interessaram pela psicanálise e publicaram trabalhos sobre ela nessa época.

nervosas”¹³³. A cadeira de psiquiatria foi criada pelo decreto 8.024, de 1881, juntamente com várias outras especialidades médicas¹³⁴, mas só passou a funcionar efetivamente em 1883, quando Teixeira Brandão¹³⁵ foi aprovado por concurso para a cátedra da FMRJ¹³⁶. O mesmo Teixeira Brandão, em um artigo de 1884, definia a psiquiatria como “a síntese dos conhecimentos médicos, pois todos entram na solução do problema da influência que exerce o físico sobre o moral e deste sobre aquele”¹³⁷. Apesar de já haver ocorrido a criação da cátedra separada de psiquiatria, Brandão ainda se referia a esta especialidade como “intrinsecamente ligada à medicina legal”¹³⁸, uma vez que a disciplina buscava, segundo ele, também trabalhar com a Justiça de maneira que indivíduos que houvessem cometido “atos criminosos promovidos pela insânia” não fossem condenados¹³⁹.

Já a especialidade da neurologia, englobando a parte de doenças do sistema nervoso, só passou a ser uma cadeira autônoma da mesma faculdade em 1912, com Antonio Austregesilo¹⁴⁰ tendo sido escolhido como o primeiro professor da nova especialidade¹⁴¹. Assim, é possível dizer que estes três ramos da medicina, a medicina legal, a psiquiatria e a neurologia, “estavam, nas primeiras décadas do século XX, em processo de constituição e institucionalização enquanto *especialidades* do saber médico”¹⁴². Era uma época de “demarcação de fronteiras” entre estas áreas, processo que ocorria através do “estabelecimento de elementos que as definissem enquanto especialidades autônomas”. Estes elementos incluíam a criação de

¹³³ CERQUEIRA. *A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. op. cit.*, p. 78.

¹³⁴ Também foram criadas, pelo mesmo decreto, as cadeiras de oftalmologia, moléstias cutâneas e sífilíticas, clínica médica das crianças, fisiologia patológica e patologia experimental. Ver BRASIL. Decreto n. 8.024, de 12 de março de 1881, art. 35.

¹³⁵ João Carlos Teixeira Brandão (1854-1931) foi considerado o primeiro psiquiatra brasileiro. Influenciado pela psicoterapia francesa, assumiu o cargo de diretor do Hospício de Pedro II em 1883, posição que só deixaria em 1899, já com a instituição se chamando Hospital Nacional dos Alienados. Ver MONTEIRO, Denise Barcellos da Rocha; JACÓ-VILELA, Ana. “Fios, seduções e olhares: os primórdios ‘psi’ nas terapias para corpos e mentes perturbados”. In JACÓ-VILELA, Ana; FERREIRA, Arthur Arruda Leal; PORTUGAL, Francisco Teixeira (Org.). *História da psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2007, p. 156.

¹³⁶ NEVES, Afonso Carlos. *O emergir do corpo neurológico: neurologia, psiquiatria e psicologia em São Paulo a partir dos periódicos médicos paulistas (1889-1936)*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2010, pp. 65-66.

¹³⁷ BRANDÃO, Teixeira. O que é a psiquiatria. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*, Rio de Janeiro, ano III, n. 2, 1907 (1884), pp. 157-158.

¹³⁸ CERQUEIRA. *A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. op. cit.*, p. 77.

¹³⁹ BRANDÃO, Teixeira. O que é a psiquiatria. *op. cit.*, pp. 157-158.

¹⁴⁰ Antonio Austregesilo Rodrigues de Lima (1876-1961) era natural de Recife, Pernambuco. Formado em 1899 pela FMRJ, foi alienista do HNA e médico-chefe da 20ª enfermaria da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, assistente de clínica propedêutica da FMRJ em 1909 e professor catedrático de Neurologia da mesma faculdade a partir de 1912. Também se dedicou aos estudos a respeito e à divulgação da psicanálise, realizando palestras e publicando livros como *Sexualidade e Psiconeuroses* (1919) e *Educação da Alma* (1932). Foi o orientador da primeira tese sobre a psicanálise no Brasil, de Genserico Pinto, em 1914. Ver CERQUEIRA. *A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. op. cit.*, p. 31.

¹⁴¹ NEVES. *O emergir do corpo neurológico. op. cit.*, pp. 65-66.

¹⁴² CERQUEIRA. *A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. op. cit.*, p. 77, grifo do autor.

cadeiras nas faculdades de medicina, a separação entre espaços de estudo e de trabalho, a delimitação mais precisa de cada uma das áreas e a elaboração de textos de divulgação e manuais¹⁴³.

A institucionalização da psiquiatria no Brasil sofreu influências de um processo de busca de novas possibilidades de tratamento e novas teorias explicativas, iniciado no século XIX, na Europa. Naquele continente, a preocupação com os resultados terapêuticos tanto do “tratamento moral” defendido por Pinel como da internação em asilos levou a uma mudança importante no projeto dos psiquiatras, que concluíram que esses tratamentos não estavam curando a maioria dos casos de doenças mentais¹⁴⁴. Com o surgimento da teoria da degeneração, enunciada por Morel (1809-1873) em 1857¹⁴⁵ e desenvolvida a seguir por Magnan (1835-1916), que apontava que uma parte da população estaria condenada ao “atavismo”, sem condições de reabilitação, médicos e alienistas passaram a se voltar para maneiras de diminuir o número desta parte da população. No Brasil, uma das características vistas como relacionadas a esta questão era a miscigenação da população, uma vez que, para alguns autores, como o médico Nina Rodrigues (1862-1906), os negros e mestiços brasileiros seriam expressão desses “povos primitivos”, para cujos problemas não haveria solução. Assim, havia uma articulação forte entre questões raciais, de degeneração e de medicina mental no Brasil do final do século XIX¹⁴⁶.

Porém, uma parcela dos psiquiatras brasileiros começou a questionar a relação entre degeneração e raças, “buscando novas soluções para o tratamento dos doentes e abrindo-se para a busca de uma profilaxia contra a doença mental”¹⁴⁷. O nome mais importante deste grupo de psiquiatras foi Juliano Moreira, que se transferiu para o Rio de Janeiro para assumir a direção do Hospício Nacional de Alienados, em 1903, e posteriormente tornou-se Diretor Geral da Assistência aos Alienados, em 1911. Influenciado pela teoria alemã de Emil Kraepelin (1856-1926), que defendia uma maior importância dos fatores orgânicos como causadores das enfermidades mentais, Juliano, que era filho do português Manoel do Carmo Moreira Júnior, inspetor de iluminação pública, e de uma empregada doméstica negra¹⁴⁸, reuniu apoio político e institucional para fazer reformas na assistência e nas instituições da capital federal,

¹⁴³ *Ibidem*.

¹⁴⁴ COFFIN, Jean-Christophe. *La transmission de la folie (1850-1914)*. Paris: D'Harmathan, 2003.

¹⁴⁵ Ver MOREL, Benedict-Augustin. Tratado das degenerescências na espécie humana. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 11, n. 3, pp. 497-501. (Original publicado em 1857). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v11n3/13.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2014.

¹⁴⁶ CASTRO. *A sublimação do 'id primitivo' em 'ego civilizado'*. *op. cit.*, p. 36.

¹⁴⁷ *Ibidem*.

¹⁴⁸ Ver <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/2014/07/17/juliano-moreira>.

contrapondo-se à visão racialista e determinista e defendendo que, “em parte, a origem das doenças mentais devia-se a fatores físicos e situacionais, como a falta de higiene e falta de acesso à educação”¹⁴⁹.

O discurso de Juliano Moreira, baseado na psiquiatria alemã organicista, articulou-se no Brasil com o movimento sanitarista, que defendia que a falta de educação e saúde eram as reais causas da degeneração, e tornou-se hegemônico entre os psiquiatras brasileiros, que passaram a acreditar que as causas dos males mentais poderiam ser encontradas tanto na predisposição hereditária como nos problemas advindos da vida urbana e moderna. Assim, os psiquiatras, não estando mais restritos ao tratamento dos doentes mentais “degenerados”, puderam agir de maneira mais incisiva na sociedade em geral, agora possuindo uma nova e mais ampla atribuição: “evitar que as pessoas normais fossem degeneradas pelo meio insalubre física ou psiquicamente”¹⁵⁰. Começou-se a acreditar na possibilidade de prevenção e profilaxia das enfermidades da mente, prevenção esta que só seria eficaz, no entanto, caso dirigida por um profissional especializado, o psiquiatra¹⁵¹. Foi este deslocamento que permitiu, a partir do final da década de 1910, o surgimento de movimentos em prol da chamada “higiene mental”, como a Sociedade de Eugenia e a Liga Brasileira de Higiene Mental, e criou condições para que os psiquiatras, na visão de alguns autores, assumissem o papel de “reformadores sociais”¹⁵² ou “mandatários da ordem social”¹⁵³. Foi neste contexto, em que os movimentos eugênicos eram bastante fortes, que Gastão Pereira da Silva começou a divulgar a psicanálise.

Juntamente com a psiquiatria e a neurologia, outras especialidades do campo “psi” começaram a se estabelecer no Brasil, no início do século XX. Uma delas foi a psicologia experimental. Algumas comunicações sobre ela foram divulgadas no periódico *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, principalmente na sua primeira década de funcionamento, como foi o caso do texto de Medeiros e Albuquerque, intitulado “O que é uma emoção”, publicado em 1905. Três anos depois, também foi publicado naquele periódico um artigo do irmão mais novo do jornalista, o médico recém-formado Maurício de Medeiros (1885-1966). Este texto era intitulado “A questão dos métodos em psicologia”, e era baseado em sua tese, defendida em 1907. No mesmo ano de 1908, nas atas da SBNPML

¹⁴⁹ *Ibidem*, p. 40.

¹⁵⁰ *Ibidem*.

¹⁵¹ REIS, José Roberto Franco. *Higiene mental e eugenia: o projeto de “regeneração nacional” da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-30)*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 1994, p. 19.

¹⁵² *Ibidem*, p. 35.

¹⁵³ COSTA, Jurandir Freire. *História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. 5ª. ed. rev. Rio de Janeiro: Garamond, 2006, p. 28.

publicadas no periódico, foi registrada a visita do psicólogo francês George Dumas¹⁵⁴ como conferencista. Posteriormente, em 1917, Edgar Roquette-Pinto¹⁵⁵ apresentou uma comunicação à sociedade intitulada “Dados sobre a psicologia objetiva dos índios brasileiros”, também publicada no periódico¹⁵⁶.

A influência da psicologia experimental também podia ser percebida no estudo de conclusão do curso de medicina de Plínio Olinto¹⁵⁷, que tinha o título de “Contribuição ao estudo da associação de ideias” e foi defendido em 1911. Em uma comunicação apresentada à SBNPML no mesmo ano de sua formatura, Plínio Olinto falava sobre o diagnóstico diferencial entre casos de demência precoce e loucura maníaca depressiva, através da utilização do método da associação de ideias. Ele apontava a dificuldade em diferenciar entre os dois diagnósticos citados, em especial quando o paciente apresentava estados de agitação e delírio intercalados com momentos de depressão ou nos casos em que, na loucura maníaco-depressiva, eram encontrados sinais de demência. Olinto relatou ter feito testes medindo o tempo de reação nas associações imediatas, utilizando um aparelho desenvolvido por ele e construído no pavilhão de psicologia experimental do HNA¹⁵⁸.

O primeiro laboratório de psicologia experimental no Brasil foi criado dentro do museu pedagógico Pedagogium, no Rio de Janeiro, em 1906¹⁵⁹. Posteriormente, surgiram vários outros laboratórios, como o do HNA, e, em 1923, o laboratório na Colônia de Alienadas do Engenho de Dentro, criado por Gustavo Riedel, e do qual o psicólogo polonês Waclaw Radecki (1887-

¹⁵⁴ George Dumas (1866-1946) foi professor de psicologia experimental da Faculdade de Letras da Sorbonne, em Paris, de 1902 a 1937 e chefe do Laboratório de Psicologia Experimental, anexo à Faculdade de Medicina da mesma universidade. Foi editor do *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*, juntamente com Pierre Janet. Esteve no Brasil em várias ocasiões, divulgando a língua e cultura francesas e desempenhando papel tanto de intelectual como de representante do Ministério das Relações Exteriores francês no Brasil. Ver CERQUEIRA. *A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. op. cit.*, p. 83.

¹⁵⁵ Edgar Roquette-Pinto (1884-1954) formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1905, mas logo seguiu carreira como antropólogo, tornando-se professor na Seção de Antropologia, Etnografia e Arqueologia do Museu Nacional em 1906 e participando da Missão Rondon desde 1907. Diretor do Museu Nacional de 1925 a 1936, realizou várias iniciativas importantes de divulgação científica a partir desta instituição. Um dos idealizadores da Sociedade Brasileira de Ciências, foi eleito seu primeiro secretário quando de sua criação, em 1916. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1927. Ver ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. “Roquette-Pinto, biografia”. Disponível em <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=196&sid=198>; MUSEU DA VIDA. “Edgard Roquette-Pinto”. In *Brasileira. A divulgação científica no Brasil*. Disponível em <http://www.museudavida.fiocruz.br/brasileira/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=155&sid=30>.

¹⁵⁶ CERQUEIRA. *A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. op. cit.*, p. 83.

¹⁵⁷ Plínio Olinto (1886-1956), formado em medicina pela FMRJ, foi interno do Hospício Nacional de Alienados, professor de psicologia do Pedagogium e, posteriormente, presidente da Liga Brasileira de Higiene Mental e chefe do serviço neuropsiquiátrico da Colônia de Engenho de Dentro. Ver CERQUEIRA. *A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. op. cit.*, pp. 53, 88, 170.

¹⁵⁸ CERQUEIRA. *A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. op. cit.*, p. 83.

¹⁵⁹ MASSIMI, Marina. “O processo de institucionalização do saber psicológico no Brasil do século XIX”. In JACÓ-VILELA, Ana; FERREIRA, Arthur Arruda Leal; PORTUGAL, Francisco Teixeira (Org.). *História da psicologia: ramos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2007, p. 166.

1953) assumiu, em 1924, a direção. Neste laboratório, Radecki contou com um grupo de assistentes formado, entre outros, por psiquiatras, como Nilton Campos e Gustavo de Rezende, e médicos militares¹⁶⁰. No mesmo período, Plínio Olinto trabalhava no serviço neuropsiquiátrico da Colônia de Engenho de Dentro, também desenvolvendo pesquisas na área de psicologia experimental. No entanto, Olinto afirmava discordar do sistema de “discriminacionismo afetivo” que, segundo ele, era defendido por Radecki¹⁶¹. Em 1929, Olinto apresentou à SBNPML uma comunicação em que criticava uma declaração feita, segundo ele, por Radecki, de que “a psiquiatria atual não estaria calcada na psicologia”. Ao contrário, para Olinto, “a escola neuropsiquiátrica de Juliano Moreira, Henrique Rôxo e Austregesilo iniciou seus estudos em firme base psicológica”. Seja reconhecendo “a importância da psicologia experimental como instrumental de apoio à neuropsiquiatria”, como fazia Olinto, seja criticando a psiquiatria, como fazia Radecki, ambos concordavam quanto à importância da psicologia experimental¹⁶².

Julio Porto-Carrero (1887-1937) também comentou a questão apresentada por Plínio Olinto. Ele era sócio da SBNPML desde 1924, participava da seção de medicina legal da agremiação e, no ano de 1929, também exercia as funções de professor catedrático de medicina legal na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro e médico responsável pela clínica psicanalítica da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM)¹⁶³. Porto-Carrero dizia que os estudos de Radecki estariam em uma fase “embrionária, caótica, nebulosa”, já que este ignorava a relação entre a “psiquiatria moderna” e a psicologia e ainda utilizava termos como “abreção” que, para Porto-Carrero, pertenciam “à fase da pré-história psicanalítica”. O laboratório de psicologia experimental funcionou na Colônia de Engenho de Dentro, sob a direção de Radecki, até 1932, quando, pelo decreto 21.173, de 19 de março de 1932, tornou-se o Instituto de Psicologia ligado à Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública¹⁶⁴.

¹⁶⁰ PENNA, Antonio Gomes. *História da Psicologia no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1992, pp. 32-33.

¹⁶¹ OLINTO, Plínio. “A psicologia experimental no Brasil”. In ANTUNES, Mitsuko Aparecida M. (Org.). *História da Psicologia no Brasil: primeiros ensaios*. Rio de Janeiro: EDUERJ/Conselho Federal de Psicologia, 2004, pp. 26-27.

¹⁶² CERQUEIRA. *A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal*. op. cit., p. 89.

¹⁶³ Porto-Carrero, médico de formação, foi um dos principais divulgadores das teorias psicanalíticas no Rio de Janeiro durante as décadas de 1920 e 1930. Estabeleceu uma clínica psicanalítica na LBHM em 1926. Vice-presidente da divisão do Rio de Janeiro da primeira Sociedade Brasileira de Psicanálise, fundada em 1927 em São Paulo, Porto-Carrero assumiu o cargo de professor de medicina legal na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro em 1929, onde tratou com frequência das teorias de Freud. Gastão Pereira da Silva fez referências a Porto-Carrero como professor de psicanálise e criminalista, como veremos nos capítulos 2 e 3 (Ver FACCHINETTI; CASTRO. *The Historiography of Psychoanalysis in Brazil*. op. cit.; RUSSO, Jane. “Júlio Porto-Carrero: a psicanálise como instrumento civilizador”. In DUARTE, Luiz Fernando Dias; RUSSO, Jane; VENANCIO, Ana Teresa (Org.). *Psicologização no Brasil: atores e autores*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005).

¹⁶⁴ CERQUEIRA. *A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal*. op. cit., pp. 88-90.

Já Porto-Carrero foi um dos psiquiatras que trabalhou mais intensamente com a psicanálise, nas décadas de 1920 e 1930. Aliás, temos relatos sobre a utilização anterior da psicanálise no Rio de Janeiro, desde a década de 1910, por nomes como Juliano Moreira, Antonio Austregesilo, Genserico Pinto¹⁶⁵ e Henrique Roxo¹⁶⁶, todos estes com formação como psiquiatras. Em 1914 foi publicado no periódico *Arquivos Brasileiros*, pela primeira vez, um debate envolvendo a teoria psicanalítica. Nesta ocasião, Pedro Pernambuco Filho apresentou “um caso de epilepsia onde fenômenos de automutilação substituíam os ataques”, o que gerou considerações de Antonio Austregesilo sobre a necessidade de maiores estudos sobre os automutiladores, fossem eles “inconscientes, subconscientes e conscientes”, assim como sobre a psicanálise em geral, “por considerá-la como um assunto de suma importância que precisava ser melhor estudado por eles”¹⁶⁷.

Na história da SBNPML, cujos membros eram alguns dos mais destacados psiquiatras da época, a psicanálise começou a aparecer com destaque na década de 1920. Na sessão de posse de Porto-Carrero, em 1924, como novo membro efetivo da SBNPML, foi publicada uma observação clínica “sobre um caso de contratura de um membro, pós recuperação do traumatismo, diagnosticado como sendo de ‘monoplegia pitiática’”, onde o citado médico utilizou o “método freudiano”, empregando “a pesquisa dos erros e esquecimentos; a análise dos sonhos e o exame das associações de ideias, este pelo processo de Bleuler-Jung”. Já em 1927, Carneiro Ayrosa, outro membro da sociedade, apresentou uma nota prévia sobre a nova concepção da herança psicopatológica, apoiado nas teorias de Freud a respeito do papel da libido e da faculdade de sublimação¹⁶⁸.

Em São Paulo, por sua vez, os inícios da psicanálise estão ligados à figura do médico Franco da Rocha (1864-1930), nomeado diretor clínico do Hospício de Alienados em São Paulo em 1896 e, a partir da década seguinte, fundador e diretor do Juquery, maior hospício do estado

¹⁶⁵ Autor da primeira tese que trata das teorias freudianas no Brasil, *Da psicanálise (A sexualidade nas nevroses)*, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1914, orientado por Austregesilo. Ver STUBBE, Hannes. *Sigmund Freud in den Tropen. die erste psychoanalytische Dissertation in der portugiesischsprachigen Welt, 1914*. Aachen: Shaker Verl., 2011.

¹⁶⁶ Henrique de Britto Belford Roxo (1877-1969) graduou-se pela FMRJ em 1900, com a tese “Duração dos atos psíquicos elementares nos alienados”. Foi professor assistente, substituto e, a partir de 1921, professor titular de clínica psiquiátrica da FMRJ, até sua aposentadoria em 1945, e diretor da Clínica Psiquiátrica da mesma faculdade, localizada no Pavilhão de Observação do HNA. Encontramos referência sua à teoria psicanalítica já em 1916, em um texto, “Nervosismo”, publicado nos *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*. Ver CERQUEIRA. *A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. op. cit.*, p. 30; FACCHINETTI; CASTRO. *The Historiography of Psychoanalysis in Brazil. op. cit.*, p. 19.

¹⁶⁷ *Ibidem*, p. 91.

¹⁶⁸ CERQUEIRA. *A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. op. cit.*, pp. 92-93.

paulista¹⁶⁹. Franco da Rocha publicou um livro sobre as teorias de Freud em 1920: *O pansexualismo na doutrina de Freud*, e deu aulas sobre o assunto na Faculdade de Medicina de São Paulo. Mas a psicanálise em São Paulo, inicialmente, não conseguiu inserção tão forte no meio médico. As resistências, que já eram fortes na época de Franco da Rocha, aumentaram com a aposentadoria deste do Juquery e da faculdade de medicina, na década de 1920. Seu discípulo Durval Marcondes (1899-1981), médico de formação mas, por outro lado, ligado ao meio cultural paulistano, buscou outros caminhos para a divulgação da psicanálise; para isso, “aproximou-se dos modernistas, pensadores e educadores, conseguindo implantar com eles um primeiro grupo de psicanálise”¹⁷⁰, embrião da primeira sociedade de psicanálise brasileira, em 1927¹⁷¹. Esta sociedade teve vida curta em São Paulo, deixando de promover reuniões já em 1930¹⁷²; após a morte de Franco da Rocha, em 1933, a psicanálise passou a ser ensinada na Escola de Filosofia, e não de Medicina, da então nascente Universidade de São Paulo¹⁷³.

Já os intelectuais modernistas da primeira fase (década de 1920), como Mario de Andrade (1893-1945), se aproximaram da psicanálise por outros caminhos, valorizando o papel dos sonhos e do inconsciente e apoiando-se nela, além das filosofias de Nietzsche e de Marx, como algumas de suas bases teóricas para seu projeto de Brasil. Embora vários destes modernistas tenham participado da sociedade fundada em 1927, logo atritos começaram a surgir, “uma vez que a apologia estética do primado soberano do inconsciente deste último [Modernismo] opunha-se francamente aos ideais da Liga Brasileira de Higiene Mental”¹⁷⁴. Durval Marcondes passou a ser favorável à aproximação com a *International Psychoanalytical Association* (IPA), que defendia uma série de critérios restritivos para a formação de psicanalistas. Em uma conferência de 1929, Marcondes afirmou que “a obra que se impõe à psicanálise no Brasil não é mais a de propaganda teórica, que boa ou má, já está feita de sobejo, mas a formação de técnicos competentes”¹⁷⁵. Em consonância com tais objetivos, em 1951, a

¹⁶⁹ CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O espelho do mundo: Juquery, a história de um asilo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

¹⁷⁰ FACCHINETTI; PONTE. De barulhos e silêncios. *op. cit.*, p. 65.

¹⁷¹ Esta sociedade se dividiu em duas seções: além da paulista, havia a carioca, que funcionava nas dependências do Hospital Nacional de Alienados, sob a direção de Juliano Moreira (*Ibidem*). Artigos de jornais da época afirmam que, por sugestão do próprio Durval Marcondes, a sede principal da sociedade teria sido transferida de São Paulo para o Rio de Janeiro, em 1928 (*Jornal do Brasil*, 05/07/1928, p. 8; *O Paiz*, 07/07/1928, p. 2).

¹⁷² MOKREJS, Elisabete. *A psicanálise no Brasil. As origens do pensamento psicanalítico*. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 54.

¹⁷³ FACCHINETTI; CASTRO. The Historiography of Psychoanalysis in Brazil. *op. cit.*, p. 7.

¹⁷⁴ FACCHINETTI; PONTE. De barulhos e silêncios. *op. cit.*, p. 66.

¹⁷⁵ MARCONDES, Durval. Aspectos do aproveitamento prático da psicanálise. Conferência proferida no I Congresso Paulista de Psicologia, Neurologia, Psiquiatria, Endocrinologia, Identificação Medicina Legal e Criminologia. *Neurobiologia*, São Paulo, nº2 (1): 7-27, março 1929, *apud* FACCHINETTI; PONTE. De barulhos e silêncios. *op. cit.*, p. 66.

sociedade paulistana, agora com o nome de Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, obteve a filiação definitiva à IPA.

No Rio de Janeiro, as primeiras tentativas de formação de sociedades reconhecidas pela IPA ocorreram apenas na década de 1940, com a constituição de dois grupos de estudo: o Centro de Estudos Juliano Moreira e o Instituto Brasileiro de Psicanálise. O primeiro destes, formado em 1944 por jovens psiquiatras do Serviço Nacional de Doenças Mentais descontentes com o ensino de psicanálise dado por Henrique Roxo na FMRJ, foi o embrião da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), que obteve filiação à IPA em 1959¹⁷⁶. Posteriormente houve uma grande fragmentação do campo psicanalítico na cidade, com a proliferação de diferentes sociedades de formação de psicanalistas, rivalidades entre grupos em busca de reconhecimento e movimentações políticas¹⁷⁷.

1.4. A historiografia sobre a psicanálise no Brasil

Os trabalhos que fizeram uma história da psicanálise no Brasil construíram diferentes interpretações para o processo de constituição e de institucionalização da psicanálise, dando destaque maior para um ou outro grupo de atores ou para determinados acontecimentos e omitindo outros. Segundo Rafael Dias de Castro, é possível identificar três gerações de “historiadores que refletiram sobre a circulação da teoria freudiana no Rio de Janeiro”¹⁷⁸. A primeira geração foi composta pelos próprios atores que se interessaram pela teoria psicanalítica, nas décadas de 1920 e 1930, com destaque para Porto-Carrero, que, em uma apresentação na Associação Brasileira de Educação (ABE), em 1928, apontou Juliano Moreira como o primeiro a se referir aos métodos de Freud no Brasil, o que teria ocorrido, segundo ele, já em 1899, na Bahia¹⁷⁹. Porto-Carrero também se referiu a outros nomes como importantes no processo inicial de divulgação das ideias de Freud, como Medeiros e Albuquerque, Antonio Austregesilo e Henrique Roxo, no Rio de Janeiro, e Franco da Rocha e Durval Marcondes, em São Paulo, todos eles citados anteriormente aqui. A história da psicanálise narrada por Porto-Carrero buscava apresentar a psicanálise como, ao mesmo tempo, uma ciência reconhecida pelos principais psiquiatras do período e uma teoria complexa compreendida apenas por grandes intelectuais contemporâneos¹⁸⁰.

¹⁷⁶ FACCHINETTI; CASTRO. *The Historiography of Psychoanalysis in Brazil*. *op. cit.*, p. 22.

¹⁷⁷ RUSSO, Jane. *O mundo psi no Brasil*. *op. cit.*, pp. 78-79; MELLONI, Maria Teresa. *Rio de Janeiro (1937-1959), uma psicanálise possível*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2010.

¹⁷⁸ CASTRO. *A sublimação do 'id primitivo' em 'ego civilizado'*. *op. cit.*, p. 19.

¹⁷⁹ FACCHINETTI; CASTRO. *The Historiography of Psychoanalysis in Brazil*. *op. cit.*, p. 18.

¹⁸⁰ CASTRO. *A sublimação do 'id primitivo' em 'ego civilizado'*. *op. cit.*, p. 19.

Gastão Pereira da Silva, que iniciou seu trabalho de divulgação da psicanálise alguns anos após o texto de Porto-Carrero, também construiu, através de sua obra, uma história da psicanálise carioca. Nesta, ele tem um papel importante, como divulgador da psicanálise para um público mais amplo e menos especializado do que o contemplado por outros psicanalistas. Este processo ocorreu, em especial, com sua obra *25 anos de psicanálise*, cuja primeira edição foi publicada em 1959, o mesmo ano da fundação da SBPRJ. O livro é descrito como uma autobiografia, embora intercale exemplos de casos atendidos e discussões teóricas sobre psicanálise com a narração dos acontecimentos da vida do autor. Nele, Gastão apontava as décadas de 1920 e 1930 como o marco inicial da difusão da psicanálise carioca, embora, dos vários nomes citados por Porto-Carrero em seu texto, Gastão mencione apenas Medeiros e Albuquerque, que era um dos poucos dentre os citados que não era formado em medicina nem fazia parte do grupo de psiquiatras de destaque da cidade, como importante precursor da psicanálise carioca. É importante ressaltar também o grande espaço de tempo, aproximadamente 30 anos, decorrido entre a publicação das duas obras que se referem à história da psicanálise, a de Porto-Carrero e a de Gastão, o que, a nosso ver, impede que Gastão seja considerado como pertencente à primeira geração dos historiadores da psicanálise e indica a existência de um grande intervalo de tempo em que, até o momento, não se encontraram trabalhos publicados sobre este tema.

A segunda geração de historiadores da psicanálise, chamada de “oficial” por Facchinetti e Castro¹⁸¹, foi composta por médicos que fizeram sua formação psicanalítica, na década de 1940, de acordo com os preceitos da IPA e posteriormente narraram, na década de 1970, uma história que tomava a institucionalização das sociedades aprovadas pela associação internacional como marco inicial da psicanálise carioca. Danilo Perestrello (1916-1989), um dos fundadores do Centro de Estudos Juliano Moreira, distinguiu entre os psicanalistas “precursores”, que divulgaram a psicanálise no Rio de Janeiro antes da institucionalização junto à IPA e sem passar pela análise didática, e os “pioneiros”, que se formaram de acordo com os critérios daquela instituição. Para Perestrello, os pioneiros teriam sido os primeiros a praticar a clínica psicanalítica, enquanto os precursores teriam se limitado a escrever sobre o tema. Como já foi citado, no entanto, pesquisas têm demonstrado que já havia prática clínica psicanalítica no Rio de Janeiro desde a década de 1910, muito antes da constituição das sociedades de psicanálise¹⁸².

¹⁸¹ FACCHINETTI; CASTRO. The Historiography of Psychoanalysis in Brazil. *op. cit.*, p. 22.

¹⁸² CASTRO. *A sublimação do 'id primitivo' em 'ego civilizado'*. *op. cit.*, p. 21.

A médica e psicanalista Marialzira Perestrello, esposa de Danilo, também dividiu em dois grupos a história da psicanálise carioca: os que se estabeleceram antes do surgimento do Centro de Estudos Juliano Moreira, do qual ela e o marido participaram, e o grupo posterior a estes estudos. Dentre os precursores, ela apontava Juliano Moreira e Porto-Carrero como os que souberam melhor entender e divulgar as ideias da psicanálise, enquanto Austregesilo e Henrique Roxo, para ela, foram mais equivocados. No geral, porém, ela considerava que somente após o grupo de estudos de que havia participado a psicanálise carioca “teria sido integralmente compreendida”¹⁸³. Nas versões dos membros desta segunda geração, muitos acontecimentos, como a constituição da primeira sociedade brasileira de psicanálise em 1927 e a participação de Gastão Pereira da Silva, foram esquecidos¹⁸⁴. Neste último caso, isto se deveria ao fato dele ter construído sua carreira à margem das sociedades oficiais.

A partir da década de 1980, surgiu uma terceira geração de historiadores da psicanálise no meio acadêmico, contemporânea à crise da IPA no Brasil. O afastamento de muitos psicanalistas das sociedades vinculadas à IPA, no caso brasileiro, também teve relações com outros fatores históricos conjunturais:

Foi no contexto da crítica aos regimes ditatoriais, ao golpe militar vivido e à cumplicidade de alguns analistas com a prática da tortura, que se passou a questionar mais intensamente qual seria a relação (direta ou indireta) entre as análises didáticas oferecidas pelas sociedades com os regimes políticos, e a vinculação direta da história desse saber com tais instituições¹⁸⁵.

Os trabalhos desta geração são mais variados em termos de metodologia histórica e conceitos utilizados, e alguns de seus autores são oriundos de outros campos acadêmicos que não a psicanálise ou psiquiatria. Estes pesquisadores resgataram muitos aspectos da história dos analistas cariocas antes da década de 1940, demonstrando sua relevância “para o contexto social, cultural e intelectual da época”¹⁸⁶. Dentro desta corrente, destacamos um grupo de trabalhos que procuraram vincular a circulação da psicanálise a projetos de modernização do Brasil, composto por obras de Elisabete Mokrejs¹⁸⁷, Carlos Ponte¹⁸⁸, Jane Russo¹⁸⁹, Cristiana

¹⁸³ *Ibidem*, p. 22.

¹⁸⁴ *Ibidem*, p. 23.

¹⁸⁵ *Ibidem*, pp. 24-25.

¹⁸⁶ *Ibidem*, p. 25.

¹⁸⁷ MOKREJS. *A psicanálise no Brasil. op. cit.*

¹⁸⁸ PONTE, Carlos Fidelis da. *Médicos, psicanalistas e loucos: uma contribuição à história da psicanálise no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz, Rio de Janeiro, 1999.

¹⁸⁹ RUSSO. *O mundo psi no Brasil. op. cit.*; RUSSO, Jane. A difusão da psicanálise no Brasil na primeira metade do século XX – Da vanguarda modernista à rádio-novela. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 1, 2002.

Facchinetti¹⁹⁰ e Rafael Castro¹⁹¹, corrente historiográfica na qual inserimos também este trabalho.

Mesmo nesta terceira geração, muitos dos trabalhos históricos sobre psicanálise não citam o nome de Gastão Pereira da Silva. Dentre as exceções, está a obra da pedagoga Elisabete Mokrejs, que dedica treze páginas de seu livro sobre “as origens do pensamento psicanalítico” à produção de Gastão¹⁹². Tendo tido acesso a grande número de obras do autor, Mokrejs afirma que, em seu conjunto, destacam-se a primeira (*Para compreender Freud*) e duas das últimas obras (*O ateísmo de Freud e Deus e a angústia humana*), “pela originalidade que imprimiu à divulgação das ideias psicanalíticas”¹⁹³. Também reproduz a versão do próprio autor para o fato de nunca ter se filiado a grupos ou sociedades psicanalíticas, a “aversão por competições” e por “participação em ‘igrejinhas’”¹⁹⁴. A obra de Mokrejs apresenta um extenso levantamento de fontes e uma cuidadosa pesquisa sobre os primeiros momentos da psicanálise no Brasil, e tornou-se uma referência para os estudos posteriores sobre o tema. No entanto, sentimos em seu trabalho a ausência de críticas e problematizações, apresentando uma versão linear e progressiva do processo de desenvolvimento da psicanálise brasileira, que foi bem mais complexo do que nesta versão¹⁹⁵.

Posteriormente, os textos de Jane Russo sobre Gastão Pereira da Silva¹⁹⁶, bastante apoiados na obra de Mokrejs, apresentam Gastão como uma figura *sui generis* e uma exceção no campo psicanalítico por não se filiar a nenhuma instituição. Para a autora, seu esforço de divulgação indicaria a existência, na época, de “uma espécie de auto-ajuda psicanalítica-sexológica” dirigida ao público leigo, se referindo a questões de comportamento, sexuais, de criação dos filhos e de educação, e estaria inserido em um contexto mais amplo da época de “interesse generalizado pela ‘questão sexual’”¹⁹⁷. Os trabalhos mais extensos sobre Gastão Pereira da Silva são os de Heloisa Seelinger¹⁹⁸, que, no entanto, concentram-se em seu papel

¹⁹⁰ FACCHINETTI, Cristiana. *Deglutindo Freud. op. cit.*; FACCHINETTI; PONTE. *De barulhos e silêncios. op. cit.*

¹⁹¹ CASTRO. *A sublimação do ‘id primitivo’ em ‘ego civilizado’.* *op. cit.*

¹⁹² MOKREJS. *A psicanálise no Brasil. op. cit.*, pp. 167-180.

¹⁹³ *Ibidem*, p. 180.

¹⁹⁴ *Ibidem*, p. 168.

¹⁹⁵ Esta crítica é compartilhada por Rafael Castro. Ver CASTRO. *A sublimação do ‘id primitivo’ em ‘ego civilizado’.* *op. cit.*, p. 27.

¹⁹⁶ RUSSO, Jane. *O mundo psi no Brasil. op. cit.*, pp. 23-25; RUSSO, Jane. “Júlio Porto-Carrero: a psicanálise como instrumento civilizador”. *op. cit.*, p. 128; RUSSO, Jane. A difusão da psicanálise no Brasil na primeira metade do século XX – Da vanguarda modernista à radio-novela. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 1, 2002, pp. 53-64; RUSSO, Jane. “Gastão Pereira da Silva”. *op. cit.*

¹⁹⁷ RUSSO, Jane. *O mundo psi no Brasil. op. cit.*, p. 25.

¹⁹⁸ SEELINGER, Heloisa. “Entre balangandans e a Hora do Brasil: a propagação da psicanálise na Era Vargas através das revistas *Carioca* e *Vamos Lêr!*”. Relatório parcial de pesquisa de pós-doutorado financiada pelo CNPq, intitulada “Entre vilões e mocinhas, leitores e ouvintes: a difusão da psicanálise por Gastão Pereira da Silva na Era

como jornalista e divulgador da psicanálise, em especial nas revistas *Carioca* e *Vamos Lêr!* e na Rádio Nacional, sem aprofundar discussões sobre seus livros de divulgação da psicanálise, sobre a sua relação com as sociedades oficiais de psicanálise e sobre como a historiografia da psicanálise trabalhou com a figura do autor.

Gastão Pereira da Silva também aparece como um pequeno verbete (dez linhas de texto) na obra de referência *Dicionário literário brasileiro*, de Raimundo de Menezes, cuja segunda edição é de 1978. Neste verbete, em meio a algumas afirmações bastante divergentes das outras fontes sobre sua vida, Gastão é apresentado como “sendo, no Brasil, o introdutor do freudismo”. O autor do dicionário aparentemente não teve acesso a *25 anos de psicanálise*, pois não cita esta obra em sua bibliografia, e aponta como fonte única para o verbete o *Dicionário universal de literatura*, de Henrique Perdigão¹⁹⁹. Mesmo com as imprecisões biográficas, é digno de nota que Gastão seja citado em um dicionário de literatura, apesar de não ter entrado para a Academia Brasileira de Letras²⁰⁰, ao contrário de outros médicos de renome das gerações anteriores à sua²⁰¹.

Outra fonte bastante rica sobre a carreira de Gastão é uma entrevista com o autor realizada em 1984, menos de três anos antes de seu falecimento. Em duas ocasiões durante este ano (12 de agosto e 17 de outubro), ele foi entrevistado por um grupo formado por três psicanalistas do Rio de Janeiro (Marco Antonio Coutinho Jorge, Plínio Leite dos Santos Jr. e Teresa Palazzo Nazar²⁰²). Apresentado como um dos “pioneiros” e dos “maiores divulgadores” da psicanálise no Brasil, Gastão, mesmo estando doente, de acordo com os entrevistadores, respondeu a várias questões e esclareceu pontos importantes de sua trajetória²⁰³.

Vargas”, realizada no Programa de Estudos e Pesquisas em História da Psicologia – Clio-Psyché da UERJ, sob a supervisão da Profa. Dra Ana Maria Jacó-Vilela. Rio de Janeiro: 2010; SEELINGER, Heloisa. “Entre vilões e mocinhas, leitoras e ouvintes: a difusão da psicanálise por Gastão Pereira da Silva pela Rádio Nacional e imprensa na era Vargas”. Relatório parcial de pesquisa de pós-doutorado financiada pelo CNPq, intitulada “Entre vilões e mocinhas, leitores e ouvintes: a difusão da psicanálise por Gastão Pereira da Silva na Era Vargas”, realizada no Programa de Estudos e Pesquisas em História da Psicologia – Clio-Psyché da UERJ, sob a supervisão da Profa. Dra Ana Maria Jacó-Vilela. Rio de Janeiro: 2010.

¹⁹⁹ MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978, p. 634.

²⁰⁰ Um outro caso semelhante ao de Gastão que aparece no dicionário é Porto-Carrero, com um verbete ainda menor (sete linhas de texto), na letra “C”, grafado como Carreiro, Júlio Porto (MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. *op. cit.*, p. 167).

²⁰¹ Como Antonio Austregesilo e Afranio Peixoto (1876-1947), cujos verbetes no dicionário são bem maiores em extensão.

²⁰² Nenhum deles fez parte do grupo de sócios fundadores da APPERJ. Vale ressaltar, para uma maior compreensão daquela conjuntura, que os três psicanalistas eram de formação lacaniana, que havia rompido com a IPA, não sendo, portanto, reconhecidos como psicanalistas por aquela instituição. Sobre a psicanálise lacaniana no Brasil, ver RUSSO, Jane. *O mundo psi no Brasil*. *op. cit.*, pp. 48-53.

²⁰³ SILVA, Gastão Pereira da. “Entrevista”. *op. cit.*

Um de seus filhos, Helcio Pereira da Silva, também escreveu um livro sobre a vida do pai, em 1993. Além da narração de episódios biográficos de Gastão, com informações sobre vários momentos da vida do autor em tom memorialístico, o livro apresenta uma ampla bibliografia do escritor, que auxilia bastante no esforço de se estudar sua trajetória²⁰⁴. Outro texto da década de 1990 que cita seu nome é o artigo de Thomas Glick, “Precursores del psicoanalysis em la America Latina”, publicado em 1999, que menciona Gastão Pereira da Silva em um parágrafo, dizendo que este “publicou quase uma dezena de títulos sobre a psicanálise” na década de 1930, citando a coluna da revista *Carioca* e os programas radiofônicos sobre sonhos e dizendo que “Pereira da Silva sobreviveu para participar na formação de uma das sociedades oficiais dos anos 1950”²⁰⁵. Pelo contrário, a pesquisa feita até o momento não encontrou nenhum indício da participação de Gastão em sociedades oficiais de psicanálise.

O trabalho mais recente que se refere a Gastão Pereira da Silva é o de Rafael Castro, em sua tese sobre a recepção e circulação das ideias psicanalíticas na Rio de Janeiro do início do século XX. Ele aponta Gastão como “um personagem de grande impacto nesse período inicial de difusão da psicanálise no Rio de Janeiro”, que, no entanto, “quase caiu no esquecimento”. Contra isso, ele “reescreveu a história da psicanálise no Brasil para se inserir nela como personagem, valorizando sua própria relevância, já que acreditava que sua participação não havia sido devidamente considerada”²⁰⁶.

Como vimos neste capítulo, o surgimento das escolas médicas e a institucionalização da medicina no início do século XIX, no Brasil, podem ser considerados como alguns dos primeiros acontecimentos ligados à história das ciências no país. Com o surgimento dos primeiros periódicos especializados, também ligados a instituições de medicina, trabalhos científicos começaram a ser divulgados. Revistas de variedades também surgiram nesta época, com algumas chegando a publicar matérias relacionadas à nascente ciência brasileira. A partir da ideia de “divulgação da ciência”, termo mais utilizado na língua portuguesa, também mostramos como esse processo foi se sofisticando e tornando-se mais difundido até a década de 1930, época em que Gastão Pereira da Silva iniciou seu trabalho de divulgação da psicanálise. Da mesma maneira, a própria psicanálise foi gradualmente se diferenciando da psiquiatria e de outras especialidades ligadas à medicina mental, e tornou-se um importante instrumento de terapêutica e de apoio para os projetos de modernização do Brasil. Por fim, procuramos demonstrar como a historiografia sobre a psicanálise no Brasil esteve conectada ao

²⁰⁴ SILVA, H. Pereira da. *Gastão Pereira da Silva. De filho para pai*. S.l.: Perspectiva Editora, 1993.

²⁰⁵ GLICK, Thomas. Precursores del psicoanalises en la América Latina. *op. cit.*, p. 144-145, tradução minha.

²⁰⁶ CASTRO. *A sublimação do 'id primitivo' em 'ego civilizado'*. *op. cit.*, pp. 19-20.

surgimento das sociedades especializadas, local de onde vários dos atores que a escreveram falavam, chegando até o momento atual, em que o meio acadêmico é a fonte da maior parte dos trabalhos sobre o assunto.

Capítulo 2

“Para uma pessoa de cultura mediana entender”: a rede de revistas, editoras e outros meios de divulgação

Hoje, por exemplo, o que posso dizer do *Para compreender Freud* é que obteve alcance do grande público justamente por eu ter reduzido lá todos os pensamentos complexos da obra de Freud. É claro que isso não pode ser para qualquer pessoa, mas uma pessoa de cultura mediana já pode ler psicanálise e entender²⁰⁷.

A produção de Gastão Pereira da Silva nas décadas de 1930 e 1940 foi marcada por livros publicados por várias editoras e por artigos publicados em várias revistas periódicas, muitas vezes simultaneamente. Além dos meios escritos, Gastão se utilizou de outros meios de comunicação, como a radiodifusão, para seu trabalho de divulgação. É possível perceber que o autor dispunha de contatos e relações com um grupo grande de profissionais dos meios editorial e jornalístico, no Rio de Janeiro da época. Estas relações foram muito importantes para que Gastão tivesse condições de desenvolver seu trabalho de divulgação da psicanálise, mesmo sem participar da comunidade acadêmica ligada à psiquiatria e à psicanálise na capital federal.

Iniciamos este capítulo com uma breve narrativa biográfica do autor, desde o seu nascimento, sobre cujos detalhes há bastante desacordo entre as fontes, até a década de 1930, quando ele começou a escrever para *O Malho*. A seguir, apresentamos em detalhe vários dos veículos de comunicação nos quais Gastão participou, primeiramente as outras revistas que não *O Malho*, analisado no terceiro capítulo, e também fazendo um pequeno histórico do grupo editorial A Noite, que publicava duas das revistas nas quais Gastão mais escreveu, *Carioca* e *Vamos Lêr!* Na parte seguinte, estudamos as editoras pelas quais Gastão publicou suas obras, tanto as de menor prestígio, em número que ultrapassa uma dezena, como as que já se destacavam na época, como a José Olympio. Também apresentamos as candidaturas do autor à Academia Brasileira de Letras, que nos dão indícios de qual era a sua imagem e sua popularidade entre o público leitor, em especial dos meios jornalístico e artístico. Por fim, na última seção do capítulo, apontamos outros meios de difusão da psicanálise utilizados: o rádio e um curso por correspondência, bem como a obra *25 anos de psicanálise*, publicada em 1959, na qual o autor rememora vários desses eventos.

²⁰⁷ SILVA. “Entrevista”. *op. cit.*, p. 9.

2.1. Gastão Pereira da Silva antes de *O Malho* (1896 (8) – 1936)

As poucas fontes historiográficas de que dispomos para tentar traçar um perfil biográfico de Gastão Pereira da Silva muitas vezes são contraditórias. As obras que mais fornecem informações a seu respeito, que são as de autoria do próprio Gastão²⁰⁸ ou de seu filho Helcio²⁰⁹, apresentam poucos dados cronológicos precisos e são narradas em estilo romaneado, como boa parte da obra de Gastão. O próprio autor adverte, em sua obra *25 anos de psicanálise*:

Ao escrever estas páginas, não tenho o propósito de obedecer datas, ou períodos cronológicos de minha vida, pois isso se tornaria mais difícil para mim e cortaria, de certo modo, o curso da memória, levando-me a incorrer, depois, em lacunas, ou soluções de continuidade, uma vez que não tenho nada anotado no que se refere às fases das atividades de minha vida²¹⁰.

Esta dificuldade se inicia em relação aos detalhes do seu nascimento, sobre os quais várias fontes estão em desacordo. Segundo uma biografia do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul²¹¹ e uma outra elaborada pelo doutor Wagner Paulon²¹², Gastão Pereira da Silva teria nascido em São José do Norte, Rio Grande do Sul, em 17 de novembro de 1898²¹³. Já no verbete sobre Gastão do *Dicionário Biográfico da Psicologia do Brasil – Pioneiros*, o ano de 1896 é apontado como sendo o de seu nascimento, sem indicação do local²¹⁴. No entanto, de acordo com entrevistas feitas pela professora Jane Russo, em 1987, com Dona Nilza, filha de Gastão, e Heloisa Seelinger, sobrinha neta dele, ele teria nascido no Rio de Janeiro, no bairro da Tijuca²¹⁵. A fonte mais discrepante cronologicamente é a do *Dicionário literário brasileiro*, que coloca o nascimento de Gastão, novamente em São José do Norte, dez anos depois, em 17 de novembro de 1908²¹⁶.

²⁰⁸ SILVA. *25 anos de psicanálise*. op. cit.

²⁰⁹ SILVA. *Gastão Pereira da Silva. De filho para pai*. op. cit.

²¹⁰ SILVA. *25 anos de psicanálise*. op. cit., p. 83.

²¹¹ MUSEU DE HISTÓRIA DE MEDICINA DO RIO GRANDE DO SUL. “Gastão Pereira da Silva, biografia”. S.d.

²¹² Fundador, em 1978, do Conselho Brasileiro de Psicanálise, entidade privada sem fins lucrativos formada por profissionais detentores de especialização em psicanálise, cuja sede inicial era na cidade de São Caetano do Sul, SP. Segundo um trecho de seus estatutos, ele buscava “defender os direitos, interesses e prerrogativas dos Psicanalistas Clínicos, propugnar pela assistência e previdência social dos mesmos” (*Diário Oficial do Estado de São Paulo*, 14/01/1978: 29). Ver <http://www.conbrapsi.org>. Como veremos mais adiante, Gastão Pereira da Silva participou da fundação, no mesmo ano de 1978, de uma outra associação de psicanalistas, restrita ao espaço geográfico do estado do Rio de Janeiro.

²¹³ PAULON, Wagner. “Dr. Gastão Pereira da Silva. O maior divulgador da psicanálise no Brasil”. 2011.

²¹⁴ RUSSO. “Gastão Pereira da Silva”. op. cit.

²¹⁵ Ver RUSSO, Jane. Entrevista com Dona Nilza, *mimeo*, 1987; *Idem*, Entrevista com Heloisa Seelinger, *mimeo*, 1987.

²¹⁶ MENEZES. *Dicionário literário brasileiro*. op. cit., p. 634.

Segundo seu filho Helcio Pereira da Silva, em 1915 Gastão tinha dezoito anos e já era estudante de odontologia no Rio de Janeiro²¹⁷, o que apontaria para o seu nascimento em 1896 ou 1897. Posteriormente, ele teria cursado medicina, pois em várias obras suas se refere à sua formação médica. Porém, Jane Russo, no verbete anteriormente citado, diz que Gastão “não fornece maiores informações sobre sua formação médica (onde ou quando foi realizada) e a pesquisa em órgãos ou instituições oficiais sobre isso revela-se infrutífera”²¹⁸. Já Paulon aponta que ele teria se formado médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro²¹⁹, dado que não foi confirmado em pesquisa feita sobre as teses defendidas nesta faculdade nas primeiras décadas do século XX. O Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul repete a informação de que Gastão teria se formado médico no Rio de Janeiro, aparentemente extraindo esta informação do texto de Paulon²²⁰. Segundo sua filha Dona Nilza, ele teria se formado médico no Rio Grande do Sul, para onde teria ido por questões profissionais de seu pai, uma vez que teria nascido no Rio de Janeiro²²¹. Existe também um relato de sua sobrinha neta, ela própria pesquisadora sobre o nosso personagem, que afirma que em 1924, na época do nascimento de seu quinto filho, Gastão (que teria realizado o parto) estava em São José do Norte, local onde se estabeleceu a família de seus avós paternos, de origem açoriana²²².

Gastão Pereira da Silva, no entanto, se dizia insatisfeito com a prática da medicina clínica desde o início da carreira²²³. Mesmo antes de conhecer a obra de Freud, já citava nomes importantes da psicologia e da psiquiatria francesas. Na primeira página da obra *25 anos de psicanálise*, enumera outros quatro autores que teria estudado antes de Freud: Binet,²²⁴ Janet,²²⁵

²¹⁷ SILVA. *Gastão Pereira da Silva. De filho para pai. op. cit.*, pp. 17-18.

²¹⁸ RUSSO. “Gastão Pereira da Silva”. *op. cit.*

²¹⁹ PAULON. “Dr. Gastão Pereira da Silva. O maior divulgador da psicanálise no Brasil”. *op. cit.*

²²⁰ MUSEU DE HISTÓRIA DE MEDICINA DO RIO GRANDE DO SUL. “Gastão Pereira da Silva, biografia”. *op. cit.*

²²¹ RUSSO. Entrevista com Dona Nilza. *op. cit.*

²²² E-mail de Heloísa Seelinger, 27/03/2014.

²²³ SILVA. *25 anos de psicanálise. op. cit.*, p. 1.

²²⁴ Alfred Binet (1857-1911) desenvolveu alguns dos primeiros testes para a avaliação de inteligência. Foi diretor do Laboratório de Psicologia Fisiológica da Sorbonne, de 1895 até sua morte em 1911, sendo um dos primeiros a desenvolver a psicologia experimental na França. Ver MONTEIRO; JACÓ-VILELA. “Fios, seduções e olhares”. *op. cit.*, p. 150.

²²⁵ Pierre Janet (1859-1946) foi teórico do automatismo psicológico e autor de trabalhos sobre neuroses e histeria, além de ter defendido o uso do termo “subconsciente” como preferível em relação a “inconsciente”, popularizado por Freud. Foi professor de Psicologia Experimental e Comparada no Collège de France de 1902 a 1934. Ver ROUDINESCO; PLON. *Dicionário de psicanálise. op. cit.*, pp. 407-410.

Rogues de Fursac²²⁶ e Dupré²²⁷. Tanto Binet como Janet foram discípulos do filósofo Theodule Ribot (1839-1916), considerado o “pai” da psicologia francesa, devido às suas obras das décadas de 1870 e 1880²²⁸. Outro ponto em comum entre os dois psicólogos franceses é que ambos trabalharam no Hospital da Salpêtrière com Jean-Marie Charcot (1825-1893), que será uma influência bastante importante para os primeiros momentos da carreira de Freud, reconhecida pelo próprio²²⁹.

Dos quatro nomes citados anteriormente por Gastão, Dupré é de quem ele fala mais extensamente: chama-o de “esplêndido” e cita textualmente o capítulo sobre “imunidade emotiva” de sua obra *Patologia da Imaginação e da Emotividade*, escrita em 1925, como tendo sido de grande influência para sua prática clínica²³⁰. Essa influência será reconhecida por Gastão também em sua obra *Nevroses do coração*, cuja primeira edição é de 1934. Em 1926, Gastão publicou na revista *Diário de Medicina*²³¹ um artigo decorrente da influência de Dupré com o título de “Um caso de anafilaxia emotiva”, já demonstrando a vinculação entre enfermidades médicas e psicológicas.

Em seu livro *25 anos de psicanálise*, Gastão Pereira da Silva utiliza a imagem do “médico em lombo de burro” para falar do seu trabalho inicial nesse campo. “Foi justamente por essa época, que eu comecei a me interessar pela psicanálise, tempo em que, para atender a ‘chamados’, eu vencia as léguas das estradas sem fim, montado no lombo do burro”²³². Nesse período, provavelmente entre o final da década de 1910 e a década de 1920, já casado e com filhos, exerceu a medicina em cidades pequenas do interior, como Miracema, Natividade e Bom

²²⁶ Joseph Rogues de Fursac (1872-1942) publicou em 1903 um *Manual de psiquiatria*, que foi traduzido para o inglês posteriormente, tendo quatro edições nesta língua. Na quarta edição em inglês, de 1916, há uma pequena biografia do autor: “ex-chefe da clínica da Faculdade de Medicina de Paris; médico chefe dos Asilos de Insanos do departamento de Seine” (Ver FURSAC, J. Rogues de. *Manual of Psychiatry*. New York: John Wiley & Sons, 1916, folha de rosto).

²²⁷ Ernest Dupré (1862-1921) foi um psicólogo, psiquiatra e alienista francês. Nomeado em 1898 professor adjunto na Faculdade de Medicina de Paris, assumiu a cadeira titular de “clínica das doenças mentais” em 1916. Cunhou o termo “mitomania”, em um trabalho de 1905 (Ver CAIRE, Michel. “Ernest Dupré”, em <http://psychiatrie.histoire.free.fr>).

²²⁸ MONTEIRO; JACÓ-VILELA. “Fios, seduções e olhares”. *op. cit.*, pp. 148-149; PENNA. *História da Psicologia no Rio de Janeiro. op. cit.*, p. 11.

²²⁹; FREUD, Sigmund. “Charcot” [1893]. In FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, volume III.

²³⁰ SILVA. *25 anos de psicanálise. op. cit.*, p. 1.

²³¹ O médico e jornalista Maurício de Medeiros (1885-1966), irmão mais novo de Medeiros e Albuquerque e ministro da Saúde na década de 1950, era redator-chefe deste periódico médico em 1924. Neste mesmo período, era professor titular da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Ver “Maurício de Medeiros”. Disponível em http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/Mauricio_de_Medeiros).

²³² SILVA. *25 anos de psicanálise. op. cit.*, p. 1.

Jesus do Itabapoana, no noroeste fluminense, além da então denominada Divino de Carangola, hoje Divino, em Minas Gerais²³³.

Porém, contraditoriamente, outras fontes apontam que Gastão já participava dos ambientes culturais da cidade do Rio de Janeiro desde o início da década de 1920²³⁴. Teria sido nesta época, de 1923 até 1943, que começou a escrever em periódicos médicos, tendo publicado artigos em jornais especializados como *Brazil Médico*²³⁵ e *Imprensa Médica*²³⁶. De fato, já é possível ver nesse período seu nome circular por veículos de imprensa. O seu trabalho sobre *Nevrose do coração*, por exemplo, foi citado em um longo artigo de 1924 do Dr. Nicolau Ciancio²³⁷, quando este tratava dos malefícios do fumo à saúde: descrito como “um trabalho de propaganda higiênica e humanitária”, o “folheto” já apontava que “o uso imoderado do fumo produz, a princípio, a nevrose cardíaca”²³⁸ e citava casos históricos de punições a fumantes²³⁹.

Alguns anos depois, começou ele próprio a escrever artigos em jornais sobre outros temas, como o artigo “Pelo ‘jazz’ ou contra o ‘jazz’?”, no qual dizia que nunca pode “compreender esta variedade doentia da música que [é] o jazz, por um paradoxo elegante de salão, passou do barulho à melodia”²⁴⁰, e curtas narrativas literárias, onde já podemos perceber a utilização de elementos psicológicos, como “Perplexidade”²⁴¹ e, especialmente, “Blinéte (Conto vivo)”, onde fez referência a estar de plantão na enfermaria de moléstias nervosas de um hospital e apresentou as seguintes falas, pelas vozes de diferentes personagens do conto: “A fantasia extravagante dum psiquiatra jamais conseguirá imaginar as coisas absurdas que as neuroses apresentam. Se não fossem os doentes apresentados...”; “A psicologia é fundamentada sobre o conhecimento do homem interior. É a expressão mesma da vida!”²⁴²

No mesmo ano de 1928, Gastão publicou um romance, intitulado *Sangue*, pelas Oficinas Gráficas de A Pernambucana²⁴³. O subtítulo era “História de um crime sexual”, e o autor usava o pseudônimo de “Tales de Mileto”. Nessa obra, o autor já se referia às teorias de Freud, pois

²³³ SILVA, Gastão Pereira da Silva. *De filho para pai. op. cit.*, pp. 14-15, 18.

²³⁴ *Ibidem*, p. 73.

²³⁵ Sobre o *Brazil Médico*, ver capítulo 1, p. 16.

²³⁶ SEELINGER. “Entre vilões e mocinhas, leitoras e ouvintes”. *op. cit.*, pp. 6-7.

²³⁷ Nicolau Ciancio, de origem italiana, formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e participou frequentemente dos jornais cariocas escrevendo artigos de vulgarização médica (Ver CENNI, Franco. *Italianos no Brasil*. 3ª. ed. São Paulo: Edusp, 2003, p. 283). Foi autor de vários livros de divulgação da medicina, como *Medicina para todos* (1924) e *Livro das moças*, que saiu em 1937, pela mesma editora do grupo A Noite que publicou algumas das obras de Gastão Pereira da Silva.

²³⁸ CIANCIO, Nicolau. “A medicina e o fumo”, *Jornal do Brasil*, 11/09/1924, p. 6.

²³⁹ Os trechos citados no artigo de jornal continuam presentes na 3ª. edição da obra (Ver SILVA, Gastão Pereira da. *Nevrose do coração*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1961, pp. 54-56).

²⁴⁰ *Correio da Manhã*, 08/01/1928, p. 1.

²⁴¹ SILVA, Gastão Pereira da. “Perplexidade”. *Correio da Manhã*, 15/07/1928, p. 8.

²⁴² *Idem*. “Blinéte (Conto vivo)”. *Correio da Manhã*, 10/06/1928, p. 6.

²⁴³ PAULON. “Dr. Gastão Pereira da Silva. O maior divulgador da psicanálise no Brasil”. *op. cit.*

diz que pretendia “escrever um romance, baseado nos postulados froidianos”²⁴⁴, e, segundo uma matéria de jornal da época²⁴⁵, buscou seu “assunto no campo fértil do pansexualismo”²⁴⁶. Em *25 anos de psicanálise*, o autor narra que veio ao Rio (portanto não moraria na capital federal na época) para distribuir o livro em livrarias e jornais e que o primeiro exemplar foi enviado ao crítico Medeiros e Albuquerque²⁴⁷, então no *Jornal do Comércio*. De acordo com Gastão, “o crítico, severo e exigente, como não podia deixar de ser, fez grandes restrições ao meu incipiente trabalho, mas, a certa altura, louvou o conteúdo psicológico do romance, descobrindo em mim um psicanalista em latência. Exultei”²⁴⁸. De acordo com a narrativa de Gastão, foi esta crítica que o teria feito deixar de lado a escrita de romances e passar a escrever livros de divulgação da psicanálise, embora, como veremos mais à frente, ele tenha continuado a ter grande atividade tanto entre o meio literário como entre o jornalístico.

O mesmo Medeiros e Albuquerque é apontado por Gastão como quem primeiro chamou sua atenção sobre as teorias de Freud: ele foi “um dos primeiros, senão o primeiro, a sair dos moldes acadêmicos para apresentar ao grande público, naquela linguagem simples e atraente, que só ele possuía, o esquema da psicanálise”²⁴⁹. Do mesmo modo, Gastão se refere à conferência de 1919²⁵⁰ dizendo que “não se escreveu ainda em português coisa tão lúcida e que tanta simpatia conquistou para as doutrinas do grande judeu Sigmund Freud”²⁵¹, e aponta que foi a leitura desta conferência que o fez se interessar inicialmente pelas obras de Freud, que leria a seguir. É relevante perceber que Gastão Pereira da Silva se coloca explicitamente como herdeiro, em primeiro lugar, de Freud, e, no Brasil, de Medeiros e Albuquerque, que não tinha formação médica e sempre esteve ligado preferencialmente aos meios jornalístico, literário e pedagógico.

Em 1931, Gastão publicou seu primeiro livro de divulgação da psicanálise, *Para compreender Freud*. Essa data marca o início de um período em que publicou vários livros em curto espaço de tempo, por editoras diferentes, sobre vários temas e sua relação com a psicanálise. *Para compreender Freud* teve sua primeira edição publicada pela editora Imprensa

²⁴⁴ SILVA. *25 anos de psicanálise. op. cit.*, p. 4.

²⁴⁵ *O Jornal*, 25/01/1928, p. 3.

²⁴⁶ A palavra pansexualismo fazia parte do título do livro lançado por Franco da Rocha em 1920, *O pansexualismo na doutrina de Freud*. No entanto, com a repercussão negativa obtida, o autor, a conselho de Durval Marcondes, retirou o termo do título, publicando a segunda edição da obra em 1930 apenas como *A doutrina de Freud*. Ver CASTRO. *A sublimação do ‘id primitivo’ em ‘ego civilizado’*. *op. cit.*, p. 68.

²⁴⁷ Sobre Medeiros e Albuquerque, ver o capítulo 1.

²⁴⁸ SILVA. *25 anos de psicanálise. op. cit.*, p. 4.

²⁴⁹ *Ibidem*, p. 4.

²⁵⁰ Ver capítulo 1, p. 22.

²⁵¹ SILVA. *25 anos de psicanálise. op. cit.*, p. 3.

Nacional às custas do autor²⁵². Posteriormente, foi reeditada várias vezes por diferentes editoras,²⁵³ cinco destas edições saindo até o ano de 1940 e as duas últimas durante a década de 1960. Em uma entrevista concedida na década de 1980, Gastão diz, em um trecho, que foram dezessete edições, e, em outro, “mais de dez”, mas só foram encontradas, por enquanto, referências a oito²⁵⁴. É o livro mais frequentemente citado pelo próprio autor como proveniente de seu esforço em divulgar e simplificar a psicanálise para o público leigo, como na citação que abre este capítulo. Na mesma entrevista desta, Gastão se refere à felicidade do título de *Para compreender Freud*: “O leitor se pergunta: ‘para compreender, como? Acho Freud um homem tão complicado, como é que eu vou compreender?’ Então, ele vai ler e encontra todas as soluções”²⁵⁵. Um comentário sobre a terceira edição da obra, assinado por L. C. no *Jornal do Brasil*, em 1933, é bastante elogioso:

Se Freud mesmo tivesse que fazer uma síntese de sua obra, de modo a concentrar num livro de 300 páginas todas as hipóteses que comporta a sua doutrina, todas as suas derivações, todos os subsídios que fornece para aclarar problemas ainda obscuros de fisiologia emotiva e conhecimento do mecanismo das neuroses, talvez o próprio Freud não fosse capaz de fazer em resumo uma obra tão clara, tão precisa como a do médico brasileiro²⁵⁶.

Outra obra do autor que tem a mesma intenção de simplificar e tornar didáticos os conceitos psicanalíticos é *Psicanálise em 12 lições*, que foi publicada em 1934 pela Editora Atlântida. Um comentário sobre o livro na coluna “Atualidades literárias”, do jornal *A Noite*, diz que “a extensão e a complexidade da obra de Sigmundo Freud deu em resultado a dificuldade de sua expansão”, apontando que “entre nós, porém, a psicanálise ainda é pouco menos do que desconhecida, limitando-se à familiaridade de uma ‘elite’ reduzida” e, portanto, a obra “é um livro singularmente útil para o Brasil”²⁵⁷. É importante ressaltar que, como veremos no terceiro capítulo, o grupo editorial *A Noite* teve grande importância para a carreira de Gastão.

Esta referência à simplificação dos conceitos psicanalíticos chama atenção para um trecho de *25 anos de psicanálise*, onde Gastão aponta que era procurado pelos alunos do

²⁵² SEELINGER. “Entre vilões e mocinhas, leitoras e ouvintes”. *op. cit.*, p. 12.

²⁵³ 2ª. edição, 1932, Editora Renascença; 3ª. edição, 1933, Editora Atlântida; 4ª. edição, 1934, Editora Civilização Brasileira; 5ª. edição, 1940, Editora Civilização Brasileira; 6ª. edição, 1942, Editora Mundo Latino; 7ª. edição, 1964, Editora AdArt; 8ª. edição, 1968, Editora Itatiaia (Ver SILVA. *25 anos de psicanálise. op. cit.*, p. 283; SILVA. *Gastão Pereira da Silva. De filho para pai. op. cit.*, p. 82).

²⁵⁴ SILVA. “Entrevista”. *op. cit.*, pp. 3, 14.

²⁵⁵ *Ibidem*.

²⁵⁶ L. C. Bibliografia. *Jornal do Brasil*, 25/08/1933, p. 8.

²⁵⁷ *A Noite*, 05/03/1934, p. 6.

professor Porto-Carrero²⁵⁸ para explicar de maneira mais didática os elementos das teorias de Freud:

(...) eu era procurado por inúmeros estudantes de Direito, aos quais eu ministrava, em linguagem elementar, as primeiras luzes da cartilha psicanalítica, uma vez que as dissertações daquele ilustre professor estavam, quase sempre, acima da compreensão de seus discípulos, principalmente daqueles que não se interessavam, ou não tinham curiosidade pelo assunto²⁵⁹.

Na sequência do trecho citado, o autor conta que esses primeiros livros que escreveu, *Para compreender Freud e Psicanálise em 12 lições*, eram vendidos na porta da Faculdade de Direito “por um vendedor ambulante, chamado Uri Zwerling, cujo semblante, na moldura de uma barba muito negra e bem talhada, lembrava menos um mercador de livros que um professor da Sorbona”²⁶⁰. E, em nota de rodapé, ressalta que os livros eram vendidos “em uma espécie de *Booktall* de rodas”²⁶¹. Segundo ele, Porto-Carrero não gostava que os livros fossem vendidos próximos à faculdade, mas o próprio Gastão diz que nunca o quis mal por isso. “Ao contrário, sempre o acatei como grande professor e mais tarde chegamos a fazer boa camaradagem, merecendo dele a citação de meu nome num de seus livros”²⁶².

Um ano antes, em 1933, Gastão publicou um livro sobre as relações entre criminologia e psicanálise, com o título de *Crime e psicanálise*, que analisamos de maneira mais aprofundada a seguir no capítulo 3. No mesmo ano, também publicou duas biografias: uma delas, que tem como título *Lenine e a psicanálise*, marca o primeiro exemplo de uma característica que será bem frequente na produção posterior do autor: a elaboração de biografias de figuras políticas, em geral contemporâneas, analisando aspectos de sua vida e personalidade por meio de conceitos psicanalíticos. A outra biografia publicada no mesmo ano é do ator e diretor de teatro Procópio Ferreira²⁶³, com o título de *Um para quarenta milhões*²⁶⁴.

O ano de 1934 é marcado por um acontecimento significativo, que seria retomado inúmeras vezes por Gastão em suas produções posteriores. Depois de enviar dois de seus primeiros livros sobre psicanálise, *Para compreender Freud e Psicanálise em 12 lições*, traduzidos para o alemão, para Freud, Gastão recebeu, no dia 6 de maio, uma carta assinada

²⁵⁸ Sobre Porto-Carrero, ver o capítulo 1, pp. 29-30.

²⁵⁹ SILVA. *25 anos de psicanálise. op. cit.*, p. 2.

²⁶⁰ *Ibidem*.

²⁶¹ *Ibidem*, nota 1, grifo do autor.

²⁶² *Ibidem*, p. 2.

²⁶³ Sobre Procópio Ferreira, ver o capítulo 3, p. 91.

²⁶⁴ SILVA, Gastão Pereira da. *Um para quarenta milhões: Procópio Ferreira através da psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Moderna, 1933.

pelo psicanalista austríaco, juntamente com uma fotografia com dedicatória²⁶⁵. Reproduzimos abaixo o texto da carta, traduzido pelo psicanalista Dirceu de Santa Rosa e por Jutta D. Hillebrand:

“Muito Prezado Sr. Doutor

Eu estou em débito com o senhor pelo livro anterior e o mais recente que o senhor me enviou, por todos os esforços que o senhor aplicou na psicanálise e sua participação nas traduções através das quais o seu amigo Dr. Ninitsch²⁶⁶ me introduziu na literatura de seu país.

E infelizmente não estou em condições de me mostrar grato como o senhor gostaria. Eu tomei há um ano ou mais a decisão de não fazer mais prefácios, introduções e recomendações, depois que o número deles tinha ultrapassado a medida permitida. Mas o senhor não deve lamentar a minha decisão uma vez que meu nome no Brasil é desconhecido e só deve tornar-se conhecido através dos seus trabalhos e dos do Dr. Ninitsch.

A fotografia assinada que o senhor queria ter, o senhor deve receber. Embora eu não saiba que valor possa ter o retrato da fisionomia feia de um homem agora com 78 anos.

Em memória das minhas próprias lutas com acirradas resistências eu lhe desejo o mais satisfatório sucesso.

Cordialmente seu

Freud²⁶⁷

De acordo com Heloisa Seelinger, juntamente com a carta Gastão recebeu também a informação de que se tornava membro correspondente da *Internationaler Psychoanalytischer Verlag*, editora psicanalítica internacional dirigida pelo próprio Freud²⁶⁸. Em setembro de 1939, quando Gastão escreveu sobre a morte de Freud para a revista *Dom Casmurro*, foi apresentado como ex-membro correspondente dessa instituição, com sede em Viena, que realmente tinha deixado de funcionar em 1938, por questões da política alemã do período²⁶⁹. A partir de 1934, a carta de Freud passou a ser citada, na íntegra ou em trechos, em inúmeras produções de Gastão, como um importante apoio para sua busca de legitimação, em especial o trecho que diz

²⁶⁵ O original da carta encontra-se com Renata Portocarrero, bisneta de Gastão. A versão da carta traduzida pelo próprio Gastão e publicada em outras obras tem algumas diferenças em relação à colocada aqui (Ver SEELINGER. “Entre vilões e mocinhas, leitoras e ouvintes”. *op. cit.*, p. 15).

²⁶⁶ O Dr. Zoltan Ninitsch foi quem fez a versão para o alemão dos dois livros (Ver SILVA. *Gastão Pereira da Silva. De filho para pai. op. cit.*, p. 24, que grafa o nome como “Minitch”). Segundo Seelinger, era iugoslavo naturalizado brasileiro e dono da editora Machado & Ninitch, que publicou em 1934 uma coletânea com vários textos de Freud traduzidos (Ver SEELINGER. “Entre vilões e mocinhas, leitoras e ouvintes”. *op. cit.*, p. 16). De acordo com a tradutora Denise Bottmann, a editora durou menos de um ano: teve seu contrato social registrado em julho de 1934 e o distrato em janeiro de 1935, mas nesse período publicou pelo menos uma tradução de Freud, com o título de *Pensamentos sobre guerra e morte e o múltiplo interesse da psicanálise*, além da obra de Otto Rank, *A figura de Don Juan na tradição*, com tradução de Aurélio Pinheiro, que Gastão Pereira da Silva irá citar em seu primeiro artigo em *O Malho* (Ver BOTTMANN, Denise. “Zoran Ninitch I”, 2013).

²⁶⁷ SANTA ROSA, Dirceu de. A propósito de uma carta de Freud. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. XXVIII, n. 3, 1994, p. 463.

²⁶⁸ SEELINGER. “Entre balangandans e a Hora do Brasil”. *op. cit.*, p. 8.

²⁶⁹ *Dom Casmurro*, n. 120, 30/09/1939, p. 3.

“meu nome no Brasil é desconhecido e só deve tornar-se conhecido através de seus trabalhos”. Muitas vezes, a fotografia assinada também era reproduzida²⁷⁰.

Posteriormente, houve outra menção de Freud ao nome de Gastão Pereira da Silva, quando o psicanalista austríaco naturalizado brasileiro Karl Weissmann (1911-1981), que o próprio Gastão dizia ter sido seu aluno²⁷¹, enviou a Freud seu livro *O dinheiro na vida erótica* (1937). A resposta de Freud, com a data de 21 de março de 1938, também se referia a Porto-Carrero, que já havia falecido²⁷². Esta segunda carta de Freud, a última escrita por ele para brasileiros, não foi citada por Gastão, talvez porque a menção de seu nome seja menos direta e a carta não estivesse endereçada a ele.

Foi também em 1934 que Gastão publicou seu primeiro livro sobre as questões da sexualidade e educação sexual infantil: *Educação sexual da criança* (Editora Mariza)²⁷³. Em 1939 voltou ao tema publicando *O drama sexual de nossos filhos* (Oscar Mano & Cia. Editores). Estes dois livros são citados pelo pesquisador Jorge Luís Abrão²⁷⁴ como exemplos de trabalhos importantes que buscaram aplicar a psicanálise ao campo da educação no Brasil neste período, ao lado de obras de autores como Porto-Carrero e Arthur Ramos²⁷⁵, entre outros²⁷⁶. Posteriormente, Gastão continuou discorrendo sobre o mesmo tema em *O tabu da virgindade* (1ª. edição, Mundo Latino, 1943), e em vários artigos publicados em revistas. Outro aspecto de sua produção ligado à educação infantil foi a publicação de uma cartilha de higiene escolar, em 1936. Em um comentário publicado na revista *Fon-Fon*, Gastão é apresentado como “autor de vários livros de medicina e literatura, que firmaram, gloriosamente, o prestígio de seu nome e o brilho da sua cultura”. Sobre a obra, a revista diz que “trata-se de uma obra escrita de acordo

²⁷⁰ Como ocorre na contracapa do livro escrito por seu filho Helcio Pereira da Silva (SILVA. *Gastão Pereira da Silva. De filho para pai. op. cit.*). Ver Imagem 2, Anexo 3.

²⁷¹ SILVA. “Entrevista”. *op. cit.*, p. 4.

²⁷² SEELINGER. “Entre vilões e mocinhas, leitoras e ouvintes”. *op. cit.*, p. 16; JONES, Ernest. *Vida y obra de Sigmund Freud, vol. 3. Buenos Aires: Editorial Nueva, 1962, pp. 480-481.*

²⁷³ Em um comentário publicado na revista *Fon-Fon* em 1935, são citadas estas palavras de Gastão na obra: “Nós levantamos apenas a cortina dos métodos educacionais psicanalíticos projetados na conduta dos pais e dos educadores em relação à alma infantil, ainda na idade de cera”. O comentarista acrescenta a seguir: “Difícil (...) será para o meio brasileiro, no presente, pelo menos, a adoção dos métodos expostos pelo autor”. *Escritores e Livros. Fon-Fon*, n. 3, ano XXIX, 19/01/1935, p. 56.

²⁷⁴ ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. *As influências da psicanálise na educação brasileira no início do século XX. Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, vol. 22, n. 2, mai.-ago. 2006.

²⁷⁵ Arthur Ramos (1903-1949), médico formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, foi chefe do Serviço de Higiene Mental do Distrito Federal na década de 1930. Professor de clínica psiquiátrica, psicologia social e antropologia e etnografia, escreveu sobre psicanálise, religiões e folclore e era chefe do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO quando morreu, aos 46 anos (Ver MENEZES. *Dicionário literário brasileiro. op. cit.*, p. 560).

²⁷⁶ O autor cita outros dois personagens que também escreveram sobre psicanálise e educação de crianças na década de 1930: Hosannah de Oliveira e Pedro de Alcântara. ABRÃO. *As influências da psicanálise na educação brasileira no início do século XX. op. cit.*

com as exigências do programa de saúde escolar, recentemente divulgado, e que se destina a ensinar às crianças das escolas os principais preceitos de higiene que elas devem conhecer”, sendo livro “para os pais e para os professores também”²⁷⁷.

Embora em vários trabalhos seus, desde a década de 1930, Gastão faça referência a casos que teria atendido em consultório como psicanalista, é apenas na década de 1940 que temos a primeira comprovação efetiva de que Gastão tinha um consultório de clínica psicanalítica no Rio de Janeiro. Em um pequeno anúncio publicado em *O Malho* em 1942, com a palavra psicanálise em destaque, o nome de Gastão Pereira da Silva aparece acima do endereço (Rua do Ouvidor, 183 – sala 23) e do horário da prática (às 11 horas). Mais abaixo, um número de telefone e a informação de que o atendimento era feito às terças, quintas e sábados²⁷⁸.

2.2. Revistas

Em relação às revistas, a primeira participação de Gastão que temos conhecimento foi em *Carioca*, a partir de 1935. A revista era publicada pelo grupo editorial A Noite S/A, que analisamos de maneira mais aprofundada a seguir. Dedicada ao cinema, rádio e teatro, e com farta ilustração, *Carioca* foi sucesso absoluto, com tiragens de mais de 150 mil exemplares²⁷⁹. Em uma pesquisa realizada pelo IBOPE em 1945, a pedido do grupo Diários Associados, *Carioca* foi apontada como a sexta revista mais lida no Rio de Janeiro, com 8,1% do público leitor²⁸⁰. Na revista, o autor iniciou uma coluna fixa, com o título de “Psychanalyse dos sonhos”, em 16 de novembro de 1935. O objetivo da coluna era analisar sonhos, enviados através de cartas por pessoas de todo o Brasil, de acordo com as teorias freudianas. Na coluna, não eram reproduzidas as cartas originais, mas apenas as respostas do autor, curtas e numeradas consecutivamente, seguidas do pseudônimo do remetente ou das iniciais do seu nome e da informação sobre o estado de onde era proveniente a carta. A coluna publicou 2.101 respostas a cartas, até deixar de ser publicada, sem explicação por parte dos editores, em 21 de agosto de 1937²⁸¹.

²⁷⁷ Manto de Arlequim. *Fon-Fon*, n. 20, ano XXX, 16/05/1936, p. 26.

²⁷⁸ *O Malho*, n. 32, 11/1942, p. 68.

²⁷⁹ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. “A Noite”. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, s.d. Disponível em <http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/noite>; FERREIRA, Marieta de Moraes. “A Noite”. In ABREU, Alzira Alves de (Org.). *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2010.

²⁸⁰ As cinco revistas mais lidas apontadas na pesquisa foram *O Cruzeiro* (37,7%), *Revista da Semana* (15,5%), *Careta* (11,3%), *Seleções* (10,7%) e *A Cigarra* (9,7%). Ver MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas*. *op. cit.*, p. 14.

²⁸¹ SEELINGER. “Entre balangandans e a Hora do Brasil”. *op. cit.*, p. 13.

De acordo com o autor, as cartas respondidas deram origem a dois livros seus: *Conhece-te pelos sonhos* (“o primeiro livro de psicanálise que escrevi com material próprio”²⁸²) e, posteriormente, *Como se interpretam os sonhos*²⁸³. Mas a análise dos sonhos, sempre com abundante exemplificação, muitas vezes proveniente das cartas recebidas para a coluna de *Carioca*, esteve presente também em várias outras obras escritas do autor, como nas edições posteriores de *Para compreender Freud* e em *25 anos de psicanálise*, em alguns artigos seus na revista *O Malho* e até em programas de rádio, como o que foi intitulado “Mundo dos Sonhos”.

Um ano após começar a escrever em *Carioca*, o autor iniciou uma participação em outra revista, *O Malho*, como veremos no terceiro capítulo. Curiosamente, em *25 anos de psicanálise* o autor não menciona suas publicações nesta revista, ao contrário do que ocorre com as outras revistas em que publicou artigos. A redação de *O Malho* foi destruída após o movimento de 1930, liderado por Getúlio Vargas, ter assumido o poder, e a revista mudou de linha política quando voltou a ser publicada, em 1931²⁸⁴. Esta pode ser uma das razões para o esquecimento posterior do periódico por Gastão.

Após o término de sua participação em *Carioca* e enquanto continuava a escrever em *O Malho*, Gastão passou a participar também da revista *Vamos Lêr!*, a partir de 1939. Do mesmo grupo editorial A Noite que publicava *Carioca*, a revista saiu pela primeira vez em agosto de 1936, tendo, do mesmo modo que sua companheira de editora, periodicidade semanal e circulação nacional. Mais voltada para a literatura e a educação, a revista teve a colaboração de grandes escritores da época, como Jorge Amado, Clarice Lispector, Fernando Sabino e Murilo Mendes, além de ilustradores, artistas e repórteres de grande notoriedade, publicando também artigos de divulgação científica. Segundo Heloisa Seelinger, foi esta revista, em 1939, que criou o título de Gastão como “maior divulgador de Freud no Brasil”²⁸⁵, o que pode ser visto como uma apropriação das palavras de Freud na carta de 1934, contribuindo assim para o fortalecimento do papel de Gastão como divulgador da psicanálise no Brasil. A revista *Vamos Lêr!* circulou até 1946, e, em 1944, apoiou a candidatura de Gastão para a cadeira 14 da Academia Brasileira de Letras²⁸⁶.

Gastão publicou as seguintes colunas fixas na revista: “Uma Página Para as Mães” (de 14 de dezembro de 1939 a 30 de outubro de 1940), “Psicologia da Vida Cotidiana” (de 10 de

²⁸² SILVA. *25 anos de psicanálise. op. cit.*, p. 10.

²⁸³ *Ibidem*, p. 20.

²⁸⁴ Ver capítulo 3, p. 73.

²⁸⁵ SEELINGER. “Entre balangandans e a Hora do Brasil”. *op. cit.*, p. 8.

²⁸⁶ Ver parte 2.4, “Associações e academias”, p. 60.

novembro de 1940 a 3 de julho de 1941), “Doentes Célebres” (de 4 de setembro de 1941 a 18 de junho de 1942), “A Vida Amorosa dos Animais” (de 25 de junho a 10 de dezembro de 1942), “Criminosos Célebres” (de 14 de janeiro a 13 de maio de 1943) e “A Guerra Através da Biografia” (de 17 de junho a 4 de novembro de 1943)²⁸⁷. É importante destacar aqui que várias dessas colunas deram origem a livros de Gastão sobre os mesmos temas: a página para mães foi retomada em *Conheça seu filho*, que foi publicado pela editora do mesmo grupo A Noite²⁸⁸; *Doentes célebres* é o título de uma obra sua pela editora Epasa, que aparece como sendo de 1940 na bibliografia de *25 anos de psicanálise*²⁸⁹; os relatos sobre a vida amorosa dos animais foram publicados posteriormente em *Os bichos amam assim*²⁹⁰, que H. Pereira da Silva classifica como um “ensaio de psicologia animal”²⁹¹. Já “Criminosos Célebres” continuava a discussão sobre as relações entre criminologia e psicanálise que vinha desde o livro *Crime e psicanálise*, de 1933, havia sido retomada anteriormente também em alguns artigos em *O Malho* e que é objeto do subcapítulo 3.4 desta dissertação, “Crime e psicanálise”.

Também a partir de 1939, Gastão passou a escrever em *Dom Casmurro*, jornal de periodicidade semanal de formato grande, “dedicado às questões literárias e culturais e escrito por intelectuais”²⁹². O primeiro texto de Gastão para o periódico coincidiu com a morte de Freud, em setembro de 1939, e é um longo artigo, que ocupa quase uma página inteira, intitulada ao alto “Máscaras do mundo”²⁹³, sobre a vida e obra do psicanalista austríaco, com o título de “Morre, no exílio, Segismundo Freud, o criador da psicanálise”²⁹⁴. Logo abaixo, no subtítulo, temos: “Traços de sua vida gloriosa, escritos especialmente para ‘Dom Casmurro’, por Gastão Pereira da Silva”²⁹⁵.

O jornal semanal *Dom Casmurro* circulou entre maio de 1937 e dezembro de 1946. Seu diretor e proprietário era o gaúcho radicado no Rio de Janeiro Brício de Abreu²⁹⁶, nascido em

²⁸⁷ *Ibidem*, p. 18.

²⁸⁸ SILVA, Gastão Pereira da. *Conheça seu filho*. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1942.

²⁸⁹ SILVA. *25 anos de psicanálise. op. cit.*, p. 283. No entanto, H. Pereira da Silva e W. Paulon colocam como sendo de 1942 a primeira edição desta obra. SILVA. *Gastão Pereira da Silva. De filho para pai. op. cit.*, p. 82; PAULON. “Dr. Gastão Pereira da Silva. O maior divulgador da psicanálise no Brasil”. *op. cit.*

²⁹⁰ SILVA, Gastão Pereira da. *Os bichos amam assim*. Rio de Janeiro: Nosso Livro Editora, 1944.

²⁹¹ SILVA. *Gastão Pereira da Silva. De filho para pai. op. cit.*, p. 82. Este livro não é citado na bibliografia colocada ao final da segunda edição de *25 anos de psicanálise*, pois esta diz apresentar apenas os livros referentes à psicanálise (Ver SILVA. *25 anos de psicanálise. op. cit.*, p. 283).

²⁹² LUCA, Tania Regina de. Brício de Abreu e o jornal literário *Dom Casmurro*. *Vária História*, vol. 29, n. 49, Belo Horizonte, jan.-abr. 2013, p. 278.

²⁹³ Este era um título de página que se repetia frequentemente no jornal, e “que reunia rol variado de textos e se constituía num espaço de celebração de escritores, cientistas, pintores e filósofos” (Ver *ibidem*, p. 288).

²⁹⁴ Gastão também escreveu artigos para *O Malho*, na mesma época, sobre o falecimento de Freud.

²⁹⁵ *Dom Casmurro*, n. 120, 30/09/1939, p. 3.

²⁹⁶ Brício de Abreu foi correspondente da revista *Fon-Fon* em Paris, no início da década de 1930 (Ver *Fon-Fon*, n. 32, ano XXVII, 12/08/1933, p. 51).

1903, sobre o qual as informações sobre a data da morte divergem²⁹⁷. Seu primeiro redator-chefe foi o também gaúcho Álvaro Moreyra (1888-1964), que em 1918 havia assumido a direção da sociedade anônima *O Malho*²⁹⁸, que publicava a revista *O Malho*, onde Gastão Pereira da Silva escrevia a partir de 1936.

No mesmo número da revista em que Gastão escreveu sobre a morte de Freud, o escritor Jorge Amado (1912-2001), então redator-chefe da publicação, publicou um texto na primeira página, com o título de “Lutam os discípulos...”, que critica as desavenças entre os seguidores de Freud, para depois defender uma maior atenção para as teorias de Alfred Adler e concluir que “se existe muito que aprender com Freud muito também tem Adler a nos ensinar”²⁹⁹. É mais um indício de como a discussão sobre psicanálise, com a participação de Gastão, estava presente nos meios intelectuais e culturais brasileiros da época.

A contribuição de Gastão para *Dom Casmurro*, do mesmo modo que para *O Malho* e *Vamos Lêr!*, não se limitava a artigos sobre psicanálise. Sua segunda participação falava de pintura brasileira³⁰⁰, e a seguir temos artigos sobre história do Brasil³⁰¹ e mercado editorial³⁰². Gastão escreveu para a revista *Dom Casmurro* até o ano de 1946, quando a publicação deixou de circular.

Por fim, na década de 1950, Gastão escreveu ainda para outra revista, *Seleções Sexuais*. Como o nome indica, a revista, que circulou de 1952 a 1957, era especializada na temática da sexualidade e tinha a venda proibida para menores de 18 anos. Nela Gastão manteve uma coluna intitulada “Confidências”, na qual respondia a cartas enviadas por leitores sobre questões relacionadas à sexualidade, mantendo o mesmo sistema utilizado anteriormente na *Carioca*, no qual o texto original da carta e o nome verdadeiro do remetente não eram publicados³⁰³. A coluna não era assinada, e sua autoria só foi revelada por Gastão em *25 anos de psicanálise*. Segundo ele, neste livro, referindo-se ao título da coluna, “essas *confidências* a que aludo aqui são, na maioria, confidências que me chegavam às mãos, todas elas feitas por moças e rapazes com menos de 20 anos de idade”. E prossegue, em tom dramático: “É toda uma adolescência,

²⁹⁷ LUCA. Brício de Abreu e o jornal literário *Dom Casmurro*. *op. cit.*, p. 279.

²⁹⁸ *Ibidem*, p. 280.

²⁹⁹ AMADO, Jorge. Lutam os discípulos... *Dom Casmurro*, n. 120, 30/09/1939, p. 1.

³⁰⁰ SILVA, Gastão Pereira da. Pintura brasileira. *Dom Casmurro*, n. 123, 21/10/1939, p. 6.

³⁰¹ *Idem*. Viagem ao Brasil. *Dom Casmurro*, n. 151, 01/06/1940, p. 6. Nesta mesma edição de *Dom Casmurro*, encontramos um anúncio da sua obra *Vícios da imaginação*, publicada pela Livraria José Olympio Editora (Ver *Dom Casmurro*, n. 151, 01/06/1940, p. 11).

³⁰² *Idem*. No mundo dos livros. *Dom Casmurro*, n. 157, 13/07/1940, p. 6.

³⁰³ SEELINGER. “Entre vilões e mocinhas, leitoras e ouvintes”. *op. cit.*, pp. 24-25.

por assim dizer, desamparada, que abre as portas do coração a alguém, na esperança de salvar a alma da ruína e — por que não dizer, do desespero?”³⁰⁴.

Uma sexta revista, na qual Gastão não teve coluna fixa, mas que em vários momentos fez referência às suas produções, foi *Fon-Fon*. Fundada em 1907, foi, juntamente com *O Malho*, a *Revista da Semana* e a *Careta*, uma das revistas mais populares das primeiras décadas do século XX³⁰⁵. “*Fon-Fon* espelhava o esnobismo carioca, fazia crítica, apresentava flagrantes e tipos do *set* da cidade, com muita fotografia e muita ilustração, e muita literatura na primeira fase”³⁰⁶. Do mesmo modo que em outros periódicos, Gastão é aqui mencionado tanto por sua obra como divulgador científico como por sua participação literária, chegando a publicar nela uma poesia, em 1930, com o título de “Redenção”³⁰⁷. Nesta época, o diretor da revista era Sergio Silva e seu redator-chefe Gustavo Barroso³⁰⁸. Vários dos livros de Gastão são comentados nesta revista, como *O operário na nova sociedade*, em 1932³⁰⁹, *Lenine e a psicanálise*, por duas vezes em 1933³¹⁰; *Crime e psicanálise* e a terceira edição de *Para compreender Freud*, também em 1933³¹¹; *Educação sexual da criança*, no início de 1935³¹². Na década de 1930, a revista tinha um perfil bem semelhante ao de *O Malho*: publicava textos curtos e poesias de autores brasileiros e estrangeiros, em especial franceses, apresentava seções com os eventos sociais do momento e comentários sobre livros recentes. Também apresentava várias colunas assinadas por pseudônimos, como Yves e Sésamo.

Podemos classificar as participações de Gastão em revistas em duas categorias: na primeira, que inclui *Carioca* e *Seleções Sexuais*, ele respondia a cartas enviadas por leitores sobre temas específicos: sonhos, na primeira revista, e sexualidade, na última. Embora o autor nunca publicasse as cartas originais e sempre se referisse aos remetentes por siglas ou pseudônimos, essas colunas permitiram que ele dissesse posteriormente que recebera cartas de

³⁰⁴ SILVA. *25 anos de psicanálise. op. cit.*, p. 80.

³⁰⁵ SODRÉ. *História da imprensa no Brasil. op. cit.*, p. 301.

³⁰⁶ *Ibidem*, p. 302.

³⁰⁷ *Fon-Fon*, n. 15, ano XXXIV, 12/04/1930, p. 82.

³⁰⁸ O escritor Gustavo Barroso (1888-1959) foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1923. Foi um dos principais ideólogos do integralismo brasileiro, e escreveu obras marcadas pelo antissemitismo que publicou pela editora Civilização Brasileira, como *Brasil, colônia de banqueiros* e *História secreta do Brasil*. Também foi um dos autores do *Pequeno dicionário da língua portuguesa*, o maior sucesso de vendas da editora até 1951 (Ver HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005, p. 536; http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/gustavo_barroso e <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=617&sid=213>. Ao mesmo tempo em que era redator-chefe de *Fon-Fon*, ele também foi um dos fundadores da Editora Civilização Brasileira. Ver abaixo, pp. 59-60.

³⁰⁹ *Fon-Fon*, 27/08/1932, p. 36.

³¹⁰ *Fon-Fon*, n. 6, ano XXVII, 11/02/1933, p. 33; *Fon-Fon*, n. 9, ano XXVII, 04/03/1933, p. 51.

³¹¹ Caverna de Ali Babá. *Fon-Fon*, n. 32, ano XXVII, 12/08/1933, p. 22.

³¹² POPPE, Mário. *Escritores e Livros. Fon-Fon*, n. 3, ano XXIX, 19/01/1935, p. 56.

todo o território nacional, e algumas dessas cartas serão retomadas por ele em várias de suas obras de divulgação.

Na segunda categoria, em que podemos incluir *O Malho*, *Vamos Lêr!* e *Dom Casmurro*, Gastão escrevia artigos de tamanho variado e, em alguns momentos, teve colunas fixas, mas o intercâmbio com o leitor era menos direto. Ao mesmo tempo, o formato permitia que ele variasse mais o assunto de seus artigos, e mesmo o tema das colunas: em *Vamos Lêr!*, por exemplo, ele escreveu várias colunas diferentes, para públicos diversos, sobre temas tão diferentes como a guerra e a vida amorosa dos animais. Em muitos dos artigos de Gastão se percebe a preocupação em desempenhar um papel semelhante ao dos autores da contemporânea *Revista Nacional de Educação*, estudada por Regina Horta: funcionar como “um guia de formação do gosto estético, condição de um homem culturalmente superior, apto a desempenhar seu papel na constituição de uma grande nação”³¹³. Do mesmo modo que na revista citada, Gastão escrevia artigos de divulgação científica, biografias de artistas e grandes figuras da história, análises de pinturas, entre outros.

Em relação ao aspecto editorial, as revistas *Carioca* e *Vamos Lêr!* eram publicadas por um grande grupo editorial, *A Noite*, com o qual Gastão Pereira da Silva construiu relações bem profundas, merecendo portanto uma análise mais extensa. Além das revistas, Gastão publicou livros pela editora do grupo³¹⁴ e teve uma participação importante, nas décadas de 1940 e 1950, na Rádio Nacional, que foi criada em 1936 pelo mesmo grupo. Nos jornais diários do grupo, como *A Noite*, também eram publicados com frequência anúncios e resenhas dos livros de Gastão Pereira da Silva³¹⁵.

O jornal diário e vespertino *A Noite* foi o primeiro veículo do grupo a ser constituído. Fundado em 18 de junho de 1911 por Irineu Marinho, após este haver deixado a *Gazeta de Notícias*, onde era secretário-geral, foi um dos primeiros jornais considerados populares no Rio

³¹³ DUARTE. “Em todos os lares, o conforto moral da ciência e da arte”. *op. cit.*, p. 44.

³¹⁴ Como *Conheça seu filho*, de 1942.

³¹⁵ Um anúncio publicado no jornal *A Noite* de 20 de março de 1935, sob o título de “A fogueira dos livros!!!”, apresentando livros que eram vendidos com desconto pela Livraria João do Rio, apresenta oito obras diferentes de Gastão Pereira da Silva: *Lenine e a psicanálise*, *Crime e psicanálise*, *Um para quarenta milhões*, *Psicanálise em 12 lições*, *Nevrose do coração* e outras três obras sobre as quais não foram encontradas ainda outras referências: *Psicanálise*, *Medicina clínica* e *Ritmo vermelho ou tragédia do capitalismo* (*A Noite*, 20/03/1935, p. 7). É um indicador da grande variedade e quantidade da produção de Gastão em poucos anos, especialmente entre 1933, ano da primeira edição dos três primeiros livros, e 1935. Outro aspecto que chama a atenção no anúncio é a grande quantidade de livros de outros médicos, como o já citado Nicolau Ciancio, que desenvolviam obras de divulgação de caráter semelhante ao de Gastão. A livraria João do Rio, que anteriormente se chamava Livraria Carioca, foi adquirida na década de 1920 pelo imigrante italiano Saverio Fittipaldi e existiu até 1939. Voltada para livros populares, também tinha uma editora, especializada em livros de cordel, bastante vendidos na década de 1930 (Ver GOMES, Angela de Castro. “A Pequena Itália de Niterói: uma cidade, muitas famílias”. In GOMES, Angela de Castro (Org.). *Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000, pp. 86, 102).

de Janeiro. O jornal apoiou os candidatos oposicionistas à Presidência da República Rui Barbosa e Nilo Peçanha e os movimentos tenentistas, o que levou à prisão de Irineu Marinho, em 1924. Libertado, Marinho transferiu o controle do jornal para Geraldo Rocha, em 1925³¹⁶. Além da mudança de nome na direção, o jornal mudou de posicionamento político, passando “da oposição ao mais irrestrito apoio às oligarquias dominantes”³¹⁷. Em 1929 inaugurou uma nova sede, um edifício de 23 andares na Praça Mauá. No ano seguinte, o jornal apoiou a candidatura presidencial de Júlio Prestes, e mesmo após o início do movimento liderado por Getúlio Vargas continuou a publicar artigos contra os insurgentes. Como consequência, o prédio foi incendiado pelos revoltosos em outubro de 1930 e Geraldo Rocha preso.

Voltando a circular, a empresa passou a enfrentar problemas financeiros, que culminaram com o fato de que um grupo estrangeiro, que também controlava a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, assumiu a totalidade das ações da empresa A Noite. Numa tentativa de reerguimento da sociedade editorial, foram criadas na década de 1930 duas revistas de alcance mais popular, *Carioca* e *Vamos Lêr!*, ambas dirigidas por Raimundo Magalhães Júnior. O grupo também criou uma emissora de rádio, a Rádio Nacional. Como a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande estava sob intervenção do governo federal desde o movimento de 1930, o grupo progressivamente aproximou-se do governo, até que, em 8 de março de 1940, pelo decreto-lei n. 2.073, foi encampado formalmente pelo governo Vargas, em pleno Estado Novo, passando a fazer parte das Empresas Incorporadas ao Patrimônio Nacional. Após a estatização, o jornal passou por inúmeros problemas, sem nunca conseguir recuperar a popularidade anterior, até deixar de circular em 1956³¹⁸.

As revistas *O Malho*, *Dom Casmurro* e *Seleções Sexuais*, por sua vez, eram, ao contrário, publicadas por editoras pequenas, especialmente constituídas para a publicação do periódico, e que possuíam bastante semelhança com várias das editoras de menor expressão pelas quais Gastão publicou seus livros, como veremos a seguir.

2.3. Editoras

Apenas em dois anos, 1933 e 1934, Gastão Pereira da Silva publicou oito livros, por quatro editoras diferentes, nenhuma delas de grande expressão à época. Assim, *Crime e*

³¹⁶ No mesmo ano, Marinho fundou o jornal *O Globo* (Ver HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. “A Noite”. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, s.d. Disponível em <http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/noite>).

³¹⁷ FERREIRA, Marieta de Moraes. “A Noite”. In ABREU, Alzira Alves de (Org.). *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2010.

³¹⁸ FERREIRA. “A Noite”. *op. cit.*; HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. “A Noite”. *op. cit.*

psicanálise (1933) e *Educação sexual da criança* (1934) saíram pela Editora Mariza³¹⁹, que na época também publicava obras de literatura e outras obras sobre psicanálise³²⁰, e teve pelo menos um grande sucesso de vendagem: as *Memórias*, de Humberto de Campos³²¹, que, segundo a revista *O Malho*, em 1933, venderam vinte mil exemplares em dois meses, “cifra ainda não atingida por qualquer outro escritor do Brasil, seja da Academia de Letras ou fora dela”³²². No entanto, o antropólogo Gustavo Sorá aponta que a editora, “selo de escassa expressividade”, não publicava obras com tiragem maior do que 2.000 exemplares, e que o editor José Olympio conseguiu os direitos de publicação da obra de Campos, ainda no ano de 1933, ao fazer uma proposta de publicação de uma obra inédita com a tiragem, ambiciosa para a época, de 5.000 exemplares³²³. Esta pode ser uma das razões para não terem sido encontradas mais referências sobre a editora Mariza após 1934.

Outra editora de menos renome, pela qual Gastão publicou *A psicanálise*, em 1934, tinha o nome de Andersen Editores. Fundada por Adolfo Aizen, a editora também publicou, na mesma época, alguns romances regionais³²⁴ e a primeira edição de *Menino de engenho*, de José Lins do Rego, em 1932, escritor que, a exemplo de Humberto de Campos, seria contratado pelo editor José Olympio a seguir³²⁵. Pela Editora Moderna³²⁶, que publicou a biografia de Procópio Ferreira, *Um para quarenta milhões* (1933) e *Neurose do coração* (1934), Gastão já havia publicado *O operário e a nova sociedade*, em 1932³²⁷. A editora lançara antes outros ensaios sobre questões sociais e políticas. Sobre a Editora Atlântica, pela qual Gastão publicou *Lenine e a psicanálise*, a terceira edição de *Para compreender Freud* (ambos de 1933) e a primeira

³¹⁹ A editora, de propriedade de M. Sobrinho, localizava-se à Rua São Pedro, 218 (Ver *Diário de Notícias*, 28/12/1932, p. 7).

³²⁰ Como *O traumatismo no nascimento*, de Otto Rank (1934). Em uma entrevista dada ao *Correio da Manhã* em 1934, o editor M. Sobrinho fala do projeto de publicar a tradução completa das obras de Rank, feita “pelos doutores José Martinho da Rocha e Eurialo Canabrava” (*Correio da Manhã*, 31/05/1934, p. 7). No entanto, só foram encontradas referências à tradução da obra acima.

³²¹ Humberto de Campos (1886-1934), escritor, cronista e crítico, foi membro da Academia Brasileira de Letras, eleito em 1919 para a cadeira 20. Bastante popular na época, seus escritos foram importantes também na fase inicial de outra editora importante, a Livraria José Olympio Editora, que publicará obras de Gastão a partir de 1939 (Ver ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. “Humberto de Campos. Biografia”. Disponível em www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=640&sid=221; LINDOSO, Felipe. *O Brasil pode ser um país de leitores? Política para a cultura, política para o livro*. São Paulo: Summus Editorial, 2004, p. 81).

³²² *O Malho*, n. 1587, 20/05/1933, p. 10.

³²³ SORÁ, Gustavo. “A arte da amizade. José Olympio, o campo de poder e a publicação de livros autenticamente brasileiros”. Texto apresentado no I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 2004, p. 4.

³²⁴ Como *Terra de Icamiba, romance da Amazônia*, de Abguar Bastos (1934) e *Furundungo*, de A. J. de Souza Carneiro (1934).

³²⁵ LINDOSO. *O Brasil pode ser um país de leitores? op. cit.*, p. 82.

³²⁶ Não possui relação com a Editora Moderna atual, que foi fundada em 1968. Em um anúncio de 1932, foi possível obter o endereço da editora (Rua do Ouvidor, 71 – 3º. Andar), localização muito próxima da de várias outras editoras da época (*Correio da Manhã*, 12/06/1932, p. 9).

³²⁷ A segunda edição desta obra, em 1933, também saiu pela Editora Moderna.

edição de *Psicanálise em 12 lições* (1934), não foi possível encontrar muitas referências³²⁸. A publicação de livros de divulgação por Gastão nos primeiros anos da década de 1930 foi tão intensa que no início de 1935, apenas quatro anos após a publicação do primeiro deles, *Para compreender Freud*, um comentário na revista *Fon-Fon* já se referia assim ao autor: “O sr. Gastão Pereira da Silva é um trabalhador infatigável, autor de duas dezenas de volumes curiosos, quase todos de valor”³²⁹.

Embora, após 1935, a quantidade de publicações do autor por ano tenha diminuído, continuaram as relações com várias editoras diferentes. A respeito delas, também foi possível obter algumas informações sobre a Editora Zélio Valverde, que publicou dois livros de Gastão: sua biografia de Prudente de Moraes (*Prudente de Moraes, o pacificador*, 1938)³³⁰ e *Getúlio Vargas e a psicanálise das multidões*³³¹. Em 1940, em um artigo para a revista *Dom Casmurro* intitulado “No mundo dos livros”³³², Gastão entrevistou o então editor e proprietário de livrarias Zélio Valverde, apresentado como “o mais jovem dos editores brasileiros”³³³. Na mesma matéria, Gastão afirma que a venda de livros representaria “o mais ingrato” ramo comercial, pois o valor individual dos produtos é muito baixo, e “quando o livro não presta, não serve nem como papel velho”. Alguns dos seus comentários tocam em questões presentes até hoje no mercado editorial brasileiro, apontando que, em geral, o brasileiro não tinha o hábito de ler e que as tiragens dos livros aqui eram baixas, o que encareceria o preço do produto. A solução seria, para o autor, incentivar a literatura brasileira ou traduzir para o português “os melhores autores de renome universal”. Segundo ele, estas medidas, “altamente patrióticas”, estariam sendo tomadas por alguns brasileiros, “verdadeiros devotados”³³⁴.

Já a editora Oscar Mano, pela qual Gastão publicou *O drama sexual de nossos filhos* em 1939, possuía um perfil mais especializado. Com o nome de Oscar Mano & Cia. Editores,

³²⁸ A mesma editora publicou em 1934 o livro *Novos rumos da criminologia*, de José Pereira da Silva, irmão de Gastão (Ver *Escritores e livros. Fon-Fon*, n. 29, ano XXVIII, 21/07/1934, p. 60). Em 1943, uma nota na mesma revista *Fon-Fon* dizia que a editora iria publicar em breve três obras do escritor francês Georges Bernanos (Ver LOPES, Elcias. *Leiam Fon-Fon e os livros. Fon-Fon*, n. 37, ano XXXVII, 11/09/1943, p. 57).

³²⁹ POPPE, Mario. *Escritores e Livros. Fon-Fon*, n. 3, ano XXIX, 19/01/1935, p. 56.

³³⁰ Ao lado da nova Constituição de 1937, este livro foi o primeiro a ser editado pela editora (Ver SILVA. *Gastão Pereira da Silva. op. cit.*, p. 84; HALLEWELL. *O livro no Brasil. op. cit.*, p. 428).

³³¹ Wagner Paulon, citando a *Bibliografia brasileira*, credita este livro como sendo de 1940; a revista *Carioca* publicou uma resenha dele em 1941 (Ver PAULON. “Dr. Gastão Pereira da Silva. O maior divulgador da psicanálise no Brasil”. *op. cit.*; *Carioca*, n. 283, 1941, p. 9).

³³² O artigo é apresentado como “reportagem de Gastão Pereira da Silva”, indicando que sua posição como jornalista já era respeitada na época. Gastão já era membro da ABI na ocasião, tendo-se tornado associado da instituição em 1937.

³³³ Zélio Valverde (1921-1985) contava com menos de 20 anos na época da entrevista. Sua livraria e editora, comprada do poeta Augusto Frederico Schmidt em 1937, foi importante na década de 1940 (Ver HALLEWELL. *O livro no Brasil. op. cit.*, p. 428; LINDOSO. *O Brasil pode ser um país de leitores? op. cit.*, p. 80).

³³⁴ SILVA, Gastão Pereira da. *No mundo dos livros. Dom Casmurro*, n. 157, 13/07/1940, p. 6.

publicou em 1932 *Medicina e cultura*, de Miguel Couto, em dois volumes. Outros livros didáticos sobre cálculo e engenharia aparecem no catálogo desta editora, bem como a *História da arte no Brasil*, de Francesco Acquerone (1939). A editora Mundo Latino, que publicou a 6ª edição de *Para compreender Freud*, em 1942, e o livro *Tabu da virgindade*, a partir da 1ª edição em 1943, teve uma existência mais duradoura do que as outras editoras citadas acima: em 1967, publicou a tradução de *A vida sexual das solteiras*, de Georges Valensin, e vários dos romances estrangeiros de seu catálogo, como as obras do francês Maurice Dekobra, possuem edições até a década de 1970.

Percebe-se que há traços comuns entre todas estas editoras: eram negócios de pequeno porte, muitas vezes centralizados na figura de uma pessoa, o editor, com sedes em geral na região central do Rio de Janeiro e que deixaram de existir ou de publicar obras após poucos anos, ou, como no caso da Mundo Latino, nunca deixaram de ser editoras de porte pequeno. Quando conseguiam publicar obras de autores que tinham grande vendagem ou prestígio crítico, como no caso de Humberto de Campos ou José Lins do Rêgo, não conseguiam concorrer com grupos maiores, que ofereciam a estes autores melhores condições e compravam os direitos de suas obras. A peculiaridade do caso de Gastão Pereira da Silva é que, ao contrário dos autores citados acima, ele não se manteve exclusivamente em nenhuma destas editoras: ao mesmo tempo em que publicava obras pelos pequenos grupos, também publicava por editoras maiores e de maior prestígio, como a José Olympio e a Civilização Brasileira, ou ligadas a grandes grupos editoriais, como A Noite.

O mais importante editor carioca da década de 1930, José Olympio, iniciou sua atividade em São Paulo, em 1932, publicando uma obra de divulgação da psicanálise: *Conhece-te pela psicanálise*, tradução do livro *How to Psychoanalyze Yourself*, do norte-americano Joseph Ralph, que foi “sucessivamente reimpresso nos vinte anos seguintes”³³⁵. É interessante perceber que essa publicação em português ocorreu apenas um ano após a primeira publicação de *Para compreender Freud*, de Gastão Pereira da Silva, que tinha uma postura similar em relação à acessibilidade da psicanálise.

Em 1934, o editor mudou sua empresa de sede, passando para o Rio de Janeiro, onde também abriu uma livraria, na rua do Ouvidor, que logo tornou-se ponto de encontro de escritores e artistas. A empresa se desenvolveu rapidamente, publicando obras com tiragens até então desconhecidas no mercado brasileiro. Em uma entrevista quando da inauguração de sua livraria, José Olympio diz que iria publicar 20.000 exemplares da segunda parte das *Memórias*,

³³⁵ LINDOSO. *O Brasil pode ser um país de leitores? op. cit.*, p. 81.

de Humberto de Campos, “a maior tiragem que já se fez no Brasil de uma primeira edição”³³⁶. Ele já havia feito o mesmo com *Banguê*, de José Lins do Rego, um escritor em início de carreira na época, como afirmava na mesma entrevista: “Tirei 10.000 exemplares de *Banguê*. Mas não diga isso pelos jornais. É somente aqui para nós. Do contrário, podem querer levar-me para o hospício”³³⁷.

A Livraria José Olympio Editora tornou-se a principal editora brasileira de literatura ao longo da década de 1930, publicando autores consagrados como Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e Jorge Amado, entre outros. Mas a José Olympio também publicava ensaios, reunidos na coleção “Documentos Brasileiros”, e obras de “contingência política, inclusive uma coletânea de discursos e ensaios de Getúlio Vargas, amigo e protetor da ‘Casa’”³³⁸. O próprio Gastão passou a publicar pela editora de José Olympio: em 1939, lançou *Vícios da imaginação*³³⁹, que teria cinco edições posteriores, até o ano de 1956, sempre pela mesma editora; a seguir, *Como se interpretam os sonhos* (1943) e *Como se pratica a psicanálise* (1948) também saíram pela editora José Olympio. Gastão também elogiou outros livros lançados pela José Olympio: todas as obras de divulgação científica que ele cita em seu artigo “Nós, os charlatães”, por exemplo, foram publicadas pela editora entre 1940 e 1941, em uma coleção intitulada “A ciência de hoje”³⁴⁰.

Outra editora de prestígio pela qual Gastão publicou suas obras foi a Civilização Brasileira, que lançou a 4^a. e a 5^a. edições de *Para compreender Freud*, em 1934 e 1940, respectivamente. Fundada em 1929 por Getúlio M. Costa, Ribeiro Couto e Gustavo Barroso, a editora foi adquirida em 1932 por Octalles Marcondes Ferreira, passando a fazer parte da Companhia Editora Nacional, na época a maior editora de livros de São Paulo³⁴¹, e sendo utilizada como selo para edição de livros para adultos. De 1935 a 1937 lançou dezenas de novos títulos, de autores como Dostoiévski, Zola, Górkki e Victor Hugo, mas após este período parece ter havido um declínio, que só se encerrou quando Ênio Silveira assumiu a gerência da editora, em 1951³⁴². Pela editora, Gastão publicou duas edições de *Para compreender Freud* (1934 e

³³⁶ “Uma nova casa editora no Rio”. *O Jornal*, 04/07/1934, p. 5.

³³⁷ *Ibidem*.

³³⁸ A “Casa” era a maneira com que o próprio José Olympio se referia à sua editora (Ver LINDOSO. *O Brasil pode ser um país de leitores?* op. cit., pp. 82-83).

³³⁹ A obra foi anunciada em diversos números da revista *Dom Casmurro*, em 1940. Um dos anúncios se referia a Gastão como o “conhecido escritor brasileiro, divulgador das doutrinas de Freud no Brasil”, que, na obra em questão, somaria, à psicanálise, suas “observações pessoais” (*Dom Casmurro*, n. 152, 08/06/1940, p. 12).

³⁴⁰ Ver capítulo 3.

³⁴¹ HALLEWELL. *O livro no Brasil*. op. cit., p. 371.

³⁴² *Ibidem*, p. 355. Atualmente a editora faz parte do Grupo Editorial Record, do mesmo modo que a José Olympio. Ver <http://www.record.com.br/default.asp>.

1940) e seu perfil biográfico de Xavier da Silveira (*Xavier de Silveira e a República de 89, 1940*).

Gastão também foi creditado como tradutor de obras de Freud e de outros autores a partir do início da década de 1940. O grupo editorial Calvino, do Rio de Janeiro, publicou, entre os anos de 1941 e 1942, 12 volumes em uma coleção que denominou “Freud ao alcance de todos”³⁴³. Gastão aparece como o tradutor dos volumes 6 (“Freud e as anomalias sexuais”³⁴⁴) e 12 (“Freud e a psicanálise de guerra”). Em 1941, foi o tradutor da obra *Spinoza*, de Arnold Zweig³⁴⁵, publicada pela Livraria Martins Editora, de São Paulo, em sua coleção “Biblioteca do Pensamento Vivo”³⁴⁶.

2.4. Associações e academias

Com tantos contatos em diferentes revistas, jornais e editoras, Gastão Pereira da Silva foi muitas vezes identificado prioritariamente como escritor ou jornalista, mais do que como psicanalista ou médico³⁴⁷. Uma comprovação disto é que ele tornou-se associado da ABI (Associação Brasileira de Imprensa) em 19 de abril de 1937, e se manteve como sócio e conselheiro da instituição até sua morte. Em 1938, ele foi citado na entidade como redator de *O Malho*³⁴⁸. Na sede da ABI, muitas vezes recebia outras pessoas³⁴⁹, e passou a ser homenageado com o nome de um salão, localizado no 11º andar, após sua morte³⁵⁰.

Suas tentativas de entrar para a Academia Brasileira de Letras, por sua vez, demonstram outro tipo de relação de Gastão Pereira da Silva com o meio literário. Ele concorreu a uma

³⁴³ Os outros títulos da coleção, segundo Denise Bottmann: 1. Freud e o abc da psicanálise (trad. N. Jonas Hersen); 2. Freud e o problema sexual; 3. Freud e os atos maníacos (trad. Galvão de Queiroz); 4. Freud, o chiste e o inconsciente (trad. Francisco de Oliveira e Silva); 5. Freud e a histeria feminina; 7. Freud e as origens do sexo (trad. Abguar Bastos); 8. Freud e os mistérios do sonho; 9. Freud e a perversão das massas (trad. Abguar Bastos); 10. Freud e seu processo de curar (trad. Francisco de Oliveira e Silva); 11. Freud e a higiene sexual (Ver BOTTMANN, Denise. “Curiosidades freudianas (1931-1969)”. *Belas Infêis*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade de Brasília, v. 2, n. 2, 2013, pp. 169-170). Os títulos dos livros não são os títulos originais das obras de Freud, o que pode indicar que sejam reunião de vários textos do autor.

³⁴⁴ H. Pereira da Silva cita esta tradução de Gastão sem mencionar o nome de Freud, como se fosse de uma obra de Gomes Nereia (SILVA. *Gastão Pereira da Silva. De filho para pai. op. cit.*, p. 85).

³⁴⁵ Romancista alemão (1887-1968), que manteve uma extensa correspondência com Freud, durante as décadas de 1920 e 1930.

³⁴⁶ A nota em *O Malho*, não assinada, fala da “magnífica tradução de Gastão Pereira da Silva”. Ver Livros e Autores, *O Malho*, n. 21, out. 1941, p. 14.

³⁴⁷ Um exemplo é o comentário na revista *Fon-Fon*, em 1933: “Espírito de ideias avançadas, sereno e firme na sua propaganda doutrinária, como literato, como cientista, como sociólogo, o ilustre e jovem escritor já tem publicadas (...) várias obras de real valor” (Caverna de Ali Babá. *Fon-Fon*, n. 32, ano XXVII, 12/08/1933, p. 22).

³⁴⁸ Ver capítulo 3, p. 76.

³⁴⁹ No prefácio ao livro de H. Pereira da Silva, Valmir Adamor da Silva narra que, ao chegar ao Rio de Janeiro vindo de Belém, em 1950, Gastão pediu que fosse encontrá-lo no 11º andar da ABI, onde conversaram por mais de duas horas (Ver SILVA. *Gastão Pereira da Silva. op. cit.*, p. 7).

³⁵⁰ SEELINGER. “Entre vilões e mocinhas, leitoras e ouvintes”. *op. cit.*, pp. 37-38.

cadeira na instituição pela primeira vez em 1934. A cadeira, de número 26, havia sido aberta com a morte de Constâncio Alves³⁵¹. O escritor Ribeiro Couto venceu a eleição, seguido por Teodoro Sampaio e Carlos Góes. Gastão, o quarto candidato inscrito, não recebeu nenhum voto³⁵². Dez anos mais tarde, em 1944, a revista *Vamos Lêr!*, na qual, como vimos, Gastão teve intensa participação, apoiou sua nova candidatura à ABL, com um artigo não assinado que, juntamente com uma grande foto do autor, ocupava uma página inteira do periódico³⁵³. Segundo o artigo, Gastão era “um colaborador muito querido” da revista, sendo “o mais assíduo e mais ligado às suas campanhas” e “um tipo representativo do homem de letras todo votado à vida do espírito”. Por esta razão, ele ainda não havia obtido o destaque que merecia, apesar “do seu labor intenso de autor de mais de 40 obras de divulgação científica e literária e mais de 100 monografias, sem contar uma infinidade de artigos e ensaios menores”. Gastão seria, portanto, “um cidadão nascido para” a ABL. Um dos argumentos indicava que o autor teria penetração em todas as classes sociais: ele deveria ser recompensado “pela sinceridade e nobreza dos seus serviços à cultura do povo e ao melhoramento intelectual das classes médias”, mas também pela “forma útil e fecunda com que tem sabido compreender a missão guiadora das elites num país novo”. Por fim, o artigo reiterava a posição abnegada de Gastão, “na tarefa sempre inglória, do ponto de vista material, que é servir à causa desinteressada da inteligência”³⁵⁴. As dificuldades para se exercer a profissão de escritor na época e a enorme capacidade de trabalho de Gastão serão dois dos argumentos mais utilizados por vários dos defensores de sua candidatura, posteriormente.

A candidatura era para a cadeira 18, curiosamente vaga pelo falecimento de um quase homônimo de Gastão, o acadêmico Pereira da Silva³⁵⁵. Posteriormente, *Vamos Lêr!* abriu um concurso para que os leitores votassem em quem deveria ocupar a cadeira, e ao mesmo tempo

³⁵¹ Constâncio Alves (1864-1933) era médico de formação, mas não exerceu a profissão, se destacando como jornalista. Tendo sido anteriormente redator-chefe do *Diário da Bahia*, participou do *Jornal do Brasil* desde sua fundação em 1890, inicialmente como coordenador e escrevendo a resenha da semana e, em 1892, assumindo o cargo de redator-chefe. Posteriormente foi para o *Jornal do Commercio*, onde permaneceu durante 36 anos assinando uma seção de crônicas com o título de “Dia a Dia”. Eleito para a ABL em 1922, foi tesoureiro, bibliotecário e redator da revista da instituição (Ver ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. “Constâncio Alves. Biografia”. Disponível em <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=422&sid=262>; SODRÉ. *História da imprensa no Brasil. op. cit.*, pp. 256, 258, 261).

³⁵² *O Jornal*, 29/03/1934, p. 3.

³⁵³ “A candidatura de Gastão Pereira da Silva à Academia Brasileira de Letras”. *Vamos Lêr!*, 01/06/1944, p. 23. Ver Figura 4, anexo 3.

³⁵⁴ *Ibidem*.

³⁵⁵ O escritor Antônio Joaquim Pereira da Silva (1876-1944), nascido na Paraíba, formou-se em direito no Rio de Janeiro. Foi um importante poeta do movimento simbolista, e também trabalhou em vários órgãos da imprensa como crítico literário, entre eles *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Commercio* e *O Debate* (Ver ABL. “Pereira da Silva. Biografia”. Disponível em <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=285&sid=207>; SODRÉ. *História da imprensa no Brasil. op. cit.*, p. 317).

começou a entrevistar figuras de destaque para que dessem também sua opinião. Assim, podemos relacionar todos os candidatos inscritos para o pleito. Além de Gastão Pereira da Silva, havia outros nove candidatos, aqui apresentados na ordem do artigo em *Vamos Lêr!*: Jorge de Lima³⁵⁶, Raul Machado³⁵⁷, J. G. de Araújo Jorge³⁵⁸, Bastos Tigre³⁵⁹, Joaquim Thomaz, Basílio de Magalhães, Afonso Schmidt, Jacques Raimundo e Martins de Oliveira³⁶⁰. Os quatro primeiros nomes citados, como se evidenciou posteriormente pela enquete e pelos resultados da eleição, eram os candidatos mais fortes, e, portanto, apresentamos aqui uma curta biografia deles. A enquete, que se estendeu por várias semanas e edições da revista, permite que vejamos qual era a visão do público leitor de *Vamos Lêr!* sobre Gastão.

Na primeira rodada de opiniões, três votantes escolheram o nome de Gastão Pereira da Silva: Garibaldi Cruz³⁶¹, porque ele “possui a maior capacidade de trabalho que tenho conhecido” e também por ele ter revelado “ao Brasil uma ciência que era até então quase desconhecida”, a psicanálise; Luís Mac-Dowell da Costa³⁶², por “seus trabalhos magníficos, sobre a doutrina de que é o mais autorizado divulgador entre nós, o único capaz de difundir-na na América, no dizer do próprio Freud”, e J. G. de Araújo Jorge, candidato inscrito, que brinca dizendo que “votaria em Gastão Pereira da Silva para a vaga de Pereira da Silva. Como se vê, basta uma simples mudança de nome”, além de apontar que Gastão era “um verdadeiro

³⁵⁶ Jorge de Lima (1893-1953) era médico de formação. Nascido em União dos Palmares AL, foi deputado estadual antes de se mudar para o Rio, em 1930, por questões políticas. Na capital federal, se dedicou à medicina e à literatura. Poeta muito elogiado pela crítica, foi autor de *A Invenção de Orfeu* (1952). Ver www.antoniomiranda.com.br/iberoamerica/brasil/jorge_de_lima.html.

³⁵⁷ Raul Machado foi jurista, poeta e escritor, autor de *Dança de Ideias* (1940), pela editora A Noite. Ver *A Noite*, 23/01/1940, p. 6 e 04/05/1940, p. 8.

³⁵⁸ José Guilherme de Araújo Jorge (1914-1987) foi escritor e poeta, nascido em Vila de Tarauacá, Acre. Formado em direito, escreveu para as revistas *Carioca* e *Vamos Lêr!* e para o jornal *A Nação*, entre outros. Ver <http://www.jgaraujo.com.br>.

³⁵⁹ Manuel Bastos Tigre (1882-1957), nascido no Recife, Pernambuco, foi jornalista, poeta, bibliotecário, autor de peças de teatro e publicitário, dentre outras ocupações. Escritor de renome na chamada *belle époque* carioca, com participação em vários jornais e revistas da época, seu ecletismo lembra a trajetória de Gastão Pereira da Silva: “Chegou a ser considerado uma espécie de síntese do que alguns consideravam um ‘escritor moderno’, devido à sua capacidade e seu empenho em atuar como literato em diferentes arenas: jornalismo, teatro, poesia e publicidade”. Foi fundador da Sociedade Brasileira de Homens de Letras (1915) e da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (1917). Ver BALABAN, Marcelo. Este animal de pelo. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 7, n. 78, março de 2012. Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/retrato/este-animal-de-pelo>.

³⁶⁰ “Quem deve ocupar a poltrona n. 18?”. *Vamos Lêr!*, 06/07/1944, p. 18.

³⁶¹ “Conhecido pintor”, segundo o jornal *Gazeta de Notícias*, sua produção se caracterizava por “aspectos dos conventos e igrejas seculares do Rio”. O mesmo jornal o apontava como personalidade bastante “admirada nos círculos artísticos da cidade e vinculada aos meios da imprensa”, tanto que sua primeira exposição pública foi na sede da ABI em 1944. *Gazeta de Notícias*, 24/09/1944, p. 7; 14/10/1944, p. 7; 17/10/1944, p. 6.

³⁶² Médico psiquiatra, livre-docente de neurologia da Faculdade Nacional de Medicina, chefe da clínica de neurologia do Manicômio Judiciário e da Policlínica Geral do Rio de Janeiro, era irmão do médico Afonso Mac-Dowell, professor da Escola Nacional de Medicina. *Diário de Notícias*, 05/04/1949, p. 6.

proletário do espírito”³⁶³. Além disso, a revista publicou a primeira apuração parcial, incluindo os votos dos leitores, e nela Gastão estava em primeiro lugar, com 35 votos, seguido por Jorge de Lima com 28³⁶⁴.

Na semana seguinte, o próprio Gastão, participando da enquete, votou inicialmente em Raul Machado, mas, depois de apontar que este havia dado uma entrevista se dizendo “antiacadêmico”, acabou por indicar Jorge de Lima³⁶⁵. Na mesma edição, Gastão recebeu um voto bastante eloquente, de Mario José de Almeida³⁶⁶, afirmando que ele representava “um novo horizonte no domínio da crítica científico-literária”. Depois de citar vários críticos literários brasileiros de renome, tanto mais antigos como contemporâneos, Almeida apontava que todas as críticas destes eram “menos significativas, à luz da ciência de Freud, do que a crítica reveladora do individualismo que possui em Gastão Pereira da Silva o espírito mais representativo de quantos conheço nos aspectos verdadeiramente reveladores da psicanálise”. Assim, a ABL estaria elegendo “um espírito brasileiro de compreensão universal”. Já Guimarães Martins³⁶⁷ voltava a enfatizar a capacidade de trabalho e as dificuldades materiais de Gastão, justificando seu voto por considerar o autor “um autêntico proletário das letras nacionais”, cuja eleição “abriria caminho para tantos outros valores que fazem da pena não somente um ideal, mas também um dos meios mais dignificadores e difíceis entre nós: a profissão de escritor”. Dos vários outros votos para Gastão publicados na mesma seção, destacamos o de Gabriel Pinheiro, “operário”, por demonstrar a dimensão prática e popular que a obra do autor possuía: “Voto em Gastão Pereira da Silva porque um dia tive um sonho muito feio. Fiquei impressionado. Dias depois comprei um livro intitulado *Como se interpretam os sonhos* e achei a explicação de tudo. Fiz as pazes com minha mulher...”. Na segunda apuração parcial, porém, Jorge de Lima assumira o primeiro lugar, e agora contava com 102 votos contra 98 para Gastão³⁶⁸.

³⁶³ “Quem deve ocupar a poltrona n. 18?”. *Vamos Lêr!*, 06/07/1944, pp. 18-19.

³⁶⁴ *Ibidem*, p. 19. Ver Figura 5, Anexo 3.

³⁶⁵ “Quem deve ocupar a poltrona n. 18?”. *Vamos Lêr!*, 13/07/1944, pp. 22-23.

³⁶⁶ Cronista e escritor, autor de um livro intitulado *Jornal de Sherlock Holmes*. No prefácio a esta obra, publicado pela *Gazeta de Notícias* em 1946, José do Patrocínio Filho diz que Almeida havia participado de um curso de formação em criminologia, e que posteriormente trabalhara na Seção de Roubos e Furtos da Inspetoria de Investigações da Polícia: “e foi aí no convívio diário com o *Uomo delinquente* que Mario José de Almeida colheu as notas que este volume enfeixa”. Ver PATROCÍNIO FILHO, José do. “Prefácio”. *Gazeta de Notícias*, 20/01/1946, p. 8, grifo do autor.

³⁶⁷ Embora não se identificasse para a revista, Guimarães Martins era ator, tendo trabalhado especificamente para a companhia de Procópio Ferreira, à qual Gastão esteve ligado desde a década de 1930, como expomos no capítulo 3. Martins, de origem maranhense, também trabalhava na imprensa carioca como encarregado de publicidade comercial. Ver *A Noite*, 10/12/1941, p. 2; *Dom Casmurro*, 02/05/1942, p. 3.

³⁶⁸ “Quem deve ocupar a poltrona n. 18?”. *Vamos Lêr!*, 13/07/1944, pp. 22-23.

Na matéria publicada na terceira semana³⁶⁹, vários dos entrevistados novamente votaram em Gastão Pereira da Silva, utilizando justificativas diversas, alguns enfatizando mais o aspecto “científico” de sua produção, enquanto outros destacavam mais seu lado de escritor e artista, e alguns apontavam os dois aspectos em igualdade de importância, como Restier Junior³⁷⁰, que mencionava “o valor incontestável de sua obra científico-literária”. Também Edmundo Moniz afirmava que Gastão era “simultaneamente um homem de ciência e de letras”, mas além disso um pensador inovador e independente, “livre dos falsos preconceitos e um partidário das grandes revoluções dos costumes e do pensamento”, que muito contribuíra para divulgar a “obra revolucionária” de Freud; assim, caso ele fosse eleito para a ABL, “poderia participar da vanguarda mais avançada do pensamento renovador”. Eloy Cordeiro³⁷¹ afirmava que Gastão “divulgou no Brasil uma ciência que até então era quase desconhecida”, apontando, porém, que, do conhecimento da psicanálise, “muito tem lucrado a arte entre nós”. Já Augusto Maurício, apresentado como “crítico teatral”, dizia reconhecer em Gastão “um dos maiores intelectuais modernos”. Duas atrizes também votaram em Gastão, evidenciando sua popularidade entre a classe artística: Nelma Costa chama-o de “cientista do povo” e Ítala Ferreira³⁷² justifica seu voto apenas pela autoria da obra *Os bichos amam assim*. Na mesma edição, Fernando Levisky³⁷³ resumiu as múltiplas atividades do candidato, utilizando uma metáfora médica: “Gastão Pereira da Silva soube reunir com felicidade de um médico festejado, numa receita da moda, todos os ingredientes da farmacopeia, amalgamando qualidades de esculápio, cientista, escritor, repórter, cronista, destilando o precioso elixir da sua sabedoria em conta-gotas de psicanálise”. Levisky acrescentava que, “embora de aparência serena”, o trabalho intelectual de Gastão era “intenso, vibrante, veloz”. No entanto, na terceira apuração dos votos enviados à revista, Raul Machado assumira a liderança, com 178 votos. Gastão estava em segundo, com 168 votos, seguido por Jorge de Lima, com 131 votos³⁷⁴.

Na quarta semana de pesquisa em *Vamos Lêr!*, continuaram a aparecer muitos votos para Gastão vindos de artistas: Jayme Costa³⁷⁵, identificado como ator, e Grace Moema e

³⁶⁹ “Quem deve ocupar a poltrona n. 18?”. *Vamos Lêr!*, 20/07/1944, pp. 14-15.

³⁷⁰ Restier Junior, embora não se identificasse na enquete, era ator da companhia de teatro de Procópio Ferreira, tendo participado, em 1941, da montagem de uma peça de Goldoni, *O inimigo das mulheres*, cuja versão para o português havia sido feita por Gastão Pereira da Silva. Ver *A Noite*, 20/02/1941, p. 6.

³⁷¹ Eloy Cordeiro é referido nos jornais da época como censor, trabalhando no departamento público que censurava músicas e peças de teatro, entre outras produções. Ver *Diário Carioca*, 16/03/1941, p. 14.

³⁷² Atriz de teatro, participou de um espetáculo em 1940 em homenagem ao ministro da Educação Gustavo Capanema. Ver *A Noite*, 05/04/1940, p. 7.

³⁷³ Escritor, autor do livro *Espectros da intolerância*. Foi diretor da revista *Dom Casmurro*, em que Gastão escreveu, em São Paulo.

³⁷⁴ “Quem deve ocupar a poltrona n. 18?”. *Vamos Lêr!*, 20/07/1944, pp. 14-15.

³⁷⁵ Também participou do espetáculo de 1940 citado na nota 372.

Hortência Silva, identificadas como atrizes, votaram no autor, com justificativas diferentes, sendo que apenas o primeiro fez referência aos seus “trabalhos ligados à literatura teatral”³⁷⁶. Um voto curioso foi o de D’Almeida Victor³⁷⁷, que dizia que “é difícil escolher entre dois amigos, entre dois admirados”, e acaba afirmando que, “de sã consciência, partiria a cadeira 18, dando uma banda pro Jorge de Lima e outra pro Gastão Pereira da Silva”. Os outros votos para Gastão mencionam sua obra *Doentes célebres* e sua “bagagem literária” como sendo fatores de decisão. Na quarta apuração parcial, Gastão voltou a estar na liderança, com 415 votos, mais do dobro do segundo colocado, Jorge de Lima, que tinha 197 votos³⁷⁸.

Na semana seguinte, temos o voto sucinto de Bibi Ferreira, atriz e filha de Procópio Ferreira³⁷⁹, que diz que Gastão “merece as honras da imortalidade”³⁸⁰. Outra figura notória ligada ao meio artístico a votar foi o ator e diretor de cinema e de teatro Raul Roulien (1905-2000), que fez uma comparação grandiloquente com o evento do Forte de Copacabana, em 1922: Gastão era uma “forte expressão de combate cerebral, que, na objetividade dos feitos indígenas ainda não olvidados pela nacionalidade, vive corporificado nos 18 do Forte”. Ramayana de Chevalier³⁸¹, em um longo voto, apontava os sacrifícios que Gastão teria feito: “tão sofredor”, “tão proletário”, “um herói da persistência litero-científica”, “um lutador”, “um campeão do combate literário”, Gastão “vive dos livros”, “persegue miragens improváveis pela mão pergureira³⁸² dos livros”, e, portanto, merecia agora ser “condenado” aos “doces sacrifícios do fardão”. A seguir, defendia a candidatura de Gastão com o argumento de sua origem social diferente da maioria dos acadêmicos: “a Academia tem sido um convescote de aristocratas cerebrais”, “estou votando num igual a nós, um artista da pena, que tem ‘pena’ daqueles que não tem ‘pena’ deles”, alguém a quem “o talento e a literatura deram o privilégio de poder sustentar, honesta e dificilmente, aos seus filhos”. Lucidio da Costa Lobo Filho³⁸³ chamava a atenção para o aspecto moral da obra de Gastão: com a psicanálise, o autor estava contribuindo “para a formação de uma sadia mentalidade no Brasil”. Para Alvaro Ladeira³⁸⁴, na “grandiosa obra” de Gastão “se define o ‘documento humano’, entre transfigurações puras de pensador, de

³⁷⁶ “Quem deve ocupar a poltrona n. 18?”. *Vamos Lêr!*, 27/07/1944, pp. 38-39.

³⁷⁷ Neste número da revista, é referido como D’Almeida Junior, mas na edição seguinte foi publicada uma errata. Era jornalista e “conhecido escritor”, de acordo com o jornal *A Noite*, 25/07/1940, p. 4.

³⁷⁸ “Quem deve ocupar a poltrona n. 18?”. *Vamos Lêr!*, 27/07/1944, pp. 38-39. Ver Imagem 6, Anexo 3.

³⁷⁹ Sobre as relações entre Gastão e Procópio Ferreira, ver subcapítulo 3.3.

³⁸⁰ “Quem deve ocupar a poltrona n. 18?”. *Vamos Lêr!*, 03/08/1944, pp. 30-31.

³⁸¹ Escritor amazonense. Ver *O Correio Paulistano*, 31/05/1942, p. 3.

³⁸² Pegureiro: pastor, guardador de gado.

³⁸³ Diretor-gerente da empresa Segurança do Lar Ltda., que era uma “sociedade imobiliária de sorteios mensais”. Ver *A Noite*, 11/10/1942, p. 2.

³⁸⁴ Escrevia sobre literatura e arte para jornais e revistas, como *A Gazeta de Notícias* e *Debate*. Ver *Gazeta de Notícias*, 12/03/1944, suplemento, p. 1.

filósofo e crítico”. Suzana Negri³⁸⁵ considerava Gastão “um dos autênticos escritores do Brasil”, enquanto Newton Araújo ressaltava sua popularidade: “se o ingresso à Academia Brasileira de Letras dependesse de um plebiscito, já de há muito lá estaria Gastão Pereira da Silva”. Essa popularidade era decorrente dos “ensinamentos úteis” que vinham de suas várias obras, escritas em “estilo fácil, agradável e escoreito”. Como que confirmando o que Araújo havia escrito, Gastão continuava com larga liderança na enquete da revista, agora com 767 votos, contra 401 de Jorge de Lima, na segunda colocação³⁸⁶.

Na sexta semana da enquete, foram vários os votos de pessoas ligadas ao meio artístico em favor de Gastão: Luiz Peixoto, Daniel Rocha, Eurico Silva e Freire Junior, teatrólogos; Armando Louzada, escritor radiofônico, e Dora May, cantora, que afirma que ele “é um escritor que nos seus trabalhos nunca se esquece da música”³⁸⁷. Um votante que assina Bruno Mariano, sem qualquer identificação profissional, apresenta seu “modesto voto” para Gastão, considerando-o “o escritor brasileiro mais humano da nossa terra”. Defendendo que Gastão “está a par da ciência e da história antiga e moderna como nenhum outro entre nós”, Mariano afirmava que “dentro de poucos anos”, ele seria um “dos autores mais citados”, apesar de escrever em português, língua “que foi chamada de túmulo”. A seguir, comentava vários dos livros de Gastão a partir de sua utilidade prática:

Com pena do homem que não sabe edificar a paz do seu lar, escreveu *Os bichos amam assim*; para que ele acorde em tempo de se salvar das crises íntimas com repercussão na vida alheia, fez *Para compreender Freud*; para que ele se saia sempre magnificamente do risonho mundo do sono, traçou *Como se interpretam os sonhos*; e afim de dar aos pais a faculdade absoluta de construir a sua felicidade na felicidade daqueles que possuem o seu próprio sangue, cinzelou *Conheça seu filho*³⁸⁸.

Curiosamente, embora a maioria dos votos destacados pela revista seja para Gastão, nesta ocasião Jorge de Lima voltou a estar à frente na enquete, com 977 votos, 25 a mais do que os para Gastão³⁸⁹.

A semana seguinte foi a última em que a enquete foi publicada³⁹⁰. Desta vez, a revista publicou votos mais curtos e sucintos, em uma quantidade bem maior do que nas outras semanas. Mais uma vez, os votantes identificados com a classe artística votaram em Gastão:

³⁸⁵ Atriz de teatro, também participou do espetáculo de 1940 citado acima, na nota 372.

³⁸⁶ “Quem deve ocupar a poltrona n. 18?”. *Vamos Lêr!*, 03/08/1944, pp. 30-31.

³⁸⁷ “Quem deve ocupar a poltrona n. 18?”. *Vamos Lêr!*, 10/08/1944, pp. 46-47.

³⁸⁸ *Ibidem*.

³⁸⁹ *Ibidem*.

³⁹⁰ “Quem deve ocupar a poltrona n. 18?”. *Vamos Lêr!*, 17/08/1944, pp. 50-51.

Palmeirim³⁹¹, Armando Rosas e Aristóteles Pena, atores, e Norma de Andrade, atriz. Aldo Calvet³⁹² usou a mesma expressão que Ramayana de Chevalier empregara, duas semanas antes: “Gastão é uma das maiores, senão a maior expressão *litero-científica* do momento”³⁹³. Vários dos votantes elogiam as qualidades literárias da obra de Gastão; destes, apenas Paulo Vaz de Miranda cita a psicanálise, mesmo assim chamando-a de “difícil arte” que Gastão difundiu, “com grande oportunidade”. O voto da atriz Norma de Andrade resume um dos principais motivos alegados pelos que votavam em Gastão, sua vasta produção tanto no campo literário como no científico, ao mesmo tempo em que cita a carta de Freud como fonte de legitimidade do autor: “Conheço a obra literária e científica de Gastão Pereira da Silva. (...) [Ele] tem abordado todos os assuntos sempre com brilho e renovação de inteligência. Freud consagrou-o numa carta significativa. Só por isso merece os lauréis da imortalidade”. Na última apuração parcial, Gastão voltava a estar na frente, com 1.438 votos, contra 1.339 para Jorge de Lima³⁹⁴.

Apesar da vitória na enquete promovida por *Vamos Lêr!*, Gastão não chegou a concorrer à cadeira. Alguns dias antes da votação na ABL, ele renunciou à sua candidatura em favor de Jorge de Lima³⁹⁵. Na eleição, que ocorreu no dia 21 de setembro de 1944, nenhum dos candidatos conseguiu obter o número de votos necessário para ser eleito: em votações sucessivas, Jorge de Lima, Bastos Tigre e Raul Machado foram os candidatos que obtiveram mais votos, mas sem que nenhum deles conseguisse o quórum de 50% mais um voto³⁹⁶. Dos dez nomes inscritos inicialmente, sete candidatos participaram da votação. O impasse, com a presença de três candidatos “fortes e intransigentes”, segundo um acadêmico não identificado³⁹⁷, só seria resolvido em 4 de outubro de 1945, quando Peregrino Junior (1898-1983), que não estava inscrito para o pleito do ano anterior, foi eleito para a cadeira 18³⁹⁸. Não apenas Gastão Pereira da Silva como nenhum dos outros candidatos de 1944 jamais foi eleito para a ABL. No entanto, a enquete promovida por *Vamos Lêr!* nos permite perceber a grande popularidade de Gastão entre vários segmentos dos leitores da revista. A pesquisa revelou que mesmo os entrevistados que não se identificavam profissionalmente à revista e votavam em Gastão eram majoritariamente dos meios artístico, em especial o teatral, e jornalístico, o que é

³⁹¹ Identificado como Palmeirim Silva, também participou do espetáculo citado na nota 358.

³⁹² Autor de peças de teatro como *Katalina*. Ver *Diário Carioca*, 15/04/1945, p. 6.

³⁹³ “Quem deve ocupar a poltrona n. 18?”. *Vamos Lêr!*, 17/08/1944, pp. 50-51, grifo meu.

³⁹⁴ *Ibidem*.

³⁹⁵ *A Noite*, 13/09/1944, s.p.

³⁹⁶ *A Noite*, 22/09/1944, s.p.

³⁹⁷ *Ibidem*.

³⁹⁸ ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. “Peregrino Junior, biografia”. Disponível em <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=292&sid=208>.

mais uma indicação forte da popularidade e projeção do autor nesses meios, muito mais do que nos meios médico ou acadêmico.

Embora não tenha entrado para a ABL, Gastão foi membro de outras academias, de caráter mais regional. Ele tomou posse como membro da Academia Cristã de Letras, em São Paulo, em 1974. Esta instituição existe até hoje em dia, como revelam as notícias sobre posses recentes de membros³⁹⁹, embora não tenha sido possível ainda encontrar muitas referências sobre ela. Gastão também foi membro da Academia Carioca de Letras, ocupando a cadeira 16, cujo patrono é França Junior, embora não tenhamos a informação da data de sua admissão⁴⁰⁰.

2.5. Outros meios de divulgação da psicanálise

Desde a década de 1920, a radiodifusão ganhava popularidade no Brasil: Edgar Roquette-Pinto afirmava que, em 1927, “cerca de 30.000 residências tinham equipamento receptor de rádio e aproximadamente 150.000 pessoas ouviam a Rádio Sociedade⁴⁰¹ diretamente”⁴⁰². Gastão já participava de programas de rádio sobre psicanálise pelo menos desde 1933, quando falou sobre o tema “psicanálise e suas inúmeras aplicações” na Rádio Educadora do Brasil⁴⁰³. É no final da década de 1940, porém, que seu trabalho no meio radiofônico se intensifica. É quando passa a trabalhar na Rádio Nacional, para a qual escreveu o roteiro de várias radionovelas e de programas radiofônicos, incorporando de forma intensiva um meio de comunicação de grande penetração popular na época a seu trabalho de divulgação.

A Rádio Nacional, cuja primeira transmissão se deu em 12 de setembro de 1936⁴⁰⁴, criada pelo grupo A Noite, já era uma das emissoras mais populares no Rio no final da década de 1930. Após a estatização do grupo, ela continuou a obter grandes índices de audiência na década de 1940, época em que Gastão passou a trabalhar nela. Em 1941, levou ao ar a primeira radionovela brasileira, e as novelas logo se tornaram os programas mais populares da emissora, estiveram também entre os de maior audiência. Só após o golpe militar de 1964 a Rádio Nacional perderia popularidade⁴⁰⁵.

³⁹⁹ “Discurso de posse do Des. Ricardo Dip na Academia Cristã de Letras, em São Paulo (18-3-2014)”, in <http://fratresinunum.com/2014/03/21/discurso-de-posse-do-des-ricardo-dip-na-academia-crista-de-letras-em-sao-paulo-18-3-2014>. “Discurso de posse na Academia Cristã de Letras”, in [http://www.gandramartins.adv.br/project/ivesgandra/public/uploads/2013/08/09/5b86f84discurso de posse a cl rogerio.pdf](http://www.gandramartins.adv.br/project/ivesgandra/public/uploads/2013/08/09/5b86f84discurso%20de%20posse%20a%20cl%20rogerio.pdf).

⁴⁰⁰ Ver <http://www.academiacariocadeletras.org.br>.

⁴⁰¹ Sobre a Rádio Sociedade, ver o capítulo 1.

⁴⁰² *Apud* MOREIRA; MASSARANI. “Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil”. *op. cit.*, p. 54.

⁴⁰³ *Jornal do Brasil*, 02/02/1933, p. 12.

⁴⁰⁴ AZEVEDO, Lia Calabre de. “Rádio Nacional”. In ABREU, Alzira Alves de (Org.). *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2010.

⁴⁰⁵ *Ibidem*.

Helcio Pereira da Silva cita os seguintes programas de Gastão como tendo sido transmitidos pela Rádio Nacional: “Erros de todo o mundo” (34 scripts), “No mundo dos sonhos” (89 scripts), “As mais lindas histórias de amor” (77 scripts), “As mais belas lendas de amor” (32 scripts)⁴⁰⁶. Quanto às radionovelas, tanto ele quanto o próprio Gastão citam o título de dezenas delas, infelizmente sem sua data de transmissão. Na entrevista de 1985, o autor diz que escreveu “cento e tantas novelas na Rádio Nacional, todas elas com fundamento psicanalítico”, e que elas foram apresentadas durante 23 anos⁴⁰⁷. Sua utilização do rádio como ferramenta de divulgação da psicanálise de âmbito nacional está de acordo com o pensamento de Roquette-Pinto, “um dos maiores defensores da radiodifusão educativa no Brasil”⁴⁰⁸, que considerava que “o cinema e o rádio no Brasil são a escola dos que não tiveram escola”⁴⁰⁹.

Outro método de difusão da psicanálise utilizado por Gastão, durante a década de 1950, foi a instituição de um curso de psicanálise por correspondência. Em *25 anos de psicanálise*, são transcritos os textos com os quais o curso era apresentado, iniciando-se com esta afirmação, que resume também os outros meios de divulgação utilizados:

Não temos outra intenção senão continuar a divulgar a Psicanálise entre nós, como vimos fazendo, aliás há mais de vinte anos, através do livro, do teatro, do rádio, de artigos em revistas e jornais, e agora por meio do nosso curso de correspondência, que foi aceito com ampla simpatia e interesse por todos quantos dele têm tido conhecimento⁴¹⁰.

A seguir, o autor afirma que o curso é “elementar”, sendo acessível a pessoas de vários graus de instrução, “pois os temas básicos e fundamentais de nossas lições são tratados de maneira fácil e acessível a qualquer um”⁴¹¹. Segundo ele, “esse meio cômodo e eficaz de aprender e instruir-se parece-nos bem mais eficiente que o livro”, pois este, mesmo quando é lido e estudado, se não “entendido pela falta do professor, é posto de lado, o que não acontece aqui, pois o aluno que acompanha as nossas lições é orientado pela correspondência”, além do fato de que o aluno poderia estudar “em sua própria casa, sem obrigações de horários, seja qual for a sua ocupação”⁴¹².

⁴⁰⁶ SILVA. *Gastão Pereira da Silva. De filho para pai. op. cit.*, p. 63.

⁴⁰⁷ SILVA. “Entrevista”. *op. cit.*, p. 4.

⁴⁰⁸ MOREIRA; MASSARANI. “Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil”. *op. cit.*, p. 53.

⁴⁰⁹ *Apud* DUARTE. “Em todos os lares, o conforto moral da ciência e da arte”. *op. cit.*, p. 45.

⁴¹⁰ SILVA. *25 anos de psicanálise. op. cit.*, pp. 185-186.

⁴¹¹ *Ibidem*, p. 186.

⁴¹² *Ibidem*, pp. 187-188.

A principal finalidade do curso era “divulgar a doutrina” psicanalítica. Gastão procura insistentemente desvincular o curso de qualquer função terapêutica ou médica, pois, segundo ele, “a psicanálise, encarada sob o ponto de vista médico, como qualquer outro ramo da medicina, não pode ser feita à distância, pois tratamento proposto por correspondência é charlatanismo”⁴¹³. Assim, ele aponta que, no curso, se ensinaria a psicanálise “aplicada ao conhecimento”, que é “ciência”, e que, assim, “ganha espaço ilimitado em todos os ramos do conhecimento humano”⁴¹⁴. E prossegue o texto com uma justificativa do seu trabalho de divulgação da psicanálise:

Por isso mesmo, a psicanálise é muito mais importante quando abandona o campo limitado da medicina e especula a mente universal, isto é, quando pesquisa o inconsciente das coisas e explica os destinos humanos. Essa é a razão ou motivo da publicação destas páginas e também o núcleo de onde se tem irradiado todo o meu esforço de divulgação⁴¹⁵.

Segundo o autor, o curso obteve sucesso, apesar de contar apenas com “pequenos e raquíticos anúncios em um ou dois jornais diários”⁴¹⁶, tendo permitido que o autor estabelecesse contato com pessoas de localidades distantes, especialmente a partir da propaganda feita por rádio⁴¹⁷. Aqui, Gastão faz a defesa do rádio como o meio de comunicação que alcançava o maior número de pessoas na época, dizendo que estabeleceu contato com pessoas de “lugarejos tão distantes, quanto, até mesmo, desconhecidos dos mapas”, locais “nos quais não existe uma simples agência de correio, mas onde há sempre um rádio a ser ouvido”⁴¹⁸.

Esse trabalho de divulgação da psicanálise através de vários meios é narrado pelo próprio Gastão em seu livro *25 anos de psicanálise*, cuja primeira edição foi publicada em 1959 pela Livraria Império. O livro é descrito como uma espécie de autobiografia, em especial o seu primeiro capítulo, que apresenta comentários feitos pelo autor desde o seu início como “médico no lombo de burro”, passando pelos primeiros contatos com a obra de Freud e indo até a publicação e divulgação de seus primeiros livros. Nos capítulos subsequentes da obra, divididos de maneira temática, fatos biográficos são intercalados com aspectos de teoria psicanalítica e exemplos de casos atendidos pelo autor, muitas vezes de maneira semelhante a seus artigos em revistas. O título do livro demonstra que o caminho de Gastão na psicanálise teria se iniciado

⁴¹³ *Ibidem*, p. 184.

⁴¹⁴ *Ibidem*, pp. 184-185.

⁴¹⁵ *Ibidem*, p. 185.

⁴¹⁶ *Ibidem*, p. 182.

⁴¹⁷ O número de caixa postal fornecido nos anúncios do curso de correspondência (Lapa, n. 15.165) é o mesmo dado como endereço da APPERJ, em 1978 (Ver *ibidem*, pp. III e 182).

⁴¹⁸ *Ibidem*, p. 182.

em 1934, 25 anos antes da publicação da obra. No entanto, como já foi mostrado anteriormente, pelo menos desde 1928 já se pode falar na utilização de elementos psicanalíticos por Gastão em seus textos, e a primeira edição de *Para compreender Freud* é de 1931. Uma possível razão da menção ao ano de 1934 é por ser esta a data da carta de Freud citada anteriormente, na qual diz que cabe a Gastão Pereira da Silva “tornar conhecido o seu nome” no Brasil. Porém, na segunda edição da obra, em 1978, Gastão diz que “fazia, então [em 1959], 25 anos que eu começara a exercer a profissão de psicanalista”⁴¹⁹, o que pode ser tomado como outra explicação do título.

A obra foi reeditada em 1978, pela APPERJ, instituição fundada e presidida inicialmente por Gastão Pereira da Silva. Algumas partes foram suprimidas (como uma bibliografia que aparecia nas costas da capa da primeira edição, onde dezenas de títulos de radionovelas escritas por Gastão eram citados, sem data), mas foram acrescentados um “proêmio”, escrito por Walbert André Alves⁴²⁰, uma advertência de duas páginas escrita pelo próprio autor e algumas páginas no final que falam da APPERJ. Outra curiosidade é que o título original foi mantido, embora a referência aos 25 anos já não fizesse mais sentido, como o próprio autor reconhece: “os ‘25 anos de psicanálise’ — que já não são 25 anos e sim 30, ou mais”⁴²¹.

Segundo o autor, a primeira edição da obra foi um grande sucesso de vendas, pois “a edição de dez mil exemplares esgotou-se rapidamente”⁴²². No entanto, o editor não teria tido interesse em lançar uma segunda edição; Gastão afirma não entrar “no âmago dos motivos que o levaram a tomar essa iniciativa”. Mesmo com o autor tendo conseguido a liberação da obra e a encaminhado a um outro editor, a segunda edição não fora publicada, “em virtude de falência, ou coisa parecida”. Assim, o livro teria ficado “engavetado” até o ano de 1978, quando “surtiu (...) a oportunidade, não porque eu a procurasse, mas por proposta da Associação Profissional dos Psicanalistas do Estado do Rio de Janeiro, que tomou a si o encargo de publicar a 2ª. edição”⁴²³.

Prosseguindo na “Advertência”, o autor se refere à obra *Para compreender Freud* como o trabalho que “abriu ao grande público o conhecimento da Psicanálise, até então fechada ao leigo e só conhecida entre os ‘magister dixit’”⁴²⁴. Gastão usa aqui a mesma expressão do texto “Nós, os charlatães...”, se referindo aos mestres acadêmicos que concentravam a divulgação da

⁴¹⁹ *Ibidem*, p. VII.

⁴²⁰ Seu nome está entre os dos sócios fundadores da APPERJ (*Ibidem*, p. 285).

⁴²¹ *Ibidem*, p. VII.

⁴²² *Ibidem*.

⁴²³ *Ibidem*, pp. VII-VIII.

⁴²⁴ *Ibidem*, p. VIII.

psicanálise no país. A seguir, Gastão reafirma ter sido “o primeiro divulgador da Psicanálise no Brasil, reconhecido por Freud em carta tantas vezes publicada” e indica as resistências que teve de enfrentar por se estabelecer como “psicanalista independente”. O autor finaliza o texto mais uma vez recorrendo a Freud como fonte de legitimação, dizendo que se sente bem porque compartilha “o pensamento de Freud, quando disse que a Psicanálise não é privilégio de médicos e psiquiatras, mas de todos quantos dela, a Psicanálise, tomam conhecimento e a praticam” e criticando os “inovadores da doutrina, os quais não sabem mais o que inventar para falsificar os postulados inamovíveis do criador genial do inconsciente”⁴²⁵.

A mesma década de 1970 na qual Gastão Pereira da Silva lançou a segunda edição de *25 anos de psicanálise* e fundou a APPERJ é considerada por alguns trabalhos sobre a história da psicanálise brasileira como o auge da popularização desta técnica, especialmente entre as classes médias urbanas de cidades como o Rio de Janeiro. Jane Russo denomina a época de “busca desenfreada do divã” e relaciona esse processo com as políticas econômicas promovidas pelo regime militar que governava o país desde 1964⁴²⁶. Estas políticas produziram, por meio do chamado “milagre econômico”, uma considerável ascensão social desses setores médios, o que levou a mudanças no estilo de vida e distanciamento de valores anteriores por parte desses grupos sociais⁴²⁷. Isso, portanto, teria favorecido um processo chamado pela autora de “psicologização” dos sujeitos:

O desenraizamento com relação ao meio de origem e o contato com valores emergentes na sociedade industrial moderna levam ao questionamento e, no limite, à *desestabilização* dos modelos tradicionais de família, de masculinidade, de feminilidade, de respeito aos mais velhos etc. A ‘psicologização’, ou a volta para dentro de si mesmo, pode ser interpretada como uma busca ‘dentro de si’ do que antes estava ‘fora’ — parâmetros, regras, orientação⁴²⁸.

Assim, essa “psicologização” se caracterizaria pela “interiorização dos conflitos e da opressão”, o que explicaria ter sido contemporânea de um regime político ditatorial⁴²⁹. Embora a análise de Russo se refira inicialmente ao período do regime militar brasileiro, consideramos que alguns aspectos dessa “psicologização” da sociedade podem ser tributários ao trabalho de divulgação de Gastão Pereira da Silva, ainda na década de 1930, como a valorização do autoconhecimento e de fenômenos mentais internos como os sonhos, que parecem ter ganho

⁴²⁵ *Ibidem*.

⁴²⁶ RUSSO. *O mundo psi no Brasil. op. cit.*, p. 38.

⁴²⁷ *Ibidem*, p. 42.

⁴²⁸ *Ibidem*, p. 43, grifo do autor.

⁴²⁹ *Ibidem*.

espaço considerável na imprensa escrita e radiofônica, adentrando os espaços de fala. Algumas das condições materiais para a ocorrência do fenômeno também podem ser identificadas na década de 1930, como o aumento da urbanização e a modernização tecnológica, através, por exemplo, do avanço da radiodifusão.

Neste capítulo vimos como o estabelecimento de uma grande rede de contatos criou as condições materiais para que Gastão Pereira da Silva desenvolvesse seu trabalho de divulgação da psicanálise. Escrevendo em várias revistas de variedades; publicando livros, às vezes no mesmo ano, por várias editoras diferentes; sendo membro da ABI; concorrendo à ABL, Gastão construiu uma imagem de trabalhador incansável, que utilizava todas as possibilidades a seu alcance para tentar transmitir sua mensagem. Reconhecido por muitos como um dos maiores especialistas em psicanálise do país, mas sempre fora das sociedades oficiais de psicanálise, ele continuou buscando outros meios de difusão de seu pensamento, como o curso por correspondência e os programas radiofônicos, até, em 1959, poder narrar a história de sua carreira como um marco importante da própria história da psicanálise carioca e brasileira.

Capítulo 3

“O cientista do povo”: Gastão Pereira da Silva e a divulgação da psicanálise em *O Malho*

Voto em Gastão Pereira da Silva pelo seu grande triunfo divulgando a psicanálise entre nós. Ele é o cientista do povo⁴³⁰.

Neste capítulo, discutimos produções mais específicas de Gastão Pereira da Silva, na revista *O Malho*. Apresentamos inicialmente a revista, buscando colocá-la no contexto mais geral da imprensa da época em que Gastão escrevia nela. A seguir, discutimos o conteúdo de algumas das publicações do autor em *O Malho*, separadas pelos temas mais frequentemente tratados. Um dos artigos, “Nós, os charlatães”, merece um subcapítulo à parte, pois nele Gastão reivindica para si o papel de divulgador da ciência, comparando-se a vários autores norte-americanos e ingleses, e afirma que foi considerado charlatão por ter buscado divulgar a psicanálise para os leigos. Consideramos que esse artigo é uma espécie de síntese das publicações do autor em *O Malho*.

3.1. A revista *O Malho*

No ano de 1936, Gastão Pereira da Silva começou a publicar artigos na revista *O Malho*. A seguir, analisaremos mais detidamente essa produção do autor.

A revista *O Malho* começou a ser publicada no Rio de Janeiro em 20 de setembro de 1902, fundada por Luís Bartolomeu de Souza e Silva⁴³¹, que já era diretor do jornal *A Tribuna*⁴³². Durante as primeiras três décadas do século XX, caracterizou-se pela sátira política, com muitas ilustrações, inaugurando “uma fase de predominância da caricatura em substituição à era do desenho humorístico” de revistas anteriores⁴³³. Nessa época, a revista publicou os trabalhos de alguns dos mais importantes ilustradores brasileiros da época, como Angelo Agostini, Nássara e J. Carlos, que foi diretor da revista, de 1918 a 1930, juntamente com Alvaro

⁴³⁰ Nelma Costa, in “Quem deve ocupar a poltrona n. 18?”. *Vamos Lêr!*, 20/07/1944, p. 14.

⁴³¹ “O Malho”. In ABREU, Alzira Alves de; PAULA, Christiane Jalles de (Coord.). *Dicionário da política republicana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora FGV/CPDOC, 2014, p. 729.

⁴³² O jornal *A Tribuna* foi fundado em 1890, no Rio de Janeiro, por Antônio de Medeiros, após a publicação anterior *A Tribuna Liberal*, de 1888, ter sido fechada. A redação da nova *A Tribuna* foi empastelada em novembro de 1890, por ser favorável à monarquia. Ver SODRÉ. *História da imprensa no Brasil*. *op. cit.*, p. 254.

⁴³³ “O Malho”. *op. cit.*, p. 730.

Moreyra⁴³⁴. Em 1929 a revista combateu a candidatura à presidência de Getúlio Vargas⁴³⁵. Como consequência, após o movimento revolucionário de 1930 tomar o poder, teve seu prédio incendiado⁴³⁶, deixando de circular por alguns meses⁴³⁷. Nesta época, a revista, de periodicidade semanal, era publicada pela S. A. O Malho, tinha como seu diretor-gerente Antonio A. de Souza e Silva, e como redator chefe Oswaldo de Souza e Silva. Sua redação e administração estavam localizadas na Travessa do Ouvidor, n. 21, no centro da cidade do Rio de Janeiro. A maior parte dos trabalhos acadêmicos que foram escritos sobre *O Malho* concentra-se na análise deste seu primeiro período de existência, até deixar de circular em 1930⁴³⁸, quando a revista, na Velha República, “foi uma das mais prestigiosas revistas de crítica” do país⁴³⁹.

Em 1931, *O Malho* voltou a ser publicado. Mantendo a numeração anterior, apresentava poucas alterações na parte administrativa. O diretor continuava a ser Antonio A. de Souza e Silva, e apenas o endereço da redação da revista mudara, passando a ser na rua da Quitanda, n. 7, mesmo assim bastante próximo geograficamente do endereço anterior⁴⁴⁰. Com um número menor de páginas por edição em relação à fase anterior, a revista passou a se concentrar mais na publicação de pequenos contos, notícias culturais, colunas e anúncios destinados ao público feminino, com ilustrações desenhadas especialmente para a publicação, que em muitos casos ocupavam a maior parte da página. Nesta segunda fase, a revista foi publicada até 1956. Em 1933, *O Malho* passou a ser impressa em “off-set” e “rotogravura”⁴⁴¹, o que é apontado como uma “radical transformação”, e mudou de dia de distribuição, dos sábados para as quintas-feiras⁴⁴². Na edição seguinte, reiniciou sua numeração, mantendo, no entanto, a informação de que a publicação estava no ano 32. Em 1934, o endereço de sua redação passou para a Travessa do Ouvidor, 34. Desde essa época, a revista passou a ter uma seção na qual as cartas e

⁴³⁴ SODRÉ. *História da imprensa no Brasil. op. cit.*, p. 301. Sobre Álvaro Moreyra, ver o capítulo 2.

⁴³⁵ *Ibidem*, p. 371.

⁴³⁶ *Ibidem*, p. 301; CASA DE RUI BARBOSA. “O Malho”. S. d.

⁴³⁷ O último número de 1930 encontrado na Hemeroteca Digital Brasileira é o 1.459, com a data de 30 de agosto; posteriormente, a primeira edição de 1931 tem o número 1.468. Ainda não foi possível encontrar os números intermediários.

⁴³⁸ Por exemplo: DIOGO, Marcia Cezar. *O Rio em revista: a reforma Pereira Passos nas crônicas da Revista da Semana, d'O Malho e da Kosmos*. Dissertação (Mestrado). PUC, Rio de Janeiro, 1999; TENÓRIO, Guilherme Mendes. *Zé Povo cidadão: humor e política nas páginas de O Malho*. Dissertação (Mestrado). UERJ, Rio de Janeiro, 2009; SILVA, Livia Freitas Pinto. “Rui Barbosa e a Campanha Civilista nas caricaturas da revista *O Malho*”. Mariana: Anais do XVIII Encontro Regional de História - ANPUH-MG, 2012.

⁴³⁹ SODRÉ. *História da imprensa no Brasil. op. cit.*, p. 301.

⁴⁴⁰ *O Malho*, n. 1.469, 14/02/1931, p. 4.

⁴⁴¹ Processo de impressão rotativa utilizado na indústria gráfica, que já era utilizado pelo jornal *O Estado de S. Paulo* no final da década de 1920. Ver SILVA, Heber Ricardo da. *A democracia impressa: transição do campo jornalístico e do político e a cassação do PCB nas páginas da grande imprensa, 1945-1948*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009, p. 46.

⁴⁴² *O Malho*, n. 1.588, 27/05/1933, p. 3.

colaborações enviadas para o periódico eram respondidas e comentadas, muitas vezes de maneira jocosa, por alguém que assinava como Dr. Cabuhy Pitanga Neto.

Segundo Nelson Werneck Sodré, “de 1935 a 1945, sob as condições ditatoriais do país”, o periódico tornou-se “apenas noticioso e literário”⁴⁴³. No entanto, podemos perceber nas edições neste período que, além de textos literários e algumas notícias, principalmente sobre eventos sociais e informações culturais, a revista tinha uma série de colunas e anúncios dedicados diretamente ao público feminino. Dentre estas, chama a atenção uma coluna de “Beleza e medicina”, assinada pelo Dr. Pires⁴⁴⁴, que respondia a cartas de um público alvo bem delimitado: “As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre higiene da pele, couro cabeludo, cirurgia estética e demais questões de embelezamento ao médico especialista e redator desta seção Dr. Pires”, com as cartas sendo endereçadas à redação de *O Malho*. O colunista diz que os textos são baseados “na prática dos hospitais de Berlim, Paris e Viena”, mas faz a ressalva de que “não é possível fazermos diagnósticos nem formularmos tratamentos sem o exame pessoal do interessado”⁴⁴⁵.

Embora os primeiros artigos assinados por Gastão tenham saído em 1936, um ano antes seu nome já era mencionado na revista, em uma resenha, assinada por Paulo Gustavo, sobre *Para compreender Freud*, obra da qual estava sendo lançada a quarta edição, pela editora Civilização Brasileira. Alguns trechos da resenha são indicativos de aspectos que eram considerados importantes pelo resenhista e que serviam como recomendação do livro para o público leitor: boas vendas (“só o fato de terem se esgotado as 3 edições anteriores é uma recomendação para a obra”), linguagem simples e didática (“em termos claros, sem palavras rebarbativas”) e popularização da psicanálise para fora do meio médico (a frase que encerra a resenha é “e a Psicanálise deixa de ser um privilégio dos doutores”⁴⁴⁶).

Um outro aspecto que também indicava características do público ao qual a revista se endereçava, predominantemente feminino, é que a resenha ocupava apenas uma coluna de uma página cuja maior parte era destinada a um anúncio de “pílulas virtuosas”, pílulas de “papaína e podofilina”, indicadas para o tratamento de moléstias do sistema digestivo, que, segundo o anúncio, eram causas frequentes de problemas cutâneos em mulheres⁴⁴⁷. Da mesma maneira, um anúncio publicado na edição 175, em 1936, apresenta várias revistas de figurinos, com títulos franceses, indicados para “Costureiras”, com “modelos de bom gosto para Senhoras,

⁴⁴³ SODRÉ. *História da imprensa no Brasil*. op. cit., p. 301.

⁴⁴⁴ Não foi encontrada nenhuma referência sobre o Dr. Pires.

⁴⁴⁵ *O Malho*, n. 175, 08/10/1936, p. 48.

⁴⁴⁶ GUSTAVO, Paulo. Livros e autores. *O Malho*, n. 101, 09/05/1935, p. 8.

⁴⁴⁷ *O Malho*, n. 101, 09/05/1935, p. 8.

Senhoritas e Crianças”, que eram distribuídos exclusivamente no Brasil pela Sociedade Anônima O Malho, que editava a revista⁴⁴⁸. Uma outra coluna da mesma edição da revista apresentava fotos de roupas de “estrelas do cinema”, um ponto em comum com as atuais revistas de celebridades. No entanto, uma coluna publicada com o título de “Filosofia de algibeira”, por Berilo Neves⁴⁴⁹, apresentava uma série de aforismos nem um pouco favoráveis ao público feminino, como: “Para um homem elegante, uma bengala é uma companhia melhor do que uma mulher”, “Se a vida alheia fosse um dentifrício, todas as mulheres teriam bons dentes” ou “Nas mulheres, acha-se mais depressa uma pulga do que a verdade”⁴⁵⁰. Os textos de Berilo Neves provavelmente faziam sucesso, porque quase um ano depois encontramos outra publicação dele em *O Malho* com o mesmo estilo, com frases como “a honestidade é um ponto de vista sobre o qual nunca se sabe qual é o ponto de vista das mulheres”, “o *nada* é uma coisa que não cabe na cabeça de ninguém, a não ser na das mulheres” e “se o pensamento pingasse do nariz, como as lágrimas, as mulheres acreditariam no pensamento”⁴⁵¹.

Também apareciam em *O Malho* conselhos de natureza eugênicos: em 1937, um comentário – publicado na coluna “*Broadcasting em revista*”, de Oswaldo Santiago – do livro *Como escolher uma boa esposa*, do Dr. Renato Kehl, apresentado como o “consagrado autor de *Lições de eugenia* e de *Sexo e civilização*”⁴⁵², afirmava que “moços e moças precisam lembrar-se que quem se casa não deve apenas preocupar-se com os próprios interesses”, mas precisam “cuidar, também, dos interesses futuros da descendência”⁴⁵³. É possível perceber a diferença de tratamento dado pela revista entre Renato Kehl, apresentado como doutor e “consagrado autor”, e Gastão Pereira da Silva, apresentado na resenha de 1935 como senhor e “conhecido escritor”⁴⁵⁴.

⁴⁴⁸ *O Malho*, n. 175, 08/10/1936, p. 2.

⁴⁴⁹ O autor já publicava aforismos pelo menos desde a década de 1920, na revista *Careta*. Segundo o crítico teatral Décio de Almeida Prado, esse estilo “humorístico e cínico”, em que a mulher era sempre “o alvo preferido”, também pode ser encontrado em textos da época de Bastos Tigre e Procópio Ferreira. Ver PRADO, Décio de Almeida. *Procópio Ferreira*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 37. Sobre Bastos Tigre, ver nota 359. Sobre Procópio Ferreira, ver nota 514.

⁴⁵⁰ NEVES, Berilo. Filosofia de algibeira. *O Malho*, n. 175, 08/10/1936, p. 38.

⁴⁵¹ *Idem*. Caco de telha. *O Malho*, n. 218, 05/08/1937, p. 31.

⁴⁵² O médico Renato Kehl (1889-1974) foi, a partir de 1917 e até 1940, o principal nome na propaganda da eugenia no Brasil. Foi um dos fundadores da Sociedade Eugênica de São Paulo (1918) e da Comissão Central Brasileira de Eugenia (1931). Sócio fundador da Liga Brasileira de Higiene Mental em 1922, publicou vários livros sobre eugenia, como os citados no artigo, *Lições de eugenia* (1929) e *Sexo e civilização* (1933). Ver WEGNER, Robert; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Eugenia “negativa”, psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. *História, Ciências e Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, jan.-mar. 2013, pp. 263-288.

⁴⁵³ SANTIAGO, Oswaldo. *Broadcasting em revista*. *O Malho*, n. 190, ano XXXVI, 21/01/1937, p. 6.

⁴⁵⁴ GUSTAVO, Paulo. Livros e autores. *O Malho*, n. 101, 09/05/1935, p. 8.

Os primeiros artigos assinados por Gastão Pereira da Silva na revista foram publicados no ano de 1936. Uma característica digna de nota é que seu nome é apresentado na revista sem qualquer outra informação referente à sua biografia ou sua carreira, como se fosse conhecido o suficiente para dispensar tais questões. A partir da edição 176, com a data de 15 de outubro de 1936, Gastão passou a escrever em uma seção fixa, com o título de “As curiosidades da psicanálise”. Nesta coluna, que inicialmente ocupava uma página inteira da revista com uma ilustração, ele apresentava conceitos da psicanálise de maneira concisa, a partir de exemplos tirados do cotidiano. Das onze colunas “As curiosidades da psicanálise”, as três primeiras falam dos lapsos, a quarta dos sonhos, a quinta é sobre crimes hediondos, a sexta sobre os artistas e a sublimação, a sétima sobre o complexo de Édipo, a oitava sobre o delinquente em psicanálise, a nona sobre religiosidade e o complexo de Édipo, a décima sobre o papel da educação escolar e a décima primeira sobre a educação recebida pelas crianças a partir de suas famílias⁴⁵⁵. O último artigo sob o título de “Curiosidades da psicanálise” saiu na edição de número 225, com a data de 23 de setembro de 1937.

Após esta data, a participação de Gastão passou a ser variada, sem colunas fixas, seu primeiro artigo posterior sendo uma crônica romântica com o título de “Primavera ritmo do amor”, seguido por um dos artigos mais densos sobre psicanálise que ele publicou na revista, “O sentido oculto dos sonhos”. Em 1938, numa lista que a ABI enviou ao Ministério da Viação de todos os seus sócios que estavam “em condições de gozar as regalias mencionadas no decreto n. 23.655, de 27 de dezembro de 1933”⁴⁵⁶, Gastão Pereira da Silva, sócio n. 3.868, é creditado como “redator de *O Malho*”⁴⁵⁷, o que demonstra que o autor declarava como sua principal ocupação jornalística do período a participação na revista.

Porém, é possível perceber que, gradualmente, suas publicações foram deixando de tratar diretamente de questões psicanalíticas ou psicológicas e passaram a ser, cada vez com mais frequência, contos ou crônicas, algumas vezes humorísticos, outras revelando uma observação sensível do cotidiano⁴⁵⁸. A exceção a esta regra ocorreu à época da morte de Freud,

⁴⁵⁵ Todas as colunas são analisadas de maneira mais aprofundada na seção “Textos sobre temas psicanalíticos e psicológicos”, com exceção da quinta e oitava, que são analisadas na seção “Crime e psicanálise”.

⁴⁵⁶ Este decreto, em seu capítulo VI, concedia abatimento de 50% nas passagens de ida e volta “nas estradas de ferro de propriedade da União e por ela administradas, bem como nos navios da Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro” para todos os membros da Associação Brasileira de Imprensa, da União dos Trabalhadores do Livro e do Jornal e das associações de imprensa com sede nas capitais de estados. Ver BRASIL. Decreto n. 23.655, de 27 de dezembro de 1933.

⁴⁵⁷ *Diário Oficial*, 17/08/1938, p. 33.

⁴⁵⁸ Como o artigo Um milagre de Papai Noel. *O Malho*, n. 35, dez. 1942, p. 41. Na mesma época, Gastão continuou escrevendo sobre psicanálise em outras revistas, como *Dom Casmurro* e *Vamos Lêr!*, como mostramos no capítulo 2.

quando três artigos em sequência trataram do fundador da psicanálise: “A herança de Freud”, onde defendia que “Freud morreu pobre” e portanto não tinha “nada de judeu, no sentido depreciativo do vocábulo”⁴⁵⁹; “Não matará!”⁴⁶⁰, onde falava do texto que Freud escreveu sobre a Primeira Guerra Mundial, apontando a guerra como uma descarga dos instintos reprimidos pela civilização⁴⁶⁰, e, por fim, o artigo “A última vontade de Freud”, onde afirmava que Freud morreu decepcionado com a humanidade, e por isso teria pedido para ser cremado⁴⁶¹. A revista *O Malho*, a partir de 1940, tornou-se mensal, e reiniciou sua numeração neste ano.

Gastão posteriormente publicou artigos com elogios a figuras históricas, como Debret (“além de artista, é ainda penetrante psicólogo”) e Santos Dumont (“era – em que se estranhe o paradoxo – um contemplativo, uma autêntica alma de câmera”), e à obra “Brasil, país do futuro”, do escritor, então de mudança para o Brasil, Stefan Zweig⁴⁶². Mas um artigo dessa época bastante significativo para os interesses deste trabalho foi “Nós, os charlatães...”, de outubro de 1941, em que justificou sua posição de divulgador da psicanálise. Outra curiosidade que apareceu na revista foi, na edição de novembro de 1942, um anúncio do consultório de psicanálise de Gastão Pereira da Silva, localizado na Rua do Ouvidor, 183, sala 23.

Entre 1944 e 1951, não foram encontrados artigos de Gastão Pereira da Silva em *O Malho*. Numa pesquisa feita em 1945 sobre as revistas mais lidas no Rio de Janeiro, *O Malho* não aparecia entre as dez mais populares⁴⁶³. A revista, na década de 1950, passou a ter uma seção sobre notícias econômicas, intitulada “Panorama econômico”; a revista também voltou a ser mais política, com vários pequenos artigos, não assinados, falando de atualidades, e a maior parte das charges se referindo aos acontecimentos políticos, tanto nacionais quanto internacionais. Ao mesmo tempo, passou a publicar fotos e notas sobre festas e acontecimentos sociais. Naquela época, Antonio A. de Souza e Silva continuava a ser seu diretor, agora ao lado de Oswaldo de Souza e Silva, e a redação e administração da revista estava situada na Rua Senador Dantas, 15, centro do Rio de Janeiro.

A produção de Gastão Pereira da Silva no periódico pode ser analisada em maior profundidade a partir dos temas mais frequentemente tratados, que podem ser categorizados

⁴⁵⁹ SILVA, Gastão Pereira da. A herança de Freud. *O Malho*, n. 333, 19/10/1939, p. 20.

⁴⁶⁰ *Idem*. Não matará! *O Malho*, n. 336, 09/11/1939, p. 24.

⁴⁶¹ *Idem*. A última vontade de Freud. *O Malho*, n. 5, mai. 1940, p. 23.

⁴⁶² Stefan Zweig (1881-1942), escritor austríaco de origem judaica, foi autor de vários romances, biografias e ensaios e trocou correspondências com Freud. Mudou-se para o Brasil em 1941, ano no qual escreveu o livro *Brasil, o país do futuro*, defendendo que o país teria um futuro brilhante. Suicidou-se em Petrópolis, juntamente com sua companheira, Charlotte Elizabeth Zweig, em 22 de fevereiro de 1942. Ver DINES, Alberto. *Morte no paraíso. A tragédia de Stefan Zweig*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

⁴⁶³ MIRA. *O leitor e a banca de revistas*. *op. cit.*, p. 14.

inicialmente em cinco tópicos: textos sobre temas psicanalíticos e psicológicos propriamente ditos, os episódios de caráter biográfico, as relações entre crime e psicanálise, as crônicas e narrativas fictícias e o artigo “Nós, os charlatães”, cuja relevância justifica sua análise em um tópico separado. A separação entre esses tópicos não é tão clara, pois, mesmo nas narrativas fictícias, Gastão introduzia elementos psicanalíticos. Ela serve, entretanto, por permitir analisar melhor toda a sua produção em *O Malho*.

3.2. Textos sobre temas psicanalíticos e psicológicos

O primeiro texto assinado por Gastão em *O Malho* fala sobre o mito de Don Juan⁴⁶⁴. Citando a obra de Otto Rank⁴⁶⁵, Gastão defendia que “Don Juan nunca existiu”, mas sim era “um símbolo eterno que a literatura de todos os tempos vem escoando, através dos séculos, em páginas e poemas maravilhosos e de pura fantasia para exaltar, em sublimações fascinadoras, os instintos primevos e eróticos do amor”⁴⁶⁶. Ao analisar algumas das primeiras representações do conquistador mítico, como obras espanholas e a ópera de Mozart, Gastão fala das dificuldades de se conhecer as origens de um mito, pois essas lendas “sofrem modificações inúmeras. Multiplicam-se e se desvirtuam. Florescem e frutificam assombrosa e potencialmente, desenvolvidas na trama magnética e misteriosa das forças incoercíveis da imaginação”⁴⁶⁷.

A seguir no artigo, em uma passagem mais direta, o autor aponta que “todos nós amamos”, que “a vida seria curta para transfundir as energias novas do amor”, e que “Don Juan, portanto, deveria ser o símbolo do amor integral”. No entanto, “as agressões do meio social, da moral, da educação” reprimem os “pobres sedutores”, daí a criação de um tipo “ideológico padrão de amoroso imortal”. É neste ponto que o autor faz a segunda citação nominal do artigo, voltando a se referir a uma grande influência para o seu trabalho de divulgação da psicanálise: “Se quiséssemos parodiar Medeiros e Albuquerque, poderíamos indagar: ‘Quem já não despiu, com os próprios sentidos, uma mulher bonita que por nós passou numa *toilette* perfumada’?”.

⁴⁶⁴ SILVA, Gastão Pereira da. Don Juan nunca existiu. *O Malho*, n. 147, 26/03/1936, p. 8.

⁴⁶⁵ Otto Rank (1884-1939), psicanalista austríaco, “foi o único autodidata dos discípulos freudianos da primeira geração” (ROUDINESCO; PLON. *Dicionário de psicanálise. op. cit.*, p. 641). Durante 20 anos, de 1906 a 1925, foi muito próximo a Freud, tendo sido secretário da Sociedade Psicanalítica de Viena, embrião da International Psychoanalytical Association (IPA) em 1910. Foi o primeiro diretor da Internationaler Psychoanalytischer Verlag, editora do movimento psicanalítico, fundada em 1919, da qual Gastão teria se tornado membro correspondente em 1934. Após atritos com Ernest Jones (1879-1958), rompeu com Freud e foi expulso da IPA em 1930. Em seguida, viveu nos Estados Unidos até sua morte poucas semanas depois da Freud, em 1939. Ver *ibidem*, pp. 641-644. Sua obra sobre Don Juan, que Gastão cita aqui, foi traduzida para o português pela editora Machado e Ninitich (ver referências acima) em 1934 (o original em alemão é de 1924).

⁴⁶⁶ SILVA. Don Juan nunca existiu. *op. cit.*

⁴⁶⁷ *Ibidem*.

E continua, empregando termos psicanalíticos: “(...) essa figura de legenda surgiu dos mais fortes desejos humanos, desde que a primeira instância censora dos agrupamentos sociais coibiu, recalçou o lastro incoercível dos instintos selvagens”. A conclusão é que a figura de Don Juan foi embelezada pelos artistas, mas não poderia existir na vida real, pois a “manifestação nua dos desejos cegos torna a vida descolorida no que ela tem de mais nobre e de mais belo – o amor!”⁴⁶⁸ Neste primeiro artigo, Gastão já introduz uma série de termos psicanalíticos, como “instintos”, “censura”, “repressão”, “recalque” e “sublimação”.

No segundo texto, publicado três edições depois⁴⁶⁹, Gastão faz um paralelo entre a situação do café e a do livro no Brasil. A intenção de se referir a aspectos psicológicos fica clara no próprio título do artigo, “Um instante psicológico”. Segundo o autor, entre o café e o livro havia “um traço psicológico bem interessante, senão mesmo humorístico”. Antes de 1930, “o café era, na economia nacional, o que o óleo canforado é nos distúrbios do coração — um alívio seguro, embora transitório”. Mas isso não foi duradouro, diz o autor, empregando outra metáfora com termos médicos, pois “o ouro verde encheu demais as veias econômicas do país e elas estouraram”. Como consequência, as sacas de café passaram a ser queimadas para se valorizar o produto e “o resto toda gente sabe”, diz Gastão. Segundo ele, algo similar aconteceu com os livros no país: “(...) cada um de nós queria saber o que os outros pensavam. E os que pensavam queriam que se soubessem os seus pensamentos. O livro serviu, assim, para esse intercâmbio necessário. O Brasil que não lia, passou a ler, a ler muito, a ler tudo...”. Assim, surgiram livros de “tipos escolhidos” e outros “misturados, simples, com lixo”, como ocorria com o café, e “simbolicamente, queimam-se hoje os livros, como o café é, de verdade, queimado”. Mas o autor introduz um paradoxo na sua comparação, segundo ele possuidor “de certo humorismo amargo”: “é que não foi a quantidade, como à primeira vista parece, o fator da *débaçle*⁴⁷⁰, a causa da ‘falência’, mas, unicamente, a qualidade, o critério da escolha, da seleção, quer do café, quer do livro...” Embora fale que não foi quantidade, mas sim qualidade, a causa do problema, Gastão encerra o artigo com uma citação não creditada de Pero Vaz de Caminha, pois, segundo ele, este tinha razão quando disse que tudo poderia dar-se na terra brasileira: “e dá mesmo. Mas dá demais!”⁴⁷¹ É relevante apontar que, um ano antes, a Livraria João do Rio publicou vários anúncios em jornais com o título de “A fogueira dos livros!!!”, em que livros dos mais variados assuntos, incluindo várias obras de Gastão, eram vendidos com

⁴⁶⁸ SILVA. Don Juan nunca existiu. *op. cit.*

⁴⁶⁹ *Idem*. Um instante psicológico. *O Malho*, n. 150, 16/04/1936, p. 16.

⁴⁷⁰ Derrocada, queda vertiginosa. Em francês no original.

⁴⁷¹ *Ibidem*.

grandes descontos, o que poderia ter relação com este texto do autor se queixando do excesso de livros de má qualidade no mercado brasileiro⁴⁷².

As três primeiras colunas com o título de “As curiosidades da psicanálise” tratavam dos lapsos⁴⁷³. Nelas, já estão presentes algumas das principais características da produção de divulgação de Gastão Pereira da Silva: o uso frequente de exemplos curiosos e didáticos, muitas vezes humorísticos, a centralização em um conceito específico e a reivindicação de um papel de destaque para a psicanálise em relação às “demais ciências”. Na primeira coluna, o autor apresenta os aspectos teóricos do assunto: as “pequenas falhas mentais” que acometem a todos, apesar de “nossa autocrítica, do efeito da ‘censura íntima’, do freio constante da educação e do preconceito sociais”, ocorrem de maneira “independente de nossa vontade, nos gestos e nas atitudes”⁴⁷⁴. Estes lapsos, que “até bem pouco tempo” eram considerados “meras deslembanças, ou simples ausência de memória”, no entanto ganham outro sentido após os “estudos freudianos”. Reiterando o fato de que esses “pequenos acidentes” foram “postos à margem pelas demais ciências”, Gastão aponta que, ao contrário, eles foram “a razão de acuradas observações da psicanálise”, que demonstraram que eles evidenciam “as traições do nosso inconsciente”. A seguir, o autor dá vários exemplos dos lapsos: os dois primeiros, de um presidente da Câmara e um lente⁴⁷⁵ de anatomia, consistiram em trocar uma palavra; a seguir, o de uma senhora que esqueceu o nome do marido de uma amiga, pois sentia antipatia por este marido; uma história sobre Jones⁴⁷⁶, que por duas vezes teve uma carta devolvida por se esquecer primeiramente do endereço e depois do selo, admitindo que tinha má vontade de enviar a carta; e por fim, uma história contada sobre um assassino que se valia de sua posição de bacteriologista para cometer seus crimes, e cometeu um lapso em uma carta que enviou. A conclusão de Gastão é que essas “indiscretas revelações do inconsciente” possuem um “sentido”, pois caracterizariam “uma expressão de protesto patente do nosso eu interior às diversas atitudes por nós assumidas na vida social”⁴⁷⁷.

⁴⁷² Ver nota 313.

⁴⁷³ A primeira delas é: SILVA, Gastão Pereira da. Curiosidades da psicanálise. *O Malho*, n. 176, 15/10/1936, p. 35. Ver Imagem 3, Anexo 3.

⁴⁷⁴ Ver “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana” [1901]. In FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, volume VI.

⁴⁷⁵ Lente era a denominação dada ao professor regente da cadeira universitária. Com a reforma do ensino superior de 1915, ele passou a ser denominado professor catedrático. Ver BRASIL. Decreto n. 11.530. 18 de março de 1915.

⁴⁷⁶ O psicanalista inglês Ernest Jones, autor de uma biografia de Freud em três volumes. Este caso de Jones é narrado em FREUD, Sigmund. “Conferências Introdutórias à Psicanálise”. In FREUD, Sigmund. *Obras completas, vol. 13*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 59.

⁴⁷⁷ SILVA, Gastão Pereira da. Curiosidades da psicanálise. *O Malho*, n. 176, 15/10/1936, p. 35.

Na coluna seguinte, publicada uma semana depois⁴⁷⁸, o autor segue falando dos lapsos. Aponta que “a vida social nos obriga a ser insinceros a cada momento”, o que produz “lapsos comprometedores”, que ele irá apresentar, tanto alguns “bem humorísticos” como “outros mais sérios”. O primeiro exemplo citado se refere a um marido que, embora “muito dedicado à esposa”, costumava ficar brincando com sua própria aliança, o que demonstraria “nesse gesto, em aparência inocente, um desejo oculto e inconsciente do arrependimento de se haver casado... pelo menos no momento...”. A seguir, cita o caso contado por Freud de um químico celibatário que se esqueceu completamente do dia de seu casamento, continuando a trabalhar em seu laboratório⁴⁷⁹. O restante do artigo é composto por vários exemplos, sendo possível perceber que dois deles falam diretamente do comportamento feminino: em um deles, se uma mulher, “num banco de ônibus ou de um bonde”, fica muito preocupada em “não tocar com a perna, ou com o braço, no cavalheiro que vai ao seu lado”, isso indicaria “um desejo inconsciente absolutamente contrário”⁴⁸⁰. O outro exemplo diz que “quando uma mulher, diante de uma vitrina, vê uma carteira bonita e deixa cair das mãos a que usa, encobre o desejo interior de adquirir a outra”. Por outro lado, um exemplo se refere “a uma mulher de enérgico caráter”, que controla o que seu marido deve comer ou beber. Outros dois casos se referem ao costume da época do uso de chapéus pelos homens: em um deles, Gastão se refere a si mesmo, dizendo que quando foi “falar ao microfone” pela primeira vez, ficou “tão encabulado” que, ao deixar o estúdio, levava dois chapéus, o seu e o de outra pessoa que havia pego sem perceber. Na conclusão, mais uma vez o autor reivindica a posição da psicanálise como ciência, que, no entanto, ainda era mal vista pela maioria da população: “Na maioria das vezes, não nos atrevemos a levar a cabo tais interpretações, pois tememos cair na superstição, preferindo, assim, passarmos por cima da ciência...”⁴⁸¹.

A edição seguinte, de número 178, não contém a coluna de Gastão, que volta uma semana depois⁴⁸². Continuando a se referir aos lapsos, “de extraordinária relevância”, o autor no entanto recomenda cuidado com sua análise, às vezes aparentemente fácil. Para ilustrar isso, narra um episódio acontecido com ele mesmo, no qual esqueceu um livro que lhe havia sido dedicado por um amigo em cima de uma mesa, embora estivesse interessado no livro “sob todos os aspectos”. A explicação do autor é que ele sentia “acentuado ressentimento” pelos editores

⁴⁷⁸ *Idem*. Curiosidades da psicanálise. *O Malho*, n. 177, 22/10/1936, p. 18.

⁴⁷⁹ Ver FREUD. “Conferências Introdutórias à Psicanálise”. *op. cit.*, p. 62.

⁴⁸⁰ SILVA, Gastão Pereira da. Curiosidades da psicanálise. *O Malho*, n. 177, 22/10/1936, p. 18. A ilustração da página, de autoria de Luiz Gonzaga, se refere a este exemplo citado.

⁴⁸¹ *Ibidem*.

⁴⁸² *Idem*. Curiosidades da psicanálise. *O Malho*, n. 179, 05/11/1936, p. 15.

da obra, o que teria produzido “certa ideia desagradável” no momento em que viu o livro. A seguir, apresenta um importante aspecto teórico da psicanálise: “ao psicanalista, cabe uma rigorosa crença no determinismo da vida psíquica. Nada há para ele insignificante ou desprovido de sentido, ainda que não seja possível uma explicação racional”. Segundo ele, “a psicologia não suspeitara até o momento atual de fenômenos do gênero que vimos estudando”. Isso teria permitido à psicanálise estender seu campo de estudo, “ampliando as pesquisas do psiquismo normal e doente e conquistando para a psicologia acadêmica novos domínios até então desconhecidos”. Como prova disto, cita um caso contado por Franco da Rocha, no qual um juiz descobriu que um negro vendedor de “quitandas” era criminoso por conta de sua mudança de comportamento⁴⁸³, e a seguir um acontecimento em Portugal, onde o amante de uma atriz famosa, ao receber as condolências no velório da mulher, violentamente assassinada, responde a alguém “com muito prazer”, o que acaba relevando que era ele o assassino. O último exemplo apresentado pelo autor conta a história de um rapaz que esquecera onde guardara um livro dado por sua esposa, em relação a quem sentia ressentimento no momento. Quando este ressentimento passou, encontrou o livro. A conclusão, portanto, é: “Acaso? Mas, responderá Freud, admitir o acaso seria romper com o determinismo natural e perturbar toda a concepção científica do mundo!”⁴⁸⁴.

A quarta coluna introduziu um novo tema: os sonhos⁴⁸⁵. É um dos artigos mais didáticos de Gastão, apresentando o assunto de maneira concisa e clara. Ele inicia o artigo reiterando as dificuldades da vida após o nascimento: “Uma das características mais interessantes da nossa participação com o mundo que nos cerca (...) é a de não podermos suportar a vida de maneira contínua e ininterrupta”. Isto leva a que queiramos, de maneira inconsciente, retornar às condições existentes antes de nascer: “calor, obscuridade e ausência de excitações”. Segundo o autor, “pertencemos ao mundo com uma terça parte de nossa personalidade” e “os dois terços restantes são inexistentes ou como se não houvessem nascido...”. Assim, quando o sono é calmo e repousante, “dizemos, ao abrir os olhos, que acabávamos de nascer”. No entanto, quando temos sonhos desagradáveis, não conseguimos obter o repouso desejado, porque “esses sonhos são produzidos por desejos inconfessáveis e fortemente ‘recaçados’”. Como esses desejos são recaçados pela censura, “nem sempre (...) uma realização de desejos, no sonho, constitui uma causa de prazer”; estes sonhos ruins, ou pesadelos, seriam “a manifestação nua de um desses *desejos indesejáveis*, ou melhor, um conteúdo que escapou à ação da nossa *censura*”. A seguir,

⁴⁸³ A ilustração da seção, novamente de Luiz Gonzaga, se refere a este caso.

⁴⁸⁴ *Ibidem*.

⁴⁸⁵ SILVA, Gastão Pereira da. Curiosidades da psicanálise. *O Malho*, n. 181, 19/11/1936, p. 18.

aponta o caráter simbólico dos sonhos, pois “esses símbolos são disfarces de que se utilizam as ideias, rejeitadas pela consciência, para iludir a nossa *censura íntima* e obter durante o sonho a satisfação negada na vigília”⁴⁸⁶. Prossegue dizendo que Nietzsche teria falado sobre os sonhos como expressão de “estados longínquos da civilização” e introduzindo o conceito de “inconsciente”, nome que Freud deu às “camadas mais profundas do espírito, espécie de subterrâneos da alma humana”. Em relação a esse inconsciente, faz uma comparação negativa com populações de fora dos grandes centros urbanos: “Comparado a uma povoação primitiva, [o inconsciente] é também a região agreste onde reside virtualmente o homem bárbaro, com todos os seus instintos selvagens... Aí estão as tendências mais repulsivas e degradantes da espécie humana”. E o autor então faz algumas perguntas, procurando aproximar o tema da experiência cotidiana:

Quantas ideias, sentimentos e sensações estranhas, quanta vontade absurda e quanto desejo indecoroso passam na mente para ser desde logo por nós cerceados na sua finalidade realizadora? Quantas vezes a nossa fantasia concretiza na vida psíquica a realidade exterior em realidade interior? De que seremos nós capazes quando contaminados pela alma coletiva? Quem já não teve sonhos fantásticos, desconexos, imorais e que nos cora a moral de vergonha quando despertamos?⁴⁸⁷

Isto permite ao autor concluir o texto identificando este inconsciente que aparece nos sonhos com “o nosso verdadeiro EU”, e afirmando que “o sonho é por isso uma grande advertência do primeiro ao segundo EU porque é quando dormimos que o inconsciente aflora em toda a sua plenitude”⁴⁸⁸.

A quinta coluna publicada sob o título de “As curiosidades da psicanálise” marcou algumas diferenças em relação às colunas anteriores. O intervalo de publicação entre ela e a coluna anterior foi maior do que os anteriores, de três semanas, e pela primeira vez a coluna não ocupava uma página inteira da revista, embora, com a ilustração que a acompanhava, ainda ocupasse três quartos da página⁴⁸⁹. Já a sexta coluna com o mesmo título fala dos artistas e do processo de sublimação, tendo voltado a ocupar uma página inteira da revista, embora a ilustração neste caso ocupe um espaço maior do que nos artigos anteriores⁴⁹⁰. Escrevendo sobre um tema muito frequente em suas produções, a arte e suas relações com a psicanálise, Gastão inicia a coluna em tom grandioso: “Animado de impulsos extraordinariamente enérgicos, no

⁴⁸⁶ *Ibidem*, grifo do autor.

⁴⁸⁷ *Ibidem*.

⁴⁸⁸ *Ibidem*, grifo do autor.

⁴⁸⁹ *Idem*. Curiosidades da psicanálise. *O Malho*, n. 184, 10/12/1936, p. 37. O conteúdo desta coluna é tratado na seção 3.4, Crime e psicanálise.

⁴⁹⁰ SILVA, Gastão Pereira da. Curiosidades da psicanálise. *O Malho*, n. 190, 21/01/1937, p. 37.

desejo de conquistar honrarias, riquezas e glórias”, o artista, “no misterioso poder de colorir e embelezar a emoção sentida, realiza na vida psíquica o que não pôde conseguir na vida real”. Essa realização permite que o artista obtenha “compensação e consolo de tudo quanto lhe foi inacessível”, acabando por conseguir as tão desejadas “honrarias, riquezas e glórias”. Gastão aponta então a importância da psicanálise, afirmando que “em todas as manifestações da Arte a análise desvenda as modalidades simbólicas inconscientes, as tendências afetivas pessoais, insatisfatoriamente (*sic*) realizadas, com todo o seu mecanismo interior e secreto”. Assim, para o autor, “o artista é quase um neurosico (*sic*). Ele só não sucumbe na neurose, que o levaria talvez ao suicídio, porque possui o dom de transferir às obras de arte as emoções nascidas dos conflitos psíquicos”. Esse dom, essa capacidade é exclusiva do artista: “só ele sabe dar ao devaneio, à música, à frase, a beleza palpitante”, e ele possui tanta força que até “os assuntos mais repugnantes ou angustiosos se revestem de aspectos belíssimos”. No entanto, quando o artista não consegue realizar essa “sublimação de tendências afetivas profundas”, ele “anula-se, ou pode chegar a matar-se” ou então “sofrendo, tem ele no sonho a única realidade da vida”. Isso permite a Gastão concluir o texto com duas frases de efeito: “todo artista é por isso um ébrio da Beleza” e “a obra de arte é, para o artista criador, uma necessidade imperiosa de libertação”⁴⁹¹.

Neste artigo, podemos perceber que o autor retoma alguns elementos das colunas anteriores: a arte, como os sonhos na coluna de número 4, é uma manifestação de desejos inconscientes, muitas vezes violentos ou repugnantes; os dois, a arte e os sonhos, são maneiras de escapar de uma realidade quase sempre insuportável; e, como os lapsos das três primeiras colunas, são aspectos reveladores da realidade do inconsciente de cada um. Outro aspecto a se notar é que Gastão emprega apenas uma vez no texto o termo psicanalítico para o processo de que trata, “sublimação”, o que indica uma utilização de linguagem menos técnica na revista destinada ao grande público.

Na coluna de número 7, publicada duas edições a seguir⁴⁹², o espaço ocupado diminuiu. O texto, juntamente com a ilustração de Luiz Gonzaga⁴⁹³, ocupa apenas dois terços da página da revista, e é possível notar que a quantidade de texto escrita por Gastão caiu em relação às colunas anteriores. O tema neste caso é o complexo de Édipo, apresentado pelo autor inicialmente a partir da tragédia de Sófocles. A seguir, vem a pergunta: “Que pode a tragédia grega revelar à observação psicanalítica?”. A resposta passa pela constatação de que “a criança,

⁴⁹¹ *Ibidem*.

⁴⁹² SILVA, Gastão Pereira da. Curiosidades da psicanálise. *O Malho*, n. 192, 04/02/1937, p. 36.

⁴⁹³ A ilustração mostra um homem retratando em um quadro uma mulher nua.

nos primeiros anos da vida, tem um ciúme tremendo de sua mãe”. Incomodada pela presença do pai, a criança pretende mesmo casar-se com a mãe, ocorrendo o processo de maneira inversa em relação às filhas e os pais. Quando aparecem novos membros na família, o problema se agrava, pois “os filhos maiores veem, no nascimento dos novos irmãos, uma ameaça aos ‘direitos adquiridos’ e, portanto, os acolhem com escassa benevolência”. Isto leva a modificações de atitude e de temperamento nas crianças; portanto, “o lugar que cada filho ocupa em uma família numerosa constitui um importantíssimo fator para a formação de sua vida ulterior e uma circunstância que não se deve esquecer em toda biografia”. Para Gastão, “cada um de nós foi, por si mesmo, uma espécie de Édipo”, no entanto tais características são “subtraídas à consciência pelo caráter inconfessável”. Assim, se o complexo se desenvolve de maneira satisfatória, seus efeitos não são percebidos na vida posterior. Porém, “se não conseguimos nos emancipar, vencendo o sacrifício e deixando de ser criança para nos converter em membro da sociedade, nos tornaremos escravos das mais sérias perturbações de afetividade!”⁴⁹⁴, frase com a qual Gastão encerra o artigo. Em um tratamento bastante resumido do tema, pode-se perceber mais uma vez a ênfase nos aspectos “inconfessáveis” da questão, e a pouca utilização de linguagem técnica, já que a palavra “complexo” é citada apenas três vezes, em duas delas entre aspas, e nunca juntamente com “Édipo”.

Entre a publicação da oitava e da nona coluna “As curiosidades da psicanálise”, passaram-se mais de três meses⁴⁹⁵. Na nona coluna, que continuou ocupando metade da página da revista⁴⁹⁶, Gastão faz referência ao ensaio de Freud, “Uma experiência religiosa”⁴⁹⁷, segundo ele o relato de uma “das mais impressionantes manifestações do inconsciente”⁴⁹⁸. No relato de Gastão, um médico americano escreveu a Freud procurando compreender um fato ocorrido em sua vida que havia lhe produzido “uma das impressões mais fortes de sua vida”. O médico viu, para ser estudado, “em pleno anfiteatro de anatomia (...) o corpo de uma mulher, cuja beleza e serenidade de fisionomia, causava-lhe funda e inesquecível impressão. Aquela mulher, tão bela, de expressão tão meiga, não deveria ser dissecada”. O fato fez o médico questionar sua religiosidade: “Se Deus existisse, ela certamente não viria para a sala de autópsias”. Mesmo tendo questionado suas crenças durante algum tempo, posteriormente “a sua religiosidade venceu-lhe o raciocínio”. Mas aquela lembrança continuava presente em sua mente. Segundo

⁴⁹⁴ SILVA, Gastão Pereira da. Curiosidades da psicanálise. *O Malho*, n. 192, 04/02/1937, p. 36.

⁴⁹⁵ A oitava coluna saiu em 29 de abril de 1937 e a nona apenas em 05 de agosto de 1937.

⁴⁹⁶ Neste caso, a outra metade é ocupada por um artigo de Berilo Neves. Ver acima.

⁴⁹⁷ FREUD, Sigmund. “Uma experiência religiosa”. In FREUD, Sigmund. *Obras completas*, vol. 17. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, pp. 331-336.

⁴⁹⁸ SILVA, Gastão Pereira da. Curiosidades da psicanálise. *O Malho*, n. 218, 05/08/1937, p. 31.

Gastão, “a carta era um grito dilacerante da alma. Chamava Freud de ‘irmão’. Sua pena deslizava em conceitos afetivos profundos, numa explosão incoercivelmente sentimental!” A justificativa de Gastão é a mesma encontrada por Freud: “É que aquele corpo formoso, desnudo, cuja fisionomia serena confundia-lhe os sentimentos mais inconfessáveis, lembrava-lhe a doçura de uma carícia”. O corpo inanimado, na verdade, lhe trazia recordações de sua mãe; como consequência, “a revolta que sentira como uma tenaz reação contra a sua crença religiosa não era contra Deus, mas contra o próprio pai, figura que depois se funde na própria Divindade”. Na conclusão, Gastão cita o “complexo de Édipo”, que define como o “rancor do filho contra a tirania paterna, durante a fase em que os sentimentos contraditórios da criança têm ciúme daquele que desfruta um amor (...) que deveria ser apenas do filho!!!”⁴⁹⁹.

Pode-se perceber uma sequência nas colunas de Gastão, pois, após duas colunas sobre complexo de Édipo, que ocorre no início da infância, o autor passa a se referir à educação e à vida escolar das crianças, já um pouco mais crescidas. Em sua décima coluna “As curiosidades da psicanálise”⁵⁰⁰, Gastão inicia afirmando que as crianças imaginam que os confortos que têm em casa vão durar para sempre, e por isso consideram que a escola será uma continuação disso: “Quando vêm para o colégio, trazem as crianças (...) a ilusão de que a escola é um prolongamento dos ‘folgedos do lar’”. O autor critica o fato de que “as mães”, para estimular as crianças a irem à escola, dizem que “os professores são muito bonzinhos como o ‘papai e a mamãe’”. Para não assustá-las, os educadores tratam com muita bondade as crianças que ingressam na escola, mas, ao fazê-lo, perdem a “força moral necessária” e, como consequência, “tais crianças crescem cimentando um ‘inconsciente’ voluntarioso, narcisista, cujas consequências na formação do caráter são as mais desagradáveis na idade adulta”. A seguir, o autor menciona o efeito das desigualdades econômicas: os meninos mais pobres não recebem a mesma atenção, e isto provoca neles um “complexo de injustiça”, pelo qual eles percebem as diferenças “entre os que ‘possuem’ e os que ‘nada possuem’”. Os castigos, as diferenças de tratamento e de posses entre os alunos, entre outras coisas, produzem “toda uma infinita gama de matizes sentimentais”, que “os educados plasmam no espírito ainda em plena inflorescência, tornando-se aos poucos incapazes para o estudo e adquirindo inúmeros vícios de caráter”. Assim, a escola deixa de ser para eles um jardim da infância e passa a ser “um completo e bem acabado ‘jardim de suplícios’”. Como conclusão, retomando a questão das diferenças entre “o menino pobre” e o “menino rico”, Gastão afirma que ambos, quando crescem, “não podem ser

⁴⁹⁹ *Ibidem*.

⁵⁰⁰ SILVA, Gastão Pereira da. Curiosidades da psicanálise. *O Malho*, n. 221, 26/08/1937, p. 14.

solidários entre si, não podem julgar um ao outro... Cada qual tem uma maneira de ‘ver a vida’⁵⁰¹.

Na décima primeira e última coluna “As curiosidades da psicanálise”⁵⁰², Gastão Pereira da Silva continua a falar sobre a educação infantil, desta vez a partir das histórias contadas pelos pais para seus filhos. Segundo ele, para que as crianças “sosseguem”, os pais criam “histórias terríveis”, utilizando, para efeito de castigo, “lendas”, categoria na qual ele inclui tanto o “papai do céu” quanto “bichos papões”, “lobisomens” e “tutus marambaias”. A consequência disso é que essas histórias “vão edificando um inconsciente entulhado de covardias e fraquezas”, o que produz efeitos inclusive na vida adulta. Para o autor, existem “várias pessoas, cujos complexos reprimidos” na época infantil “o impedem de vencer na vida”, o que se deveria ao fato de serem, em geral, “indivíduos sem iniciativa”, “medrosos, tímidos, covardes, incapazes, numa palavra, de assumirem a menor parcela de responsabilidade”. Assim, mesmo pessoas “capazes” não conseguiriam sucesso na vida, pois não teriam a “coragem precisa para enfrentar situações que eles consideram ‘superiores às suas forças’, demasiado ‘difíceis’”. De acordo com Gastão, isso ocorre por causa de “uma simples fraqueza do inconsciente, mal trabalhado na infância”. A seguir, ele aponta que crenças sobrenaturais também são expressões dessa mesma covardia, pois diz que é comum ouvir de pessoas que não acreditam “em almas do outro mundo”, mas, no entanto, sentem medo de algo que não conseguem explicar; do mesmo modo, “outros, que se julgam ‘materialistas’, levam a chamar por Deus a toda hora...”. Na conclusão, Gastão retoma a principal conclusão do artigo: “o medo, a timidez, a covardia, etc., são fraquezas do inconsciente, cujas raízes psicológicas vamos encontrar na educação desavisada dos próprios pais em relação aos filhos”, e cita Rousseau para defender que “a criança é boa por natureza” e o que a prejudica é a educação “inoportuna” e “coercitiva”⁵⁰³.

3.3. Episódios de caráter biográfico

No quarto artigo assinado em *O Malho*, Gastão Pereira da Silva introduz o tratamento de figuras notórias, do passado ou contemporâneas, geralmente com a narração de episódios curiosos da vida dos personagens tratados. O artigo, de tom humorístico, fala de uma alucinação que o autor teria tido sobre Sócrates e Platão⁵⁰⁴. O autor conta que “procurava não pensar em coisa alguma, quando, no tablado do meu subconsciente, surgiu uma figura austera que eu

⁵⁰¹ *Ibidem*.

⁵⁰² SILVA, Gastão Pereira da. *Curiosidades da psicanálise*. *O Malho*, n. 225, 23/09/1937, p. 32.

⁵⁰³ *Ibidem*.

⁵⁰⁴ *Idem*. *Alucinação*. *O Malho*, n. 159, 18/06/1936, p. 16.

conhecia muito através dos seus ensinamentos e das gravuras antigas em certos livros clássicos”. A figura se identifica como o filósofo grego Sócrates, e demonstra sua mágoa com os acontecimentos: “um dia, quando eu pensei ‘conhecer a mim mesmo’, quando julguei-me credor das mais justas honrarias e recompensas, deram-me cicuta!”. A seguir, Sócrates conclui que nem a verdade existe nem ele mesmo existiu, quando uma outra voz entra na discussão, afirmando claramente o contrário; quando Sócrates pergunta quem era o outro participante, ele responde “Platão”, o que leva Sócrates a não dizer mais nada e desaparecer “em soluços desesperados”⁵⁰⁵. Podemos perceber neste curto artigo um dos primeiros exemplos de um dos temas mais recorrentes no discurso de Gastão: a identificação com uma figura não valorizada pelos seus contemporâneos, que, mesmo julgando-se devedora “das mais justas honrarias e recompensas”, acaba sendo morta ou então condenada ao esquecimento, da mesma maneira que o autor se refere a si mesmo em outros textos.

Na edição 175, sob o título de “A página que Liszt não escreveu”⁵⁰⁶, Gastão se refere a outro episódio que teria acontecido com figuras notáveis: uma anedota segundo a qual Ludwig van Beethoven havia beijado Franz Liszt quando este tinha nove anos e acabara de tocar para uma grande plateia em Viena. Segundo Gastão, Liszt era “predestinado”, pois a “música saltasse dos dedos nervosos, imensa, profunda e grandiosa, sem ele mesmo saber porque”. Gênio precoce, ele desafiava a ciência e complicava “os capítulos da mais profunda psicologia”. O beijo de Beethoven teria sido “um beijo de luz”, representando “a mensagem divina de sua glória!” A conclusão do artigo, justificando seu título, é que, apesar deste episódio ter sido “sem dúvida alguma, o dia mais bonito da vida do grande e genial compositor [Liszt]”, ele não o teria transformado em música: “Oh, como seria bela a partitura lírica do ‘Beijo de Beethoven!’”⁵⁰⁷ Um detalhe curioso é que este mesmo episódio foi tema do último artigo assinado por Gastão em *O Malho*, em 1951⁵⁰⁸, com outro título e texto praticamente idêntico, sendo apenas o último parágrafo diferente: no artigo de 1951, Gastão conclui o texto com o comentário do professor de piano de Liszt, Czerny, dizendo-lhe que, por ter sido beijado por Beethoven, ele se tornaria “melhor pianista do que nós todos”⁵⁰⁹. Mas as mesmas referências à precocidade do gênio desafiando a ciência e a psicologia estão presentes, indicando não ter havido mudança no pensamento do autor a esse respeito após quinze anos.

⁵⁰⁵ *Ibidem*.

⁵⁰⁶ *Idem*. A página que Liszt não escreveu. *O Malho*, n. 175, 08/10/1936, p. 11.

⁵⁰⁷ *Ibidem*.

⁵⁰⁸ *Idem*. O beijo de Beethoven. *O Malho*, n. 140, 09/1951, p. 41.

⁵⁰⁹ *Ibidem*.

Em 1944, Gastão escreveu um texto extenso sobre Francisco Serrador, o criador da Cinelândia⁵¹⁰. Colocado em uma página que tem o título de “Cinearte. O suplemento cinematográfico d’O Malho”, o artigo recuperava os esforços de Serrador como o “precursor do cinema falado entre nós”, através da exibição de filmes, desde 1907, com orquestra e cantores colocados atrás da cortina⁵¹¹.

Desde o início da década de 1930, Gastão participava ativamente do cenário teatral da cidade, tendo parte de sua clientela e grandes amizades, como Procópio Ferreira e Mario Lago⁵¹², se originado deste meio teatral, segundo sua filha⁵¹³. Estudo com base psicanalítica da vida do ator e diretor de teatro Procópio Ferreira⁵¹⁴, então ainda em plena atividade, a biografia escrita por Gastão, *Um para quarenta milhões*, foi um dos livros mais vendidos do autor, que também traduziu várias peças de teatro para a companhia de Procópio ao longo das décadas de 1930 e 1940⁵¹⁵. Outro indicador da amizade que havia entre os dois são as dedicatórias trocadas. No livro *O ator Vasques* (1939), de autoria de Procópio Ferreira, a dedicatória é para Gastão: “Meu querido Gastão Pereira da Silva: Você, que é todo inteligência e bondade, recolha, em seu coração, a memória deste outro homem também inteligente e bom – o nosso grande Vasques⁵¹⁶. Procópio”⁵¹⁷. De maneira correspondente, a quinta edição de *Para compreender Freud* (1940) é dedicada a Procópio: a “melhor homenagem” a um “artista genial – amizade que tanto me orgulha, e que o tempo cada vez mais confirma”⁵¹⁸.

Gastão escreveu vários outros livros biográficos. Em 1937, publicou a biografia de Oswaldo Cruz, cujo título deixa claro as intenções de seu autor de narrar a vida do sanitarista de forma heroica e romanceada: *O romance de Oswaldo Cruz*. Muitas das biografias escritas por Gastão posteriormente tratam de figuras políticas brasileiras: os ex-presidentes da

⁵¹⁰ Francisco Serrador Carbonell (1872-1941) foi um empresário espanhol, construtor de vários cinemas no Rio de Janeiro, que, em 1921, deu início às obras para a urbanização do bairro denominado posteriormente de Cinelândia. Gastão Pereira da Silva publicou uma biografia de Serrador em 1940, pela Editorial Vieira de Melo. Segundo o jornal *A Noite*, todos os exemplares desta biografia foram comprados pela família de Serrador e depois doados para a esposa do então prefeito da cidade, Henrique Dodsworth, para que os livros fossem encaminhados às escolas municipais (*A Noite*, 08/08/1944, p. 5).

⁵¹¹ SILVA, Gastão Pereira da. O precursor do cinema falado entre nós. *O Malho*, n. 49, 02/1944, p. 47.

⁵¹² Mário Lago (1911-2002) foi ator, compositor e radialista, tendo atuado no teatro de revista carioca na década de 1930 e na Rádio Nacional nas décadas de 1940 e 1950, espaços onde provavelmente encontrou Gastão Pereira da Silva.

⁵¹³ RUSSO. Entrevista com Dona Nilza. *op. cit.*

⁵¹⁴ Procópio Ferreira (1898-1979) foi um dos atores cômicos mais populares do teatro brasileiro nas décadas de 1930 e 1940, tendo fundado uma companhia teatral em 1924, para a qual Gastão traduziu várias peças. Ver PRADO, Décio de Almeida. *Procópio Ferreira. op. cit.*

⁵¹⁵ SCHMIDT, Bernardo. “Bibliografia comentada de Procópio Ferreira”. In *O Patativa*, 10/12/2009.

⁵¹⁶ Francisco Corrêa Vasques (1839-1892) é considerado o maior ator cômico brasileiro do século XIX (Ver SCHMIDT. “Bibliografia comentada de Procópio Ferreira”. *op. cit.*).

⁵¹⁷ FERREIRA, Procópio, *apud* SCHMIDT. “Bibliografia comentada de Procópio Ferreira”. *op. cit.*

⁵¹⁸ SILVA, Gastão Pereira da. *Para compreender Freud*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940, p. 5.

República Velha Prudente de Moraes (*Prudente de Moraes, o pacificador*, 1938) e Rodrigues Alves (*Rodrigues Alves e sua época*, 1940), o brigadeiro Eduardo Gomes (lançada durante a campanha eleitoral de 1945, na qual o brigadeiro concorria a Presidente da República) e os constituintes de 1946, num livro que saiu em 1947 pela Gráfica Tupi. Mas as exceções são significativas, e incluem personalidades de campos muito diferentes de atuação: além de Oswaldo Cruz, Freud (1940), o já citado Francisco Serrador (1940) e o pintor Almeida Júnior (1946). Percebe-se na sua escolha de nomes para biografar o mesmo ecletismo presente em seus artigos em revistas, onde muitas vezes Gastão também redigia curtos perfis biográficos.

3.4. Crime e psicanálise

Em duas das colunas da série “As curiosidades da psicanálise”, Gastão introduziu dois temas muito importantes em sua publicação de divulgação: a educação e a criminologia, ambas articuladas aos princípios do inconsciente e, portanto, submetidas ao determinismo da psicanálise. Iremos a seguir tratar de maneira mais aprofundada desses textos do autor que continham suas recomendações psicanalíticas para a criminologia e a penologia, que na verdade estavam retomando uma discussão que já vinha desde a publicação de seu livro de 1933, *Crime e psicanálise*. Esta obra, publicada pela Editora Mariza, do Rio de Janeiro, foi escrita em coautoria com seu irmão José Pereira da Silva, que era advogado criminalista. Um ano depois, o mesmo José Pereira da Silva publicaria outro livro sobre as relações entre criminologia e psicanálise, *Novos rumos da criminologia*. Segundo a revista *Fon-Fon*, o autor “se mostra um profundo conhecedor do assunto”, que tem passado “por constantes renovações e na atualidade oferece margem para novas experiências”. Também digna de nota é a menção que a revista faz ao prefácio do livro, escrito por Neves-Manta⁵¹⁹, que se refere a José Pereira da Silva como “criminólogo e psicanalista” e aponta que o livro “demonstra a orientação absolutamente moderna de seu autor, congregando sob dístico único as múltiplas correntes científicas que explicam a ação criminal e a gênese do criminoso”. Desta maneira, José Pereira da Silva passava a ser “um nome a mais na plêiade dos pensadores brasileiros que têm contribuído à interpretação e à análise da psicologia criminal”⁵²⁰.

⁵¹⁹ Inaldo de Lyra de Neves-Manta (1903-2000) foi um psiquiatra carioca, professor titular de Clínica Psiquiátrica da Universidade do Brasil e presidente da Academia Nacional de Medicina durante dois períodos na década de 1960. Publicou alguns livros sobre psicanálise, notadamente *Psicanálise da alma coletiva*, de 1932. Ver MOKREJS. *A psicanálise no Brasil. op. cit.*, pp. 180-189; “Primeiros comentadores da doutrina”. Disponível em <http://www.psicopatologiafundamental.org/pagina-primeiros-comentadores-da-doutrina-432>.

⁵²⁰ Escritores e livros. *Fon-Fon*, n. 29, ano XXVIII, 21/07/1934, p. 60.

Crime e psicanálise, por sua vez, foi publicado um ano após a obra do também psicanalista e escritor Júlio Porto-Carrero, *Criminologia e psicanálise*, que, da mesma maneira que a obra de Gastão, tinha a intenção de popularizar e tornar mais acessíveis os conceitos da criminologia. O prefácio da obra, de mais de 20 páginas, foi escrito pelo jurista Magarinos Torres, na época presidente do 1º. Tribunal do Júri do Rio de Janeiro.

Como afirma o sociólogo José Antunes, retomando discussões que vinham de autores como Roberto Machado e Jurandir Freire Costa⁵²¹, bastante influenciadas pela obra do filósofo francês Michel Foucault (1926-1984), desde a segunda metade do século XIX os médicos brasileiros buscaram intervir em questões ligadas ao crime, como a “imputabilidade penal de diferentes segmentos populacionais: as crianças, os idosos, as mulheres, os negros, os índios etc.”⁵²². A partir do início do século XX, a psicanálise também passou a pretender influir nessas discussões.

Gastão Pereira da Silva inicia o livro *Crime e psicanálise* com um capítulo de caráter didático sobre as “correntes doutrinárias dominantes” na criminologia. Nele, mostra como as duas correntes básicas, a Escola Clássica e a Escola Positiva, se diferenciam a partir do conceito de responsabilidade penal: “o clássico direito penal sustenta o livre arbítrio. A escola positiva, nega-o”⁵²³. A seguir, detalha a escola clássica, origem de “quase todos os códigos penais do mundo”, como sendo marcada pela consideração do “crime em si, abstraído-se por completo da figura do delinquente”⁵²⁴. No entanto, o escritor aponta que “por este caminho”, de considerar o crime em si, não poderíamos ter “uma definição exata e única” de crime, uma vez que “nunca houve atos universalmente considerados criminosos e universalmente punidos”⁵²⁵. Já a Escola Positiva, iniciada por Lombroso, teria a virtude de trabalhar com o conceito de criminoso, não de crime; no entanto, as caracterizações físicas dos criminosos seriam difíceis de serem comprovadas⁵²⁶. Depois de considerações históricas sobre as duas escolas, o autor passa a discutir como seria uma “criminologia psicanalítica”⁵²⁷, indicando que a “tendência moderna” do direito, baseada na escola positiva, seria dar maior relevância ao delinquente, o

⁵²¹ Ver MACHADO, Roberto *et al.* *Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978; COSTA, Jurandir Freire. *História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. 5ª. ed. rev. Rio de Janeiro: Garamond, 2006 (1ª. ed. 1976).

⁵²² ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. *Medicina, leis e moral: pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Editora da Unesp, 1998, p. 70.

⁵²³ SILVA, Gastão Pereira da; SILVA, José Pereira da. *Crime e psicanálise*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Mariza, 1933, p. 36.

⁵²⁴ *Ibidem*.

⁵²⁵ *Ibidem*, p. 40.

⁵²⁶ *Ibidem*, pp. 44-50.

⁵²⁷ *Ibidem*, p. 84.

que a levaria a ser, “na maioria das suas concepções, dominada por problemas psiquiátricos”⁵²⁸. No entanto, de acordo com o autor, a psiquiatria, por ser eminentemente descritiva, não conseguia dar conta totalmente dos fenômenos criminais:

“É esta lacuna, prossegue Freud, que a psicanálise se esforça em fazer desaparecer, tentando dar à psiquiatria base psicológica de que carece, esperando descobrir o terreno comum que fará inteligível a reunião de uma perturbação somática com uma perturbação anímica. A psicanálise é assim o complemento da psiquiatria.”⁵²⁹

No prefácio ao livro, o jurista Magarinos Torres apoia a posição psicanalítica: chamando a psicanálise de “doutrina realista”, defende que esta “evidencia a falência do julgamento individual, a precariedade do testemunho, a reformabilidade de todo caráter e os absurdos do vigente regime penitenciário”⁵³⁰. A seguir, cita que a psicanálise, segundo Mira y Lopez⁵³¹, tem quatro princípios fundamentais: o determinismo psíquico, o pansexualismo, a repressão e a “dissociação ideo-afetiva”. E, ainda citando o autor espanhol, aponta que a nova teoria, para os juristas, “proporciona meios para compreender os *motivos inconscientes* dos atos delituosos”⁵³². Posteriormente, coloca a psicanálise como “evidentemente mais humana e sistemática nas conclusões que oferece à Criminologia do que qualquer das outras doutrinas”⁵³³ e aponta que Porto-Carrero, na obra citada anteriormente, também combate a noção de penas carcerárias para os criminosos. Magarinos Torres reconhece que “o direito, como produto social, não se pode realizar à revelia da sociedade e contra ela e sua moral”⁵³⁴, de maneira que existe a necessidade da punição e do castigo aos criminosos, para se atender ao clamor da própria sociedade. No entanto, existem várias formas de se efetuar esse castigo; e, para ele, a pena carcerária seria um exemplo da “monstruosa penologia atual”⁵³⁵, que a psicanálise poderia e deveria ajudar a mudar.

Na coluna de número 5 publicada com o título de “Curiosidades da psicanálise”⁵³⁶, Gastão Pereira da Silva defende que as penas de prisão são negativas, do ponto de vista da

⁵²⁸ *Ibidem*, pp. 86-87.

⁵²⁹ *Ibidem*, p. 88.

⁵³⁰ TORRES, Magarinos. “Prefácio”. In SILVA; SILVA. *Crime e psicanálise. op. cit.*, p. 13.

⁵³¹ Emilio Mira y Lopez (1896-1964) formou-se em medicina na Espanha, onde se especializou em psiquiatria. Obrigado a deixar o país por causa da guerra civil da década de 1930, passou por vários países latino-americanos antes de se estabelecer no Rio de Janeiro, em 1945. No Brasil, teve um papel importante na profissionalização da psicologia, introduzindo os testes aplicados em empresas e escolas. Ainda na Espanha, ele publicou em 1932 um *Manual de psicologia jurídica*, que é o texto citado aqui por Magarinos Torres. Ver RUSSO. *O mundo psi no Brasil. op. cit.*

⁵³² TORRES. “Prefácio”. *op. cit.*, p. 15, grifo do autor.

⁵³³ *Ibidem*, pp. 15-16.

⁵³⁴ *Ibidem*, p. 19.

⁵³⁵ *Ibidem*, p. 21.

⁵³⁶ SILVA, Gastão Pereira da. Curiosidades da psicanálise. *O Malho*, n. 184, 10/12/1936, p. 37.

psicanálise. Para sustentar seu ponto de vista, ele usa como exemplo o caso de Jesse Pomeroy, garoto estadunidense considerado culpado de vários assassinatos com grande crueldade e que foi condenado à morte e depois à prisão perpétua. Mesmo em um caso como o de Pomeroy, Gastão defendia a inimputabilidade do criminoso, inserindo-se assim nas discussões sobre os motivos e as penas para crimes hediondos.

Pomeroy, que vivia nos subúrbios da região sul de Boston, Massachussets, Estados Unidos, teria matado duas crianças quando tinha apenas 13 anos de idade, de acordo com notícias publicadas nos jornais da época. Depois de passar mais de um ano em um reformatório, foi considerado culpado também pelo assassinato e retalhamento do corpo de Horace Millen, que tinha apenas 4 anos, e de Kattie Curren, de 10 anos, sendo condenado à pena de morte no final do ano de 1874, quando tinha acabado de completar 15 anos⁵³⁷. O governador na época do estado de Massachussets, onde ocorreram os crimes, William Gaston, recusou-se por três vezes a assinar a condenação de Pomeroy, por causa da idade do criminoso, e assim sua sentença foi comutada para prisão perpétua em uma cela solitária, onde viveu de 1876 a 1917, sem “nem sequer” fazer “as suas refeições em companhia de outros detentos”⁵³⁸. Tentou várias vezes fugir da prisão e pediu a vários governadores do estado que concedessem o seu perdão, sem sucesso. Apenas em 1917, passou a conviver com os demais presos, sendo transferido para a prisão agrícola de Bridgewater em 1929, onde morreu em 1932⁵³⁹.

Para Gastão Pereira da Silva, “Pomeroy entrou para a galeria dos criminosos dos Estados Unidos como modelo de crueldade incrível”⁵⁴⁰, e “celebrizou-se pela sua extrema e quase inverossímil crueldade”⁵⁴¹. Para o autor, a raiz do comportamento de Pomeroy vinha de sua infância, pois o garoto era filho de um açougueiro, e “desde menino assistira às matanças de animais, feitas por seu pai”. Assim, essa infância passada em um ambiente “todo envolvido por sangue, carne, animais retalhados, machados e facões” teria deixado marcas em Pomeroy, que repetiria esse padrão em seus crimes, que envolviam retalhamento das vítimas. Isto ocorreria, segundo o psicanalista, porque, em casos semelhantes, a libido da criança ficaria fixada “na fase perigosa da ‘curiosidade infantil’”. Nessa época da vida, “os instintos procuram apenas o

⁵³⁷ SILVA; SILVA. *Crime e psicanálise. op. cit.*, p. 123.

⁵³⁸ *Ibidem*.

⁵³⁹ SCHECHTER, Harold. *Fiend: The Shocking True Story of America's Youngest Serial Killer*. New York: Pocket Books, 2000.

⁵⁴⁰ SILVA; SILVA. *Crime e psicanálise. op. cit.*, p. 124.

⁵⁴¹ SILVA, Gastão Pereira da. Curiosidades da psicanálise. *O Malho*, n. 184, 10/12/1936, p. 37. O caso de Pomeroy continua a causar impacto, especialmente pela sua pouca idade na época dos crimes. Veja por exemplo o título do livro de Harold Schecter sobre o seu caso, publicado em 2000 nos EUA: *Fiend: The Shocking True Story Of Americas Youngest Serial Killer* [Demônio. A história verdadeira e chocante do mais jovem *serial killer* da América].

prazer — satisfações agressivas, sádicas — e desconhecem a realidade”. Assim, se ocorre algo que deixa uma impressão forte na pessoa, “uma dessas tendências instintivas aí se fixa e mais tarde o inconsciente regride ao ponto fixado, acarretando todas as consequências dessa fixação”. Para o psicanalista, portanto, “todo o trabalho da psicanálise estava em trazer à consciência de Pomeroy o recalque profundo, convertendo o *inconsciente* em *consciente*, ou melhor libertando a ideia estímulo da tendência homicida”. Desta maneira, “o castigo da pena é nesses casos absolutamente negativo”⁵⁴².

Esta discussão já aparecera anteriormente em *Crime e psicanálise*. Neste livro, o caso de Pomeroy é citado ao final do capítulo 5, na subdivisão intitulada “Delito e delinquente”. A parte que descreve a vida de Pomeroy é idêntica ao artigo posterior de *O Malho*, e é apontada como sendo baseada em uma notícia publicada em jornal, originada por um “telegrama recebido de Bridgewater em novembro de 1932”, quando o famoso assassino morreu⁵⁴³. A diferença é que o artigo de *O Malho* explica mais extensamente e de maneira mais didática a visão da psicanálise em relação ao caso famoso, enquanto no livro de 1933 a exposição é encerrada com estas afirmações: “é ele [o caso] tão claro à compreensão que dispensa comentário. Porque tais motivos inconscientes são tão evidenciados ao raciocínio de um psicanalista, como são as causas conscientes para qualquer pessoa”⁵⁴⁴.

No ano de 1937, a oitava coluna “As curiosidades da psicanálise”⁵⁴⁵ é dedicada ao assunto. Gastão Pereira da Silva a inicia dizendo que “o delinquente em psicanálise pode ser comparado ao neurosico (*sic*). Ele é o produto de um conflito entre o EU e o impulso inconsciente”. A seguir, aponta que, quando esse conflito é instantâneo, produz delinquentes acidentais, e quando é permanente, produz delinquentes habituais, que são novamente comparados pelo autor com os neuróticos. Quando a censura se torna insuportável e “o indivíduo julga-se incompatível com a sociedade”, ele reage de maneira violenta, o que acarretaria os suicídios e os crimes passionais, por exemplo. Também pode ocorrer que uma tendência se converta em outra oposta: “O amor pode transformar-se em ódio. O criminoso em homem honrado”. Por fim, o melhor caminho é quando ocorre a sublimação, “que consiste no desvio de um instinto para fins socialmente superiores”. O autor defende que “para a psicanálise o delinquente é o fruto sazonado da tirania, quer da família, quer do Estado...”, e exemplifica essa tirania a partir da ideia de castigo e do sentimento de culpa, que “recalcados nas diversas

⁵⁴² SILVA, Gastão Pereira da. *Curiosidades da psicanálise*. *op. cit.*

⁵⁴³ SILVA; SILVA. *Crime e psicanálise*. *op. cit.*, pp. 124-125.

⁵⁴⁴ *Ibidem*, p. 125.

⁵⁴⁵ SILVA, Gastão Pereira da. *Curiosidades da psicanálise*. *O Malho*, n. 204, 29/04/1937, p. 14.

etapas do desenvolvimento individual (...) dão à sociedade o delinquente”. Concluindo, aponta que “a pedagogia substituirá um dia a penalogia. Já o disse um professor de psicanálise”, que ele não cita⁵⁴⁶.

Igualmente, o artigo em *O Malho* retomava afirmações já feitas por Gastão Pereira da Silva na obra de 1933, novamente no capítulo 5, com algumas pequenas mudanças. Por exemplo, em *Crime e psicanálise*, temos a afirmação de que “o delito em psicanálise é o produto de um conflito entre o *ego* e a *libido*, de onde se projeta o impulso exteriorizado em ato”⁵⁴⁷, utilizando termos mais específicos do que “EU” e “inconsciente”, do artigo posterior. Ao contrário do caso anterior, neste aqui o texto do livro é mais extenso e completo do que o artigo posterior em *O Malho*. No trecho em que o autor divide os delinquentes em acidentais e habituais, há uma nota de rodapé, inserindo essa discussão no âmbito das escolas teóricas do Direito: “também a Escola Positiva aceita a classificação de *habituais* mas lhe dá um outro conceito incluindo-os no quadro dos criminosos *natos*. Nos de *ocasião*, muito se aproxima a classificação de Ferri, aos delinquentes acidentais de que falamos”⁵⁴⁸. Outros trechos que estão ausentes do artigo posterior dizem que o criminoso habitual desconhece os motivos de seu crime, que cabe ao psicanalista desvendar a causa do crime da mesma forma que os médicos que pesquisam as causas de uma doença desconhecida, e que, uma vez que a técnica busca trazer para o consciente os conflitos inconscientes, “a cura dos criminosos habituais é mais fácil que a dos acidentais”⁵⁴⁹. Pode-se perceber a diferença entre as maneiras de exposição utilizadas por Gastão em dois veículos diversos: os livros, que alcançavam um público menor e mais instruído, onde ele podia alongar-se mais em exposições técnicas, e revistas como *O Malho*, de alcance mais amplo e com um público mais próximo ao dos jornais.

Os exemplos sobre as diferentes relações entre censura e instinto, como os suicídios, crimes passionais, as tendências que se convertem em outras opostas e a sublimação, são os mesmos nos dois textos, mas no livro de 1933, em duas notas de rodapé, Gastão se refere ao trabalho de Oskar Pfister⁵⁵⁰, sem citar nomes de livros, e introduzindo elementos religiosos na sua análise do caso, ao afirmar que também existem “sublimações tipicamente conscientes. É a

⁵⁴⁶ *Ibidem*.

⁵⁴⁷ SILVA; SILVA. *Crime e psicanálise. op. cit.*, p. 116, grifo do autor.

⁵⁴⁸ *Ibidem*, p. 117, grifo do autor.

⁵⁴⁹ *Ibidem*, p. 119.

⁵⁵⁰ Oskar Pfister (1873-1956) foi um pastor e psicanalista suíço que teve uma extensa correspondência com Freud. Defendia que a pedagogia deveria se transformar em uma “pedanálise” (Ver ROUDINESCO; PLON. *Dicionário de psicanálise. op. cit.*, p. 588).

chamada sublimação livre. Exemplo: Jesus”⁵⁵¹. A conclusão dos dois textos é a mesma: à luz da psicanálise, as questões da criminologia deveriam ser resolvidas de maneira pedagógica.

José Antunes aponta que, frequentemente, neurologistas, psiquiatras e médicos-legistas eram judicialmente convocados para avaliar a capacidade civil de determinadas pessoas, supostamente alienadas, pois a questão de como determinar a consciência da pessoa quando cometia um crime ou um ato com consequências legais, como testamentos, adoções etc., foi sempre um dos pontos centrais de discussão entre a medicina, o direito e a psicologia⁵⁵². Gastão Pereira da Silva, com seus textos, estava buscando integrar a psicanálise a essas discussões e reivindicando para esta uma participação de destaque nas discussões da criminologia. Como vimos, ele dispunha de um apoio importante: um prefácio escrito pelo presidente do 1º. Tribunal do Júri do Rio de Janeiro na época, que incentivava a adoção da psicanálise pelos juristas e até a chamava de doutrina “mais humana e sistemática” do que as outras doutrinas jurídicas do período. Neste prefácio, outras duas referências importantes são trazidas à discussão: o manual de Mira y López sobre a “psicologia jurídica”, que também defendia que a psicanálise trazia contribuições importantes para os juristas, e o livro de outro psicanalista e divulgador da psicanálise, Júlio Porto-Carrero, publicado um ano antes e que também tratava das relações entre crime e psicanálise.

Estes nomes concordavam que a psicanálise poderia auxiliar nos julgamentos, uma vez que esta poderia trazer para o consciente questões inconscientes que seriam as causas dos crimes, e, nesse processo, evitar-se-ia a repetição do comportamento criminoso ou alienante. Nos artigos posteriores em *O Malho*, Gastão Pereira da Silva manteve sua posição favorável ao uso da psicanálise e contrária a penas como o encarceramento dos condenados, mesmo em casos de crimes hediondos como os cometidos por Pomeroy.

A discussão sobre o uso da psicanálise na criminologia acontecia também em outros espaços institucionais na época, como a Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo, fundada em 1921. O Prêmio Oscar Freire, entregue todo ano ao melhor trabalho sobre medicina legal e criminologia apresentado à sociedade, demonstrou este diálogo entre psicanálise e criminologia no período de três anos, de 1939 a 1941. Em 1939, dois anos após o segundo artigo de Gastão em *O Malho*, o vencedor do prêmio foi Antonio Pacheco e Silva, que “considerava nulas as possibilidades práticas da psicanálise na criminologia”, pois criticava “a orientação somaticista” daquela como sendo expressão das “tendências contemporâneas que

⁵⁵¹ SILVA; SILVA. *Crime e psicanálise. op. cit.*, p. 121.

⁵⁵² ANTUNES. *Medicina, leis e moral. op. cit.*, p. 89.

afastavam a psiquiatria da biologia”, o que Pacheco e Silva deplorava⁵⁵³. No ano seguinte, porém, quem recebeu o prêmio foi Antonio Miguel de Leão Bruno, formado em medicina e direito, que defendeu a psicanálise, indicando que havia divergências entre os criminologistas; para ele, esta, desde que “aplicada sem fanatismos e com plenos conhecimentos da técnica”, teria muito a contribuir para “o estudo de delinquentes”, uma vez que “o direito penal moderno distingue-se pelo seu contato mais íntimo com a pessoa do criminoso”⁵⁵⁴. Em 1941, a discussão continuava: o vencedor do prêmio, Edmur de Aguiar Whitaker, psiquiatra e professor da Escola de Polícia de São Paulo, defendia a importância da psicologia e da psiquiatria para a criminologia: “para que a sociedade possa lutar de maneira eficiente e racional contra os criminosos, necessita, previamente, de uma compreensão exata da natureza dos mesmos”⁵⁵⁵. Segundo pareceristas que comentaram o trabalho de Whitaker, o autor dizia que “classificados os delinquentes, por efeito dos exames psicológico e psiquiátrico, será possível adaptar à situação de cada um as medidas convenientes, não só as de caráter penal, como também as de caráter médico-pedagógico e educacional”⁵⁵⁶. Este comentário ilustra bem como a criminologia na época buscava fundamentação em diferentes ramos do conhecimento, como a medicina, a educação e a psicologia-psicanálise, sendo que a defesa da utilidade da contribuição desta última era a preocupação central dos textos de Gastão sobre o assunto.

3.5. “Nós, os charlatães”

Em um artigo publicado em *O Malho* em novembro de 1941, Gastão Pereira da Silva justificava sua atividade como divulgador da psicanálise em veículos não especializados, comparando-se com e se colocando na mesma posição de escritores de língua inglesa que escreviam sobre ciência para o público leigo. Inicialmente, ele aponta para uma resistência que teria sofrido, por parte de quem trabalhava com psicanálise no Brasil: “Quando começamos a divulgar a ciência de Freud no Brasil, não faltaram espíritos retrógrados, que viam a cidadela da psicanálise ameaçada pela intromissão dos leigos dentro dela. Popularizar a doutrina seria violar um TABU”⁵⁵⁷. Segundo o autor, esses “espíritos retrógrados” só se calaram quando ele publicou a carta que Freud lhe enviou, dizendo que devia a ele, Gastão, “a ‘divulgação’ da sua

⁵⁵³ OLIVEIRA JUNIOR, Alcidesio de. *De monstros a anormais: a construção da endocrinologia criminal no Brasil, 1930 a 1950*. Tese (Doutorado em História Cultural). Departamento de História/Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012, p. 234.

⁵⁵⁴ *Ibidem*.

⁵⁵⁵ *Ibidem*, pp. 234-235.

⁵⁵⁶ *Ibidem*, p. 235.

⁵⁵⁷ SILVA. Nós, os charlatães... *Op. cit.*, p. 65, grifo do autor. Ver Imagem 7, Anexo 3.

doutrina neste país”⁵⁵⁸. Por causa deste “preconceito bolorento” de que a ciência “deveria ser privilégio do MAGISTER DIXIT”⁵⁵⁹, o país “ganhava em ignorância e perdia em ilustração”, Como consequência, diz o autor, se referindo novamente a uma resistência coletiva, os “livros populares” eram “menosprezados”, considerados como não tendo valor, ou até mesmo “coisa de charlatão”, embora Gastão os considere como “livros que se destinavam a orientar as massas, trazendo-lhes o conhecimento dos problemas fundamentais da vida, na apreciação dos fatos científicos”. A seguir, fazendo uma comparação negativa do Brasil em relação a outros países, Gastão aponta que “países como a Alemanha, a França, a Inglaterra, a América do Norte (*sic*) semeavam pelo mundo inteiro livros maravilhosos de divulgação científica, escritos pelos nomes mais gloriosos da ciência moderna”. Segundo ele, esses autores dizem que “a explicação daquilo que quotidianamente acontece no universo só pode ser esclarecido pela CIÊNCIA e que o homem de hoje, envolvido em infinitos fenômenos que desconhece, é vítima deles, na maioria das vezes...”. O homem moderno, não mais “o espectador estonteado dos acontecimentos universais, como um selvagem diante dum eclipse do sol, ou da lua”, tem que “CONHECER (...) a ciência contemporânea, tentaculizada nos seus inúmeros ramos de especialização”. Portanto, “não havia mais lugar para a ‘maçonaria dos doutos’” nem “devia haver mais obstáculos entre o homem comum e o homem de ciência”⁵⁶⁰.

Prosseguindo, o autor cita vários escritores de divulgação científica estrangeiros e o título de seus livros traduzidos para o português: H. Gordon Garbedian e o *Romance da ciência*⁵⁶¹, David Dietz e *Maravilhas da medicina*⁵⁶², Edward F. Griffith e *O sexo na vida diária*⁵⁶³, Shea Gilbert e *Biografia de um embrião*⁵⁶⁴, George Russell e *As maravilhas da*

⁵⁵⁸ *Ibidem*. Sobre a carta de Freud, ver o capítulo 2.

⁵⁵⁹ Expressão latina que significa “o mestre falou”, utilizada para demonstrar a autoridade de uma pessoa em um determinado assunto.

⁵⁶⁰ SILVA. Nós, os charlatães.... *op. cit.* Grifos do autor.

⁵⁶¹ Escritor norte-americano, autor de *The march of science. A popular introduction to the story of the universe and man's place on Earth*, de 1936. Após 1940, Garbedian também escreveu biografias de Einstein e Thomas Edison, entre outros.

⁵⁶² David Dietz (1897-1984), jornalista e autor de livros de divulgação da ciência norte-americano, escreveu *Story of Science* (1931) e *Medical Magic* (1937) (Ver “David Dietz Papers”. Disponível em http://library.syr.edu/digital/guides/d/dietz_d.htm#d2e47. Acesso em 10/04/2015). Seu livro *Maravilhas da medicina* foi publicado em 1940, pela editora José Olympio, com tradução de Godofredo Rangel.

⁵⁶³ Autor de *Modern Marriage and Birth Control* (1935), livro que é descrito como direcionado a recém-casados.

⁵⁶⁴ O nome completo da autora era Margaret Shea Gilbert. A obra original, *Biography of the unborn*, foi publicada em inglês em 1938. A tradução em língua portuguesa, *Biografia de um embrião*, foi a primeira obra da coleção “A ciência de hoje”, da editora José Olympio.

*física*⁵⁶⁵ e Morton e *Você e a hereditariedade*⁵⁶⁶. Uma referência especial é feita pelo autor ao livro traduzido com o título de *A ciência da vida*, segundo Gastão “essa extraordinária obra de Wells que sistematiza e divulga a CIÊNCIA DA VIDA!”⁵⁶⁷. Na verdade, o escritor e autor de outros livros de divulgação científica H. G. Wells é apenas um dos autores desta obra, que foi escrita em coautoria com um importante biólogo inglês, Julian Huxley, que Gastão cita nominalmente, e com o filho de Wells, G. P. Wells. Outra curiosidade é que o original em inglês foi publicado em três volumes, já a tradução para o português foi dividida em oito volumes. Todos estes livros, que parecem ser a principal referência de Gastão em relação à divulgação científica para o público leigo, foram publicados em português, nos anos de 1940 e 1941, pela mesma editora, a José Olympio⁵⁶⁸, dentro de uma coleção intitulada “A ciência hoje”.

Como conclusão do artigo, Gastão aponta, comparando-se a todos esses divulgadores citados, que:

Aparece destarte, traduzida para o nosso idioma, uma literatura prodigiosa e de grandes objetivos para o Brasil, no instante preciso em que ele se revitaliza, se refaz, ou renasce para o seu mais glorioso destino, que é o da esplêndida floração da cultura de seu povo! E isto se deve a “nós, os charlatães”... Bendito charlatanismo!⁵⁶⁹

É possível perceber nos textos de divulgação de Gastão, como em outros autores do mesmo gênero na mesma época, a preocupação em atrair e seduzir o público, para que este se interessasse em lê-los. Porém, como ele mesmo afirmava, este público também precisava ser educado, pois necessitava do “conhecimento dos problemas fundamentais da vida”⁵⁷⁰. A melhor maneira de o fazê-lo seria tornando essa educação tão agradável que a pessoa nem sentisse que estava adquirindo os conhecimentos supostamente difíceis. Assim, podemos fazer uma analogia entre a obra de Gastão e o comentário pertinente de José do Patrocínio Filho, se referindo à obra de um outro divulgador da psicologia contemporâneo, Mario José de Almeida⁵⁷¹:

⁵⁶⁵ Físico norte-americano, de extensa carreira tanto como pesquisador acadêmico quanto como divulgador da ciência. Entre seus livros, estão *Atoms in Action* (1939) e *The role of science in our modern world* (1956). As referências encontradas apontam que o título de seu livro em português foi *O romance da física* e não *As maravilhas da física*, como escreveu Gastão.

⁵⁶⁶ A obra em inglês *You and Heredity*, publicada em 1939, teve dois autores, Amram Scheinfeld e Morton D. Schweitzer, a quem Gastão provavelmente se refere.

⁵⁶⁷ SILVA. Nós, os charlatães.... *op. cit.* Grifos do autor.

⁵⁶⁸ Sobre a José Olympio, ver a parte 2.3, Editoras.

⁵⁶⁹ *Ibidem.*

⁵⁷⁰ *Ibidem.*

⁵⁷¹ Sobre Mario de José de Almeida, ver a parte 2.4, Associações e Academias.

Ele não poderia seguir uma orientação mais promissora que essa: insinuar-se aos poucos nas boas graças do grande público, amanhã-lo dia a dia para a evolução das suas ideias, empolgá-lo, dominá-lo, lançar enfim na multidão a boa semente que desabrochará em frutos saborosos. (...) Ao mesmo tempo que diverte, educa, pois dissemina um sem número de pequenas noções de psicologia e de ciência. O leitor não dará para isso, elas, porém, lhe ficarão latentes no subconsciente, educando-o e requintando-o, à sua própria revelia⁵⁷².

Como vimos neste capítulo, a revista *O Malho* foi o local onde Gastão Pereira da Silva publicou, durante quase uma década, vários artigos sobre psicanálise e outros temas. Destacamos especialmente a seção “As curiosidades da psicanálise”, onze artigos em que o autor abordou várias questões da teoria psicanalítica, com muitos exemplos práticos. A sua produção na revista também compreendeu crônicas, textos humorísticos, biografias de grandes figuras da cultura ou da filosofia e questões sobre crime e educação em relação à psicanálise. Este último é um aspecto importante de sua produção, por mostrar a intenção de Gastão de colocar a psicanálise como participante de uma discussão em que já estavam envolvidas a medicina legal, a criminologia e a psiquiatria, na sua época. Mas o autor se considerava, antes de tudo, um divulgador científico, e é com o seu artigo em *O Malho* que mais evidencia esta sua posição, “Nós, os charlatães”, que encerramos este capítulo.

⁵⁷² PATROCÍNIO FILHO, José do. “Prefácio”, *op. cit.*

Considerações finais

Gastão Pereira da Silva, embora se apresentasse primordialmente como psicanalista, em determinados momentos assumiu outras identidades, como de escritor ou jornalista, identidades estas que ele incorporou em muitos momentos, como na sua filiação à ABI, em 1937, ou em suas tentativas frustradas de entrar para a ABL, em 1934 e 1944. Ele foi frequentemente retratado de maneira semelhante, em jornais e revistas, desde a década de 1930, e posteriormente em textos que se referiam a ele, como um verbete do *Dicionário literário brasileiro* (1978), que indicava seu renome nestes meios. O uso de um estilo literário, retórico e rebuscado foi um dos elementos que contribuiu para que fosse referido como escritor ou jornalista. Em muitos trechos de sua produção em revistas, é possível perceber como Gastão utilizava uma linguagem grandiloquente e retórica, com frequentes adjetivos e o uso intenso de metáforas, buscando exemplos na literatura e nas artes. Essa linguagem, bem como a variedade dos temas tratados, estava na contramão das tendências da época nos meios acadêmicos, pois, desde o século XIX, “os elementos centrais da retórica — eloquência e multiplicidade de saberes”, já haviam caído em descrédito entre os intelectuais franceses e, posteriormente, entre seus correspondentes brasileiros, uma vez que iam contra o movimento de especialização intelectual⁵⁷³. Como aponta a historiadora Dominichi de Sá:

Reduzida à mera técnica ornamental dos discursos, a retórica passou a ser entendida como recurso estilístico dos *bel esprits* interessados em falar eloquentemente sobre todo e qualquer assunto. Não surpreende, portanto, que tenha sido conotada entre os intelectuais brasileiros rigorosamente da mesma forma.⁵⁷⁴

Da mesma maneira, em muitos periódicos e jornais da época, Gastão é referido preferencialmente como escritor ou intelectual. Mesmo seus estudos biográficos, que apresentam a palavra psicanálise no título, são referidos muitas vezes como “estudos sociológicos”⁵⁷⁵, o que também indica que a demarcação entre a psicologia e outros campos disciplinares ainda não havia ocorrido de maneira integral. As próprias colunas com o título de “As curiosidades da psicanálise” são apresentadas em outras matérias de *O Malho* como “crônicas”, de maneira similar a outros textos literários e fictícios do mesmo autor.

Se, em relação ao estilo literário, Gastão podia ser considerado como estando distante das correntes intelectuais mais modernas de seu tempo, simultaneamente ele, com suas

⁵⁷³ SÁ. *A ciência como profissão. op. cit.*, p. 55.

⁵⁷⁴ *Ibidem*.

⁵⁷⁵ Como o comentário sobre *Lenine e a psicanálise*, em *Fon-Fon*, n. 6, ano XXVII, 11/02/1933, p. 33.

publicações, participou de um outro processo com características modernizantes, com ênfase na construção de uma identidade e de uma cultura brasileiras de âmbito nacional. Na década de 1930, o governo federal criou muitos veículos de comunicação com cobertura de todo o Brasil, como a Agência Nacional, de divulgação de notícias. Revistas que visavam atingir um público mais amplo, como *O Malho*, *Carioca* e *Vamos Lêr!*, nas quais Gastão escreveu, embora fossem publicadas no Rio de Janeiro, também eram de circulação nacional. Esse movimento fazia parte de um programa defendido pelo governo Vargas de expansão e nacionalização em várias esferas, como nos meios de comunicação, na saúde e na educação, o que era feito partindo da capital para o resto do país, buscando integrar as várias regiões que compunham o Brasil.

Em algumas de suas produções, Gastão Pereira da Silva fez um movimento complementar: valorizando as cartas que lhe chegavam dos locais mais distantes, “desconhecidos dos mapas”⁵⁷⁶, ele buscava ampliar o alcance do modelo familiar, de educação e de psicanálise que defendia, ou seja, do modelo de psicologização. Essa importância dada à chegada do conhecimento às localidades mais longínquas “reforçava uma das muitas concepções então em debate pelos intelectuais da época, segundo a qual o sertão encontrava-se distante do poder público e dos projetos modernizadores”⁵⁷⁷. De maneira semelhante, Roquette-Pinto considerava, em relação à *Revista Nacional de Educação*, publicada entre 1932 e 1934, que, apesar das dificuldades enfrentadas para se conseguir a distribuição nacional de uma revista na época, ela teria um efeito importante em relação à unificação do país, pois “a revista, mesmo vagarosa na entrega, seria um fator de agilização das comunicações, pois, divulgando a ciência, daria a todos as ferramentas intelectuais necessárias para que a extensão territorial deixasse de ser um elemento antagônico”⁵⁷⁸.

A utilização de todos os meios de comunicação modernos foi defendida pelos divulgadores, desde as primeiras décadas do século XX, como uma das maneiras de diminuir o que viam como um abismo crescente entre a opinião pública e os cientistas. Assim, as produções de Gastão e de outros divulgadores da época, como Roquette-Pinto, podem ser consideradas como exemplos de “vulgarização científica”, enquanto tentativas de se criarem “fluxos de comunicação” entre o público e os divulgadores⁵⁷⁹. No entanto, tais fluxos funcionavam sempre em um sentido único: a partir da fonte “sábua” em direção a um público considerado por eles como ignorante, passivo e receptivo, assim como o processo de

⁵⁷⁶ SILVA. *25 anos de psicanálise. op. cit.*, p. 182.

⁵⁷⁷ DUARTE. “Em todos os lares, o conforto moral da ciência e da arte”. *op. cit.*, p. 40.

⁵⁷⁸ *Ibidem*, p. 39.

⁵⁷⁹. BENSUADE-VINCENT. *Splendeur et décadence de la vulgarisation scientifique. op. cit.*, p. 3.

modernização de que falamos acima. De acordo com Bernadete Bensaude-Vincent, para estabelecer esta figura de um público passivo, “foi necessário retirar toda a legitimidade das práticas científicas de amadores para reservar o monopólio do discurso científico para os diplomados, membros de uma instituição científica reconhecida”⁵⁸⁰. Embora Gastão não tenha se vinculado às sociedades de psicanálise da sua época, é possível considerar que seu uso da carta de Freud de 1934 e sua divulgação e apresentação como médico clínico foram fontes de sua legitimidade como detentor de um discurso científico de divulgador da psicanálise. Dos meios de comunicação modernos, Gastão utilizou intensamente os jornais, as revistas e o rádio, sendo altamente entusiástico do potencial de todos estes meios para a divulgação das teorias psicanalíticas.

As produções de Gastão tinham um caráter didático e eminentemente prático, muitas vezes funcionando como manuais, que buscavam levar o conhecimento que ele considerava correto para amplas parcelas da população leitora. Os próprios títulos de alguns de seus livros exemplificavam esse caráter prático, de defesa de um determinado modelo de educação, de comportamento e psicanálise: *Como se interpretam os sonhos*, *Como se pratica a psicanálise*, *Conheça seu filho*. No entanto, seu público, embora possa ser dito que ele tenha atingido segmentos sociais que antes não tinham acesso a informações sobre psicanálise, era colocado na dependência de um mediador, do divulgador, do “cientista do povo”: mesmo quando respondia a cartas vindas de todas as partes do Brasil, era Gastão quem era encarregado de fornecer as respostas, de dar seu parecer a respeito do problema apontado. Deste ponto de vista, seu público era colocado em uma posição de espectador, seja como leitor, ouvinte de programas radiofônicos ou audiência de peças teatrais. Porém, o objetivo de divulgadores científicos da época, como Gastão, era que esse espectador também adquirisse conhecimentos importantes, mesmo sem perceber, sendo educado e requintado “à sua própria revelia”⁵⁸¹.

É possível notar que, além da defesa de um modelo de educação, o trabalho de Gastão Pereira da Silva também pode ser relacionado a um outro processo, que foi denominado posteriormente por pesquisadores de “psicologização”⁵⁸². Este conceito foi utilizado pela professora Jane Russo para explicar o chamado *boom* psicanalítico entre as classes médias urbanas da década de 1970, enquanto um movimento de “interiorização dos conflitos e da opressão”, que não deve ser considerado apenas “como efeito da ‘despolitização’ promovida pelo regime militar”, mas também “como parte de um novo tipo de ‘politização’” e “como

⁵⁸⁰ *Ibidem*.

⁵⁸¹ PATROCÍNIO FILHO, José do. “Prefácio”, *op. cit.*

⁵⁸² RUSSO, Jane. *O mundo psi no Brasil*. *op. cit.*, p. 43.

efeito simbólico da conjuntura econômica concentrada de renda” da época⁵⁸³. No entanto, consideramos aqui que esse movimento de maior valorização do conhecimento interior, da atitude de se voltar para dentro de si mesmo, reconhecendo nessa inspeção de si elementos recalçados, conflitos entre dimensões psíquicas distintas e impulsos inconscientes, já pode ser percebido desde a década de 1930, em um contexto diverso mas com características que permitem aproximá-los, em autores como Gastão Pereira da Silva. Podemos identificar semelhanças entre os períodos, como o contexto ditatorial no Brasil (ditadura militar por toda a década de 1970; Estado Novo de 1937 a 1945) e no mundo (governos militares estimulados pela Guerra Fria, na década de 1970; ascensão do fascismo e do nazismo na Europa, década de 1930), e a presença de movimentos questionadores de valores e de convenções, como o movimento da “contracultura” na década de 1960 e o modernismo da década de 1920, o que acabou por produzir uma mudança das visões de mundo sobre questões como família, religião, educação.

Contra essa desestabilização de valores, ocorreu uma tendência das pessoas se voltarem para o seu interior e para os conhecimentos que valorizavam essa esfera, como a psicanálise defendida por Gastão Pereira da Silva. Mais do que isso, é possível identificar nas revistas e até nas cartas dos votantes de Gastão à ABL que, com o apoio insistente desse divulgador, a psicanálise alcançou no período algum espaço na realidade cotidiana, vinculando-se “a um sistema de valores, noções e práticas que a classificam, denominam e orientam a interação social”⁵⁸⁴. Isso se desdobrava na escolha dos temas de trabalho e na ampla troca de correspondência com o público: uma psicanálise representada pelo autoconhecimento, inicialmente a partir do modelo freudiano da autoanálise, que para Gastão teria lhe fornecido as condições de ser psicanalista. Neste sentido, o autor buscava dar condições para que seu público se preocupasse com fenômenos internos como os sonhos, sempre partindo da premissa psicanalítica da primazia do inconsciente. Ele estimulava que as pessoas se lembrassem de seus sonhos, de momentos em que cometeram lapsos, de gestos que pareciam sem sentido, frisando que não era possível aceitar a existência do acaso e que todos os atos obedeciam ao “determinismo da vida psíquica”⁵⁸⁵.

Socialmente, seduzido por uma estratégia narrativa que dava ênfase aos aspectos curiosos e anedóticos do tema, como por exemplo o título das colunas “As curiosidades da

⁵⁸³ *Ibidem*.

⁵⁸⁴ MACHADO JUNIOR; CONSTANTINO. Aproximações entre o conceito de ideologia do cotidiano e a teoria das representações sociais. *op. cit.*, p. 747.

⁵⁸⁵ SILVA. Curiosidades da psicanálise. *O Malho*, n. 179, 05/11/1936, p. 15.

psicanálise”, e pelo tom de crônica, com o uso de muitos exemplos tirados de histórias cotidianas, o leitor tomava contato com conceitos importantes de psicanálise como atos falhos, complexo de Édipo, recalque, censura, sonhos, sublimação, para citar apenas alguns exemplos de temas tratados por Gastão Pereira da Silva em seus textos em *O Malho*, além de uma divulgação mais ampla em peças de teatro e novelas radiofônicas. Com o apoio nessa premissa é que consideramos que, já nas décadas de 1930 e 1940, antes do estabelecimento das sociedades de psicanálise reconhecidas pela IPA, Gastão contribuiu para uma familiaridade de uma parcela ampla do público letrado brasileiro com vários destes conceitos psicanalíticos e para a valorização do autoconhecimento, baseado então na divisão do sujeito e na existência do inconsciente. Sua trajetória deveria ter sido mais estudada pela historiografia brasileira da psicanálise, uma vez que a partir dela podemos compreender de modo mais amplo o *boom* dos anos de 1970 como um processo sedimentado, tijolo por tijolo, na divulgação da psicanálise em todos os campos do social, desde a década de 1930.

Referências bibliográficas

Fontes primárias

Periódicos:

- AMADO, Jorge. Lutam os discípulos... *Dom Casmurro*, n. 120, 30/09/1939, p. 1.
- BRANDÃO, Teixeira. O que é a psiquiatria. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*, Rio de Janeiro, ano III, n. 2, 1907 (1884).
- CIANCIO, Nicolau. A medicina e o fumo. *Jornal do Brasil*, 11/09/1924, p. 6.
- GUSTAVO, Paulo. Livros e autores. *O Malho*, 09/05/1935, p. 8.
- PATROCÍNIO FILHO, José do. “Prefácio”. *Gazeta de Notícias*, 20/01/1946, p. 8.
- SILVA, Gastão Pereira da. Blinète (Conto vivo). *Correio da Manhã*, 10/06/1928, p. 6.
- _____. Perplexidade. *Correio da Manhã*, 15/07/1928, p. 8.
- _____. Don Juan nunca existiu. *O Malho*, n. 147, 26/03/1936, p. 8.
- _____. Um instante psicológico. *O Malho*, n. 150, 16/04/1936, p. 16.
- _____. Alucinação. *O Malho*, n. 159, 18/06/1936, p. 16.
- _____. A página que Liszt não escreveu. *O Malho*, n. 175, 08/10/1936, p. 11.
- _____. Curiosidades da psicanálise. *O Malho*, n. 176, 15/10/1936, p. 35.
- _____. Curiosidades da psicanálise. *O Malho*, n. 177, 22/10/1936, p. 18.
- _____. Curiosidades da psicanálise. *O Malho*, n. 179, 05/11/1936, p. 15.
- _____. Curiosidades da psicanálise. *O Malho*, n. 181, 19/11/1936, p. 18.
- _____. Curiosidades da psicanálise. *O Malho*, n. 184, 10/12/1936, p. 37.
- _____. Curiosidades da psicanálise. *O Malho*, n. 190, 21/01/1937, p. 37.
- _____. Curiosidades da psicanálise. *O Malho*, n. 192, 04/02/1937, p. 36.
- _____. Curiosidades da psicanálise. *O Malho*, n. 204, 29/04/1937, p. 14.
- _____. Curiosidades da psicanálise. *O Malho*, n. 218, 05/08/1937, p. 31.
- _____. Curiosidades da psicanálise. *O Malho*, n. 221, 26/08/1937, p. 14.
- _____. Curiosidades da psicanálise. *O Malho*, n. 225, 23/09/1937, p. 32.
- _____. Morre, no exílio, Sigmundo Freud, o criador da psicanálise. *Dom Casmurro*, n. 120, 30/09/1939, pp. 3, 7.
- _____. A herança de Freud. *O Malho*, n. 333, 19/10/1939, p. 20.
- _____. Pintura brasileira. *Dom Casmurro*, n. 123, 21/10/1939, p. 6.
- _____. Não matará! *O Malho*, n. 336, 09/11/1939, p. 24.
- _____. A última vontade de Freud. *O Malho*, n. 5, mai. 1940, p. 23.
- _____. Viagem ao Brasil. *Dom Casmurro*, n. 151, 01/06/1940, p. 6.

- _____. No mundo dos livros. *Dom Casmurro*, n. 157, 13/07/1940, p. 6.
- _____. Nós, os charlatães. *O Malho*, n. 21, 10/1941, p. 67.
- _____. O beijo de Beethoven. *O Malho*, n. 140, 09/1951, p. 41.
- _____. “Entrevista”. *Revirão*, 1, Rio de Janeiro, julho de 1985. Disponível em [http://www.macjorge.pro.br/pdfs/entrevistas_feitas/Entrevista com Gastao Pereira da Silva.pdf](http://www.macjorge.pro.br/pdfs/entrevistas_feitas/Entrevista_com_Gastao_Pereira_da_Silva.pdf). Acesso em 10/02/2015.
- “Uma nova casa editora no Rio”. *O Jornal*, 04/07/1934, p. 5.

Outras fontes:

- BRASIL. Decreto n. 8.024, de 12 de março de 1881. Manda executar o Regulamento para os exames das Faculdades de Medicina. 12 mar. 1881.
- BRASIL. Decreto n. 23.655, de 27 de dezembro de 1933. Consolida as disposições sobre passagens gratuitas e abatimentos de transportes nas estradas de ferro de propriedade da União e por ela administradas e concede outros favores. 27 dez. 1933.
- FURSAC, J. Rogues de. *Manual of Psychiatry*. New York: John Wiley & Sons, 1916. Disponível em <https://archive.org/stream/manualofpsychiat00roguiala#page/n0/mode/2up>. Acesso em 05/11/2014.
- MOREL, Benedict-Augustin. Tratado das degenerescências na espécie humana. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 11, n. 3, pp. 497-501. (Original publicado em 1857). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v11n3/13.pdf>. Acesso em 13/03/2015.
- PORTO CARRERO, Julio Pires. *Ensaio de psicanálise*. Rio de Janeiro: Flores e Mano, 1929.
- RUSSO, Jane. Entrevista com Dona Nilza, 1987.
- _____. Entrevista com Heloisa Seelinger, 1987.
- SILVA, Gastão Pereira da; SILVA, José Pereira da. *Crime e psicanálise*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Marisa, 1933.
- SILVA, H. Pereira da. *Gastão Pereira da Silva. De filho para pai*. S.l.: Perspectiva Editora, 1993.
- TORRES, Magarinos. “Prefácio”. In SILVA, Gastão Pereira da; SILVA, José Pereira da. *Crime e psicanálise*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Marisa, 1933, pp. 9-31.

Fontes secundárias

- ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. As influências da psicanálise na educação brasileira no início do século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, vol. 22, n. 2, mai.-ago. 2006.

Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722006000200013&lng=en&nrm=iso. Acesso em 15/12/2014.

ALMEIDA, Miguel Osório. “A vulgarização do saber”. In MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildu de Castro; BRITO, Fatima (Org.). *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ, 2002 (1931), pp. 65-71.

ALONSO, Angela. *Idéias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. *Medicina, leis e moral: pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

AZEVEDO, Lia Calabre de. “Rádio Nacional”. In ABREU, Alzira Alves de (Org.). *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2010. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb>. Acesso em 12/02/2015.

BASTOS, Maria Helena Camara. Ferdinand Buisson no Brasil – Pistas, vestígios e sinais de suas ideias pedagógicas (1870-1900). *História da Educação*, Pelotas, (8): set. 2000.

BENSAUDE-VINCENT, Bernadette. Splendeur et décadence de la vulgarisation scientifique. *Questions de communication*, 17, 2010.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 23ª. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

BOTTMANN, Denise. “Curiosidades freudianas (1931-1969)”. *Belas Infiéis*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade de Brasília, v. 2, n. 2, 2013a, pp. 159-173. Disponível em <http://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/10629/7695>. Acesso em 02/01/2015.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. 2ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CARVALHO, Alexandre Magno Teixeira de. Trabalho e higiene mental: processo de produção discursiva do campo no Brasil. *História, Ciências e Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 1999, pp. 133-156. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459701999000200007&lng=pt&nrm=iso%3e. Acesso em 10/01/2015.

- CARVALHO, Emilio Nolasco de. *O divã e o altar: cultura psicanalítica e movimento protestante no Brasil*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- CARVALHO, José Murilo de. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. *Topoi*, Rio de Janeiro, n. 1, 2000, pp. 123-152.
- CASTRO, Rafael Dias de. *A sublimação do 'id primitivo' em 'ego civilizado': o projeto dos psiquiatras-psicanalistas para civilizar o país (1926-1944)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2014.
- CENNI, Franco. *Italianos no Brasil*. 3ª. ed. São Paulo: Edusp, 2003.
- CERQUEIRA, Ede. *A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal: Debates Sobre Ciência e Assistência Psiquiátrica (1907-1933)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2014.
- COFFIN, Jean-Christophe. *La transmission de la folie (1850-1914)*. Paris: D'Harmathan, 2003.
- COSTA, Jurandir Freire. *História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. 5ª. ed. rev. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O espelho do mundo: Juquery, a história de um asilo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- DANTES, Maria Amélia M. "Introdução: uma história institucional das ciências no Brasil". In DANTES, Maria Amélia M. (Org.). *Espaços da ciência no Brasil, 1800-1930*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001, p. 13.
- DINES, Alberto. *Morte no paraíso. A tragédia de Stefan Zweig*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- DIOGO, Marcia Cezar. *O Rio em revista: a reforma Pereira Passos nas crônicas da Revista da Semana, d'O Malho e da Kosmos*. Dissertação (Mestrado). PUC, Rio de Janeiro, 1999.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias; RUSSO, Jane; VENANCIO, Ana Teresa (Org.). *Psicologização no Brasil: atores e autores*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.
- DUARTE, Regina Horta. "Em todos os lares, o conforto moral da ciência e da arte": a Revista Nacional de Educação e a divulgação científica no Brasil (1932-34). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, jan.-abr. 2004.
- FACCHINETTI, Cristiana. *Deglutindo Freud: sobre a digestão do discurso psicanalítico no Brasil*. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica). UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.

- FACCHINETTI, Cristiana; CASTRO, Rafael Dias de. The Historiography of Psychoanalysis in Brazil: the case of Rio de Janeiro. *Revista Dynamis*, v. 35, n. 1, 2015, pp. 13-34.
- FACCHINETTI, Cristiana; PONTE, Carlos. De barulhos e silêncios: contribuições para a história da psicanálise no Brasil. *Psychê*, São Paulo, VII (11), jun. 2003, pp. 59-83.
- FERREIRA, Luiz Otávio. Os periódicos médicos e a invenção de uma agência sanitária para o Brasil (1827-43). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, jul.-out. 1999, pp. 331-351.
- FERREIRA, Luiz Otávio; FONSECA, Maria Rachel Fróes da; EDLER, Flávio Coelho. “A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no século XIX: a organização institucional e os modelos de ensino”. In DANTES, Maria Amélia (Org.). *Espaços da ciência no Brasil, 1800-1930*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001, pp. 59–75.
- FERREIRA, Luiz Otávio; MAIO, Marcos Chor; AZEVEDO, Nara. A Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro: a gênese de uma rede institucional alternativa. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, nov. 1997-fev. 1998, pp. 475-491.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. “A Noite”. In ABREU, Alzira Alves de (Org.). *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2010. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb>. Acesso em 12/02/2015.
- FIGUEIRÔA, Silvia F. de M. Instituições científicas e formas de institucionalização do saber. *Terra Brasilis (Nova Série). Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica*, n. 2, 1 jul. 2000. Disponível em <http://terrabrasilis.revues.org/317>. Acesso em 20/05/2014.
- FREUD, Sigmund. “Charcot” [1893]. In FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, volume III.
- _____. “Conferências introdutórias à psicanálise”. In FREUD, Sigmund. *Obras completas, vol. 13*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- _____. “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana” [1901]. In FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, volume VI.
- GLICK, Thomas. Precursores del psicoanálises en la América Latina. *Episteme: Filosofia e História das Ciências em Revista*, Porto Alegre, n. 8, 1999, pp. 139-150.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

- JONES, Ernest. *Vida y obra de Sigmund Freud*, vol. 3. Buenos Aires: Editorial Nueva, 1962.
- LINDOSO, Felipe. *O Brasil pode ser um país de leitores? Política para a cultura, política para o livro*. São Paulo: Summus Editorial, 2004.
- LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”. In REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escala. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.
- LUCA, Tania Regina de. Brício de Abreu e o jornal literário *Dom Casmurro*. *Vária História*, vol. 29, n. 49, Belo Horizonte, jan.-abr. 2013.
- _____. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In PINSKY, Carla (Org.). *Fontes históricas*. 2ª. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008, pp. 111-154.
- MACHADO, Roberto *et al.* *Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.
- MACHADO JUNIOR, Luiz Bosco Sardinha; CONSTANTINO, Elizabeth Piemonte. Aproximações entre o conceito de ideologia do cotidiano e a teoria das representações sociais. *II Colóquio da Pós-Graduação em Letras*, Assis, UNESP, 2010, p. 747. Disponível em <http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/ColoquioLetras/luizbosco.pdf>. Acesso em 29/06/2015.
- MARCONDES, Durval. Aspectos do aproveitamento prático da psicanálise. Conferência proferida no I Congresso Paulista de Psicologia, Neurologia, Psiquiatria, Endocrinologia, Identificação Medicina Legal e Criminologia. *Neurobiologia*, São Paulo, nº2 (1): 7-27, março 1939.
- MASSIMI, Marina. “O processo de institucionalização do saber psicológico no Brasil do século XIX”. In JACÓ-VILELA, Ana; FERREIRA, Arthur Arruda Leal; PORTUGAL, Francisco Teixeira (Org.). *História da psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2007.
- “Medeiros e Albuquerque”. In *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil. Pioneiros*. 2ª edição revista e aumentada. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2007. Disponível em <http://newpsi.bvs-psi.org.br/cgi-bin/wxis1660.exe/iah>. Acesso em 11/02/2015.
- MELLONI, Maria Teresa. *Rio de Janeiro (1937-1959), uma psicanálise possível*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2010.
- MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas. O caso da Editora Abril*. Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Unicamp, Campinas, 1997.

- MOKREJS, Elisabete. *A psicanálise no Brasil. As origens do pensamento psicanalítico*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- MONTEIRO, Denise Barcellos da Rocha; JACÓ-VILELA, Ana. “Fios, seduções e olhares: os primórdios ‘psi’ nas terapias para corpos e mentes perturbados”. In JACÓ-VILELA, Ana; FERREIRA, Arthur Arruda Leal; PORTUGAL, Francisco Teixeira (Org.). *História da psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2007.
- MOREIRA, Ildeu de Castro; MASSARANI, Luisa. “Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil”. In MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro; BRITO, Fatima (Org.). *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ, 2002.
- MOSCOVICI, Serge. *El psicoanálisis, su imagen y su público*. Buenos Aires: Editorial Huemul, 1979.
- NEVES, Afonso Carlos. *O emergir do corpo neurológico: neurologia, psiquiatria e psicologia em São Paulo a partir dos periódicos médicos paulistas (1889-1936)*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2010.
- OLINTO, Plínio. “A psicologia experimental no Brasil”. In ANTUNES, Mitsuko Aparecida M. (Org.). *História da Psicologia no Brasil: primeiros ensaios*. Rio de Janeiro: EDUERJ/Conselho Federal de Psicologia, 2004.
- OLIVEIRA JUNIOR, Alcidesio de. *De monstros a anormais: a construção da endocrinologia criminal no Brasil, 1930 a 1950*. Tese (Doutorado em História Cultural). Departamento de História/Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- PENNA, Antonio Gomes. *História da Psicologia no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1992.
- PONTE, Carlos Fidelis da. *Médicos, psicanalistas e loucos: uma contribuição à história da psicanálise no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz, Rio de Janeiro, 1999.
- PRADO, Antonio Arnoni. “Cronologia”. In MEDEIROS E ALBUQUERQUE. *Canções da decadência e outros poemas*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- PRADO, Décio de Almeida. *Procópio Ferreira*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- PRIORE, Mary del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009, pp. 7-16.

- REIS, José Roberto Franco. *Higiene mental e eugenia: o projeto de “regeneração nacional” da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-30)*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 1994.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, s.d.
- RUSSO, Jane. *O mundo psi no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- _____. A difusão da psicanálise no Brasil na primeira metade do século XX – Da vanguarda modernista à radio-novela. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 1, 2002, pp. 53-64.
- _____. “Júlio Porto-Carrero: a psicanálise como instrumento civilizador”. In DUARTE, Luiz Fernando Dias; RUSSO, Jane; VENANCIO, Ana Teresa (Org.). *Psicologização no Brasil: atores e autores*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005, pp. 127-149.
- _____. “Gastão Pereira da Silva”. In *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil. Pioneiros*. 2ª edição revista e aumentada. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2007. Disponível em <http://newpsi.bvs-psi.org.br/cgi-bin/wxis1660.exe/iah>. Acesso em 11/02/2015.
- SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.
- SANTA ROSA, Dirceu de. A propósito de uma carta de Freud. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. XXVIII, n. 3, 1994, pp. 461-469.
- SCHECHTER, Harold. *Fiend: The Shocking True Story Of Americas Youngest Serial Killer*. New York: Pocket Books, 2000.
- SEELINGER, Heloisa. “Entre balangandans e a Hora do Brasil: a propagação da psicanálise na Era Vargas através das revistas *Carioca* e *Vamos Lêr!*”. Relatório parcial de pesquisa de pós-doutorado financiada pelo CNPq, intitulada “Entre vilões e mocinhas, leitores e ouvintes: a difusão da psicanálise por Gastão Pereira da Silva na Era Vargas”, realizada no Programa de Estudos e Pesquisas em História da Psicologia – Clio-Psyché da UERJ, sob a supervisão da Profa. Dra Ana Maria Jacó-Vilela. Rio de Janeiro: 2010.
- _____. “Entre vilões e mocinhas, leitoras e ouvintes: a difusão da psicanálise por Gastão Pereira da Silva pela Rádio Nacional e imprensa na era Vargas”. Relatório parcial de pesquisa de pós-doutorado financiada pelo CNPq, intitulada “Entre vilões e mocinhas, leitores e ouvintes: a difusão da psicanálise por Gastão Pereira da Silva na Era Vargas”,

- realizada no Programa de Estudos e Pesquisas em História da Psicologia – Clio-Psyché da UERJ, sob a supervisão da Profa. Dra Ana Maria Jacó-Vilela. Rio de Janeiro: 2010.
- SILVA, André Felipe Cândido da. *A trajetória científica de Henrique Rocha Lima e as relações Brasil-Alemanha (1901-1956)*. Tese de doutorado (História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2011.
- SILVA, Heber Ricardo da. *A democracia impressa: transição do campo jornalístico e do político e a cassação do PCB nas páginas da grande imprensa, 1945-1948*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- SILVA, Livia Freitas Pinto. “Rui Barbosa e a Campanha Civilista nas caricaturas da revista *O Malho*”. Mariana: Anais do XVIII Encontro Regional de História - ANPUH-MG, 2012. Disponível em http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340747304_ARQUIVO_artigoanpuh11.pdf. Acesso em 08/02/2015.
- SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SORÁ, Gustavo. “A arte da amizade. José Olympio, o campo de poder e a publicação de livros autenticamente brasileiros”. Texto apresentado no I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 2004. Disponível em <http://200-142-86-59.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/gustavosora.pdf>. Acesso em 08/02/2015.
- STUBBE, Hannes. *Sigmund Freud in den Tropen. die erste psychoanalytische Dissertation in der portugiesischsprachigen Welt, 1914*. Aachen: Shaker Verl., 2011.
- TENÓRIO, Guilherme Mendes. *Zé Povo cidadão: humor e política nas páginas de O Malho*. Dissertação (Mestrado). UERJ, Rio de Janeiro, 2009.
- WEGNER, Robert; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Eugenia “negativa”, psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. *História, Ciências e Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, jan.-mar. 2013, pp. 263-288.
- Páginas de internet:
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. “Constâncio Alves. Biografia”. Disponível em <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=422&sid=262>. Acesso em 27/04/2015.
- _____. “Humberto de Campos. Biografia”. Disponível em www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=640&sid=221. Acesso em 01/04/2015.

- _____. “Pereira da Silva. Biografia”. Disponível em <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=285&sid=207>. Acesso em 28/04/2015.
- _____. “Roquette-Pinto. Biografia”. Disponível em <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=196&sid=198>. Acesso em 18/05/2015.
- ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS. “Cadeira 16”. Disponível em <http://www.academiacariocadeletras.org.br/cadeira16.html>. Acesso em 02/01/2015.
- BALABAN, Marcelo. Este animal de pelo. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 7, Nº 78, março de 2012. Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/retrato/este-animal-de-pelo>. Acesso em 30/06/2015.
- BOTTMANN, Denise. “Zoran Ninitch I”. 2013b. Disponível em <http://naogostodeplagio.blogspot.com.br/2013/03/zoran-ninitch-i.html>. Acesso em 02/01/2015.
- CAIRE, Michel. “Histoire de la psychiatrie em France”. 2011-2014. Disponível em <http://psychiatrie.histoire.free.fr/>. Consultado em 05/11/2014.
- CASA DE RUI BARBOSA. “O Malho”. S.d. Disponível em <http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho>. Acesso em 08/02/2015.
- FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. “Rádio Sociedade”. S.d. Disponível em <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home>. Acesso em 20/03/2015.
- HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. “A Noite”. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, s.d. Disponível em <http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/noite>. Acesso em 10/02/2015.
- “Maurício de Medeiros”. Disponível em http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/Mauricio_de_Medeiros. Acesso em 11/02/2015.
- MUSEU DA VIDA. “Edgard Roquette-Pinto”. In *Brasiliana. A divulgação científica no Brasil*. Disponível em <http://www.museudavida.fiocruz.br/brasiliansa/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=155&sid=30>.
- “Henrique Morize”. In *Brasiliana. A divulgação científica no Brasil*. S.d. Disponível em <http://www.museudavida.fiocruz.br/brasiliansa/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=153&sid=30>. Acesso em 20/03/2015.

- MUSEU DE HISTÓRIA DE MEDICINA DO RIO GRANDE DO SUL. “Gastão Pereira da Silva, biografia”. S.d. Disponível em <http://www.muhm.org.br/index.php?formulario=biografias&metodo=4&id=0&submenu=4>. Acesso em 06/11/2014.
- PAULON, Wagner. “Dr. Gastão Pereira da Silva. O maior divulgador da psicanálise no Brasil”. 2011. Disponível em http://www.escrita.com.br/escrita/leitura.asp?Texto_ID=15385. Acesso em 19/11/2014.
- _____. “Palestra com o Senhor Professor Doutor Gastão Pereira da Silva”. 1972. Disponível em <http://blog.clickgratis.com.br/wpaulon/334674/PALESTRA+COM+O+SENHOR+PROFESSOR+DOUTOR+GAST%C3O+PEREIRA+DA+SILVA++.html>. Acesso em 31/01/2015.
- “Primeiros comentadores da doutrina”. Disponível em <http://www.psicopatologiasfundamental.org/pagina-primeiros-comentadores-da-doutrina-432>. Acesso em 20/03/2015.
- SCHMIDT, Bernardo. “Bibliografia comentada de Procópio Ferreira”. In *O Patativa*, 10 dez. 2009. Disponível em <http://bernardoschmidt.blogspot.com>. Acesso em 26/11/2014.

ANEXO 1: ARTIGOS DE GASTÃO PEREIRA DA SILVA PUBLICADOS NA REVISTA
O MALHO

Artigo	Edição	Data	Pág.	Conteúdo
1 Don Juan nunca existiu	147	26/03/1936	14	Don Juan como mito criado para simbolizar os instintos eróticos do amor; citações de Otto Rank e Medeiros e Albuquerque
2 Um instante psicológico	150	16/04/1936	16	Comparação entre a queima do café e a queima dos livros
3 A alegria de viver	157	04/06/1936	15	Crônica sobre situações do cotidiano
4 Alucinação	159	18/06/1936	16	Alucinação sobre Sócrates não ter existido
5 A página que Liszt não escreveu	175	08/10/1936	11	História sobre Beethoven e Liszt
6 Curiosidades da psicanálise I	176	15/10/1936	32	Lapsos como revelações do inconsciente dotadas de sentido oculto
7 Curiosidades da psicanálise II	177	22/10/1936	18	Outros exemplos de lapsos; psicanálise como ciência oposta à superstição
8 Curiosidades da psicanálise III	179	05/11/1936	15	Continuação sobre lapsos; crença no determinismo da vida psíquica, inexistência de acaso; psicanálise ampliando o campo de investigações da psicologia
9 Curiosidades da psicanálise IV	181	19/11/1936	18	Sonhos como expressão do inconsciente, de desejos reprimidos
10 Curiosidades da psicanálise V	184	10/12/1936	37	Crimes hediondos causados pela fixação da libido na curiosidade infantil
11 Curiosidades da psicanálise VI	190	21/01/1937	31	Arte como sublimação dos conflitos interiores do artista
12 Curiosidades da psicanálise VII	192	04/02/1937	36	Complexo de Édipo. Posição de cada membro na família
13 Curiosidades da psicanálise VIII	204	29/04/1937	14	O delinquente para a psicanálise. A pedagogia deve substituir a penologia
14 Curiosidades da psicanálise IX	218	05/08/1937	31	Ensaio "Uma experiência religiosa", de Freud. Complexo de Édipo
15 Curiosidades da psicanálise X	221	26/08/1937	14	O papel da escola na formação das crianças
16 Curiosidades da psicanálise XI	225	23/09/1937	32	Medo e covardia como fraquezas do inconsciente. Papel negativo da educação infantil dada pelas famílias
17 Primavera ritmo do amor	230	28/10/1937	11	Primavera, a estação que favorece o amor
18 O sentido oculto dos sonhos	248	03/03/1938	18	Sonhos e seu papel como revelação do inconsciente. Artigo mais aprofundado
19 Porque não se é castigado	249	10/03/1938	19	Crítica aos que exerciam o papel de médicos sem qualificação para tal
20 Diálogos de hospital	273	25/08/1938	20	Crônica com humor
21 Pra quê?	275	08/09/1938	24	Guarda Negra, papel dos negros após a escravidão
22 O vizinho de Kant	282	27/10/1938	23	Anedota sobre um vizinho que atrapalhava ao filósofo Kant
23 A vida é uma circunferência	315	15/06/1939	20	Crônica sobre a repetição dos acontecimentos na vida
24 A última visita	320	20/07/1939	20	Crônica sobre a morte de um anônimo
25 A herança de Freud	333	19/10/1939	20	Defesa de Freud contra as críticas por ser judeu
26 Não matará!	336	09/11/1939	24	A guerra como descarga dos instintos reprimidos pela civilização; citação de Freud sobre a guerra de 1914
27 A última vontade de Freud	5	jun/1940	23	Decepção de Freud com a humanidade. Seu sacrifício não teria valido a pena
28 De Debret	11	dez/1940	35	Comentário sobre a reedição do livro de Debret, definido como penetrante psicólogo
29 Uma reminiscência de Santos Dumont	13	fev/1941	20	Comentário sobre o lado contemplativo de Santos Dumont
30 Brasil, país de futuro	21	out/1941	52	Elogio a Stefan Zweig e a seu livro sobre o "Brasil, país de futuro"
31 Nós, os charlatães	21	out/1941	65	Defesa do trabalho de divulgação da psicanálise feito por ele e de divulgação da ciência feito por vários escritores norte-americanos e ingleses
32 Pregões do Rio antigo...	27	abr/1942	21	Memória sobre alguns vendedores de rua do Rio antigo, já em processo de desaparecimento
33 Quadros históricos	30	jul/1942	43	Curta história humorística sobre as aparências
34 O milagre de Papai Noel	35	dez/1942	41	Conto natalino
35 A "Petite Simone"	49	fev/1944	39	Comentário sobre um episódio de um livro de Ary Paixão sobre a guerra
36 O precursor do cinema falado entre nós	49	fev/1944	47	Aponta Francisco Serrador como o primeiro que sonhara com o cinema sonoro
37 O beijo de Beethoven	140	set/1951	41	História sobre Beethoven e Liszt, repetição de 5

ANEXO 2: LIVROS DE GASTÃO PEREIRA DA SILVA POR EDITORA, DÉCADAS DE 1930 E 1940⁵⁸⁶

Andersen Editores

A psicanálise. 1934.

Atlântida

Lenine e a psicanálise. 1933; *Para compreender Freud*. 3ª. ed., 1933; *Psicanálise em 12 lições*, 1934.

Civilização Brasileira

Para compreender Freud. 4ª. ed., 1934 e 5ª. ed., 1940; *Xavier de Silveira e a República de 89*. 1940.

Epasa

Doentes célebres. 1940 ou 1942.

Imprensa Nacional

Para compreender Freud. 1ª. ed., 1931.

José Olympio

Vícios da imaginação, 1ª. ed., 1939; *Como se interpretam os sonhos*, 1943; *Como se pratica a psicanálise*, 1948.

Mariza

(c/SILVA, José Pereira da). *Crime e psicanálise*, 1933; *Educação sexual da criança*, 1934.

Moderna

O operário e a nova sociedade, 1ª. ed., 1932; 2ª. ed., 1933; *Um para quarenta milhões: Procópio Ferreira através da psicanálise*. 1933; *Nevrose do coração*. 1ª. ed., 1934.

Mundo Latino

Para compreender Freud. 6ª. ed., 1942; *Tabu da virgindade*, 1ª. ed., 1943.

A Noite

Conheça seu filho. 1942.

Nosso Livro

Os bichos amam assim. 1944.

Oficinas Gráficas de A Pernambucana

Sangue. Romance, 1928.

⁵⁸⁶ Todas as editoras se localizavam na cidade do Rio de Janeiro, a não ser que haja indicação em contrário.

Oscar Mano

O drama sexual de nossos filhos, 1939.

Renascença

Para compreender Freud. 2ª. ed., 1932.

Zélio Valverde Editor

Prudente de Moraes, o pacificador, 1938; *Getúlio Vargas e a psicanálise das multidões*, 1940
(?).

— 36 — FON - FON 27 - 8 - 932



O dr. **Gastão Pereira da Silva**, que já se tornara conhecido nos meios intellectuaes com a publicação de obras scientificas, entre as quaes se destaca «Para comprehender Freud», agora em segunda edição, acaba de surgir como escriptor socialista, editando «O operario e a nova sociedade». Nesse trabalho, o dr. **Gastão Pereira da Silva** faz a apologia do phisioeratismo, comparando o corpo social ao organismo animal. Prescindindo da fé e da moral religiosa, o autor attribue a crise actual á falta da caridade da intelligencia e aconselha para remedio dos males presentes da sociedade a theoria da «sinergia social», de Socrates Diniz.



Caverna de Afi Babá

com 30, John Steward Kennedy com 30, John W. Sterling com 20, Edmundo C. Converse com 20, J. R. de Lamar com 16 e meio, Mrs. Stephan V. Harkness com 16, August D. Jullard com 15, Henry E. Huntington com 15, George Eastmann com 12 e meio, George F. Baker com 12, J. P. Morgan com 10, William e Charles H. Mayo com 8, os irmãos Du Pont com 8, J. Ogden Armour com 6, George R. White com 6, Wiebolde W. A. com quatro e meio, Augusto Heckscher com 4, J. J. Astor com 4 e Lotte Cabtree com 4.

A lista é formidavel, tanto quanto aos nomes como quanto aos milhões. E' um rol digno mesmo do alto poder financeiro e economico



«Uma porção de folhas» foi o titulo modesto e ao mesmo tempo impressivo que o poeta Brígido Tinoco escolheu para baptizar a sua collectanea de versos lyricos. E' «Uma porção de folhas», ou antes, uma série de paginas que se lêem com um encantamento crescente, pois o poeta sabe commover e encantar com a sua arte.

dos Estados Unidos, apesar de todas as crises. Nunca houve no mundo tantos Mecenas juntos e que pudessem dispor facilmente de tanto dinheiro.

ALCOOL E LONGEVIDADE

Se o whisky não dá a longevidade, pelo menos parece que para ella contribue. E' o que se deduz dum exemplo recente. Completou cem annos em Vienna o senhor Franz Wilmertons, que se gaba de beber diariamente, apesar dos ja-neiros que carrega, alguns copios de puro whisky.

CONCURSO DE MENTIRAS

Um judeu e um italiano conversam no bonde. Diz o segundo:
 — Contas que teus antepassados fizeram maravilhas. Os meus, os romanos fizeram maiores. Sabes o que recentemente se encontrou numa excavação, em Roma?
 — Não. Que foi?
 — Arames.
 — E que tem isso?
 — Ora, que tem? Então, não vês que isso prova que os romanos inventaram o telegrapho?
 O judeu ficou um momento pensativo e, depois:
 — Ora, isso é café pequeno... Numa excavação em Jerusalem não se encontrou nada.
 — Nada? E que quer dizer isso?
 — Naturalmente quer dizer que os judeus naquelle tempo já haviam inventado a telegraphia sem fios...

SÉSAMO

MECENAS MODERNOS

Uma estatistica recentemente publicada revela que, de 1915 a 1925, no espaço duma década, os grandes millonarios norte-americanos fizeram a instituições scientificas e estabelecimentos de ensino de seu paiz donativos no valor de 1.577 milhões de dollars.

Entre esses Mecenas, os jornaes alinhavam os seguintes nomes: John Rockefeller com 575 milhões, Andrew Carnegie com 350, a Cleveland Foundation com 150, Henry Erich com 85, Milton S. Harskey com 60, Mrs. Russell Sage com 40, James B. Duke com 40, Henry Phipps com 31, Benjamin Altmann

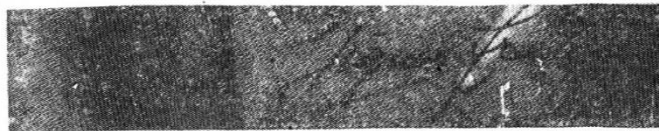


O sr. Lourival Cruz acaba de estrear no mundo das letras com um romance bem interessante, intitulado «Esther». A feição religiosa que o escriptor imprimiu ao seu livro de estrea impregna de suave mysticismo as paginas que creou sem prejudicar a movimentação do enredo da obra, muito simples e expressivo no genero.

Figura 1 Retrato de Gastão publicado na revista Fon-Fon, em 1932



*Die signierte Photographie die Sie haben
wollen, sollen Sie aber bekommen.
Ich weiss zwar nicht, was Ihnen
das Abbild des hässlichen Psycho-
genie eines jetzt 78-jährigen
Mannes wert sein kann*



*Herrn Dr. Gastao Pereira da Silva
mit herzlichem Gruss.
bedauern. mein Name ist ja in
Brasilien unbekannt und soll
erst durch Ihre und Minich's
Arbeiten bekannt werden.
Herzlich Ihr
Freud*

FREUD A GASTÃO PEREIRA DA SILVA:

Referindo-se à fotografia, diz textualmente: "Mas, a fotografia autenticada, entrego-lhe com prazer. Não sei entretanto que proveito poderá ter com a imagem de uma fisionomia feia de um velho de 78 anos." Finalizando: "Meu nome ainda é desconhecido no Brasil e somente o seu esforço o tornará conhecido,

Cordialmente, seu Freud."

Figura 2 A carta de Freud, com a foto, enviada para Gastão em 1934. Fonte: contracapa de SILVA, 1993.

As curiosidades da psicanálise

I

Ha, em nossa vida cotidiana, pequeninas falhas mentais que, apesar de nossa auto-crítica, do efeito da "censura íntima", do freio constante da educação e do preconceito sociais, se revelam a cada instante, independente de nossa vontade, nos gestos e nas atitudes, deixando-nos, muita vez, em serios embaraços... Tais são os lapsos, os quais, até bem pouco tempo, eram explicados por méras deslembanças, ou simples ausencia de memória, e tantos outros "delitos íntimos" cujos estudos freudianos dão, entretanto, a esse rosario de "indiscreções psíquicas" um sentido bem diferente...

—)o(—

Todos nós ouvimos, às vezes, uma palavra por outra, escrevemos cousa diferente do que tínhamos a intenção de escrever, lemos um trecho impresso ou manuscrito, surpreendidos por frequentes equívocos que nos levam a uma falsa leitura, etc.

Outras vezes nos esquecemos de um nome que nos é familiar, de um objecto que guardamos, ou que perdemos definitivamente...

—)o(—

Esses pequeninos accidentes, póstos á margem pelas demais ciencias, como insignificantes ou desprovidos de interesse, são, ao contrario, a razão de acuradas observações da psicanálise, porque caracterizam, sem duvida alguma, as "traições do nosso inconciente".

—)o(—

Um presidente da Camara abriu, certa vez, a sessão com esta frase: "Senhores deputados, feita a chamada e havendo "quorum", acha-se levantada (em vez de aberta) a sessão".

O sentido oculto deste lapso revela o desejo contrario e inconciente do presidente da Casa. E' que naturalmente naquêle dia não havia nada de importante a tratar...

—)o(—

Um lente de anatomia, depois de uma preleção, indaga dos alunos, si fóra bem compreendido. E acrescenta: "Não creio. As pessoas que verdadeiramente assimilam esta questão (o objecto da aula) ainda que numa cidade de um milhão de almas, podem ser contadas por um só



dêdo... Ferdão!... pelos dêdos de uma só mão..."

Que pensou o lente? Que até não havia mais ninguém, a não ser êle, capaz de compreender a questão em apreço...

—)o(—

Uma senhora pede ao seu médico noticias de uma velha amiga. Ao indagar, porém, esquece-se por completo do sobrenome do marido...

Interrogada sobre o extranho esquecimento ela declara que o marido da sua amiga lhe é profundamente antipático...

—)o(—

Jones deixou, durante varios dias, em cima de sua mesa de trabalho, uma carta que havia escrito, decidindo-se depois a expedi-la. Dias decorridos, recebeu a mesma carta, devolvida pelo correio, por falta de endereço. Ele corrige o "lapso", mas, ao enviar de novo a missiva, esquece-se do selo...

Essa "distração" obrigou-o a confessar que, de fato, havia má vontade, de sua parte, em mandar a carta ao destinatario.

—)o(—

Conta-se que um assassino, prevalecendo-se da prerrogativa de bacteriologista procurava, nos laboratorios de microbiologia, culturas de germes patogenicos, altamente perigosas, e com ellas infeccionava as pessoas que pretendia colocar á margem da vida...

Certa vez, esse criminoso ultra moderno escreveu á direção de um desses laboratorios uma carta, na qual se queixava da inefficácia das culturas a êle enviadas. No correr da exposição, porém, cometeu um "lapso calami". Em lugar das palavras: "nos meus ensaios em coelhos e coelhas da Índia", escreveu: "em meus ensaios sobre individuos humanos".

Certo ninguém duvidará da ideia maligna que o "lapso" abriga, embora não constitua prova criminal...

—)o(—

Essas indiscretas revelações do inconciente, essas "insignificantes" noticias que nos vem da profundez do espirito e que passam, na sua maioria, despercebidas possuem, como dissemos, um "sentido", uma expressão de protesto patente do nosso eu interior ás diversas atitudes por nós assumidas na vida social?...

GASTÃO PEREIRA DA SILVA

Figura 3 A primeira coluna As curiosidades da psicanálise, *O Malho*, n. 176, 15/10/1936, p. 35.



A CANDIDATURA DE GASTÃO PEREIRA DA SILVA À ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

VAMOS LER! registra, com especial satisfação, a apresentação de Gastão Pereira da Silva ao Triângulo. Trata-se de um colaborador muito querido desta revista, que começou a frequentar-lhe as páginas, no próprio dia em que ela nasceu, e se tem conservado, desde então, como o mais assíduo e mais ligado às suas campanhas.

Gastão Pereira da Silva é um tipo representativo do homem de letras todo votado à vida do espírito e por guardar essa espontanei-

dade e devoção que lhe são naturais por vocação, é que não se destacou, ainda como devia, o seu labor intenso de autor de mais de 40 obras de divulgação científica e literária e mais de 100 monografias, sem contar uma infinidade de artigos e ensaios menores. Ele se apresenta na casa suprema da literatura nacional como um cidadão nascido para ela e que lhe faz jus pela sinceridade e pela nobreza dos seus serviços à cultura do povo e ao melhoramento intelectual das classes médias.

Gastão Pereira da Silva é, pois, um veterano das letras brasileiras, e a forma útil e fecunda com que tem sabido compreender a missão "guiadora" das elites num país novo, e a modéstia como tem vivido, debruçado sobre a mesa das redações e do seu gabinete de trabalho, bem merecem uma láurea de acadêmico. Ela ficará muito bem à volta de sua cabeça enbranquecida na tarefa sempre inglória, do ponto de vista material, que é servir à causa desinteressada da inteligência.

VAMOS LER! — Rio, 1 - 6 - 1944 — PAG. 23

Figura 4 Foto de Gastão, publicada em *Vamos Lêr!*, 01/06/1944, p. 23, quando a revista declarou apoiar a sua candidatura à ABL

Academia de Letras?

RESULTADO DA PRIMEIRA APURAÇÃO PARCIAL
(incluindo a votação popular)

Gastão Pereira da Silva	36 votos
Jorge de Lima	28 "
J. G. de Araújo Jorge	19 "
Basílio Magalhães	8 "

Indefinido em meio ao esfôço renouador das estruturas da língua os idiomas e todos os laços. Três conselhos, na sua essência, agindo desde o início do século do idioma brasileiro e equívocos inconspicuos, construção de pensamento épico dos que seguiram programas em bases de compromisso e bondade para arquitetar de um novo mundo de após-guerra.

Só Allah sabe a verdade!
(Voto de Malba Tahan)

Qual será o resultado da última "securitização" dos destinos da eleição acadêmica? Só Allah sabe a verdade! E os grandes nomes da nossa Kaaba literária obedecem, muitas vezes, à inspiração de Chelchik e Infernal. Em todo caso penso que o quarto "castelo" Jorge de Lima, embora necessariamente figura-se nas mesmas características quarentais.

... uma simples mudança de nome
(Voto de J. G. de Araújo Jorge)

Para a vaga de Pereira da Silva, antes de insinuar, votaria no Gastão Pereira da Silva. Como se vê, há uma simples mudança de nome. Além do mais, há um excelente protelatório do espírito.

... viria apenas confirmar a mortalidade de que já é dono
(Voto de Alvarus de Oliveira)

Para substituir Pereira da Silva eu votaria em Jorge de Lima. Integrado em uma situação peculiar brasileira com o "protelatório da linguagem", entre os mais conhecidos com "Pápa Fido", Jorge de Lima tem seu lugar definido nas letras contemporâneas. E não só nas letras propriamente ditas, ele também tem seu lugar definido na vida nacional; líder político, liderança conquistada não só pela sua obra, ultimamente dirigida ao "sentido universal" como pela sua atuação ideológica. E o representado desta eleição acadêmica. (CONCLUIE NA PÁGINA 44)

QUEM DEVE OCUPAR A POLTRONA N.º 18 DA ACADEMIA?

Voto em:

Porque:

Remeta este "coupon" para "Concurso Academia de Letras" — VAMOS LER! — Edifício de "A Noite" — Praça Mauá, 5 — 5.º andar, Rio.



Figura 5 Caricatura de Gastão publicada na revista *Vamos Lêr!*, 06/07/1944, p. 19, dentro da enquete "Quem deve ocupar a poltrona n. 18?", primeira semana

Academia de Letras?

QUARTA APURAÇÃO PARCIAL

Gastão Pereira da Silva	615
Jorge de Lima	197
Jorge de Araújo Jorge	183
Basílio Magalhães	183
Alvarus de Oliveira	102
Alcides Ballestrero	96
Alcides Ballestrero	86
Alcides Ballestrero	86
Alcides Ballestrero	17
Alcides Ballestrero	10

Uma questão de bairrismo...
(Voto de Ocelio de Medeiros)

De quem não é acadêmico fica em situação embaraçada para votar, imaginando a situação de quem enverga o fardado. Jorge de Lima, Adonias Schmidt e J. G. de Araújo Jorge têm as razões preferenciais. Pereira o último, não só pelo fato de ser poeta como os outros, mas também por uma questão de bairrismo ambos nasceram no Acre...

Grande força poética
(Voto de José Emilio)

Voto em Jorge de Lima, porque foi um grande força poética em "Essa é a Pápa Fido", onde se revelou ótimo poeta.

Uma das maiores culminâncias da literatura
(Voto de Sebastião Almeida Oliveira)

Como veio o cupão de VAMOS LER! pensando meu voto.

Não desdenhar o valor dos demais participantes, de quem sou amigo de muitas vezes, voto em Basílio de Magalhães porque é, para mim, uma das maiores culminâncias da literatura, da história e da literatura do Brasil brasileiro sempre reconhecido, que é Basílio Magalhães.

Para reconhecê-lo se precisa — Boa lembrança de Academia de Ciências e Letras e do Instituto Brasileiro de São Paulo a favor de dele Jorge "Exposições do Presidente Getúlio" e "Carta Redonda", sendo celebrada em "Dona Camélia" e "Dona Camélia" revista do Brasil.

QUEM DEVE OCUPAR A POLTRONA N.º 18 DA ACADEMIA?

Voto em:

Porque:

Remeta este "coupon" para "Concurso Academia de Letras" — VAMOS LER! — Edifício de "A Noite" — Praça Mauá, 7 — 5.º andar, Rio.

VAMOS LER! — Rio, 27 - 7 - 1944 — PÁG. 39



Figura 6 Caricatura de Gastão publicada na revista *Vamos Lêr!*, 27/07/1944, p. 39, dentro da enquete "Quem deve ocupar a poltrona n. 18?", quarta semana

QUANDO começámos a divulgar a ciência de Freud no Brasil, não faltaram espíritos retrógrados, que viam a cidadela da psicanálise ameaçada pela intrusão dos leigos dentro dela.

Popularizar a doutrina, seria violar um TABU.

E só calaram, quando eu publiquei a carta que Freud me escreveu, dizendo-me que devia a mim a "divulgação" da sua doutrina no meu país.

O Brasil, nas asas desse preconceito boforento, de que a ciência deveria ser privilégio do MAGISTER DIXIT, ganhava em ignorância e perda em ilustração.

Os livros que se destinavam a orientar as massas, trazendo-lhes o conhecimento dos problemas fundamentais da vida, na apreciação dos fatos científicos, dos quais não podemos hoje prescindir, eram menosprezados...

"Livros populares, — diziam".

E' como se dissessem: "Não tem valor". Ou mais claramente: "cousa de charlatão"...

Entretanto, enquanto isto se passava no Brasil, países como a Alemanha, a França, a Inglaterra, a América do Norte, semeavam pelo mundo inteiro livros maravilhosos de divulgação científica, escritos pelos nomes mais gloriosos da ciência moderna.

Principalmente a Inglaterra e a América do Norte vinham sendo os pioneiros deste interessantíssimo movimento universal.

Dizem esses autores que a explicação daquilo que quotidianamente acontece no universo só pôde ser esclarecido pela CIÊNCIA e que o homem de hoje, envolvido em infinitos fenômenos, que desconhece, é vítima deles, na maioria das vezes...

Assim, o homem moderno não podia ser mais o espectador estonteado dos acontecimentos universais, como um selvagem diante dum eclipse do sol, ou da lua...

Ao contrário. Ele precisava CONHECER, nas suas linhas gerais, a ciência contemporânea, tentaculizada nos seus inúmeros ramos de especialização.

Já não havia mais lugar para a "maçonaria dos doutos". Já não devia haver mais obstáculos entre o homem comum e o homem de ciência.

— Vai-te daqui, cão! Tu não és homem prá me matar; tens medo da cadeia!

A gargalhada que soltou misturou-se ao barulho do tiro. Ela cambaleou, mas, segurando-se para não cair, ainda gritou a palavra que tão facilmente saía de sua boca e que tanto me humilhava:

— Covarde! E's um covarde! Foge, agora; anda, fuge, "seu" covarde! Mas ei de perseguir-te mesmo morta. Não há de t'êr socôgo!

Sem saber o que fazia, atirei mais uma vez. E, quando vi aquêle corpo querido cair ensanguentado, compreendi o que tinha feito e cai ao seu lado, beijando-a e, como ela dissera, pedi-lhe perdão... Os amigos quiseram que eu fugisse, mas, lembrando-me das palavras dela, fui entregar-me às autoridades. Vim preso prá cá e, não sei bem porque, depois de

Nós, os charlatães...

Assim nos falaram H. GORDON GARBERIAN, DAVID DIETZ, EDWARD F. GRIFFITH, GEORGE RUSSEL, SHEA GILBERT, H. G. WELLS, JULIAN HUXLEY, MORTON MORRISSON e tantos outros nomes de projeção universal e que, finalmente, encontraram no Brasil um publico numeroso e acolhedor, o que tem facultado excelentes tradu-

ções como "O Romance da Ciência", "Maravilhas da Medicina", "O sexo na vida diária", "Biografia de um embrião", "Maravilhas da Física", "Você e a hereditariedade", ou ainda, essa extraordinária obra de Wells que sistematiza e divulga a CIENCIA DA VIDA!

Aparece destarte, traduzida para o nosso idioma uma literatura prodigiosa e de grandes objetivos para o Brasil, no instante preciso em que ele se revitaliza, se refaz, ou renasce para o seu mais glorioso destino, que é o da esplendida floração da cultura do seu povo!

E isto se deve a "nós, os charlatães"...

Remdito charlatanismo!

Gastão Pereira da Silva



dois anos, ontem, me soltaram. Mas eu ainda não estou livre. João! Sinto-me preso pela sua lembrança. Ela me persegue, zomba de mim! A toda hora, em toda parte ouço as gargalhadas ferinas que ela soltava, e parece que vou enlouquecer!

— Deixa disso, Juvencio! Agora acabou. Não há motivo para esse desespero.

— Tu não sabes: ela está cumprindo sua promessa.

— Deixa de tolices, homem! Já dois anos se passaram.

— Na cadeia era melhor. Lá eu sentia que estava pagando pela morte dela, e socejava mais. Mas, aqui fóra, ninguém me castiga; sou livre! E quero sofrer.

O relógio da praça próxima anuncia que a noite vai em meio.

João levanta-se, abraça o amigo:

— Deixa estar, Juvencio. Vou vêr se arranjo um emprego prá ti, onde eu trabalhar. Não voltes prá ilha enquanto não esqueceres. Verás que isso passa. E pôdes acreditar: os mortos não falam! Tolices...

João sai. Juvencio fica.

Mais 3 vezes o relógio da praça registra a corrida do tempo.

Então, como que despertando, Juvencio levanta-se e passeia, nervosamente, pelo barco. Está agitado, fala sózinho. Faz esforços para livrar-se de qualquer coisa imaginária que o agarra.

De repente, o silêncio e quebrado pelo baque surdo de um corpo que cai n'água.

O sentimento de culpa levou o enciumado a tragédia fatal.

Figura 7 Artigo: Nós, os charlatães, O Malho, out. 1941